UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Doutorado

INSTITUDO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

So89k

Souza, Ilda de.
Koenukønoe emo'u - a língua dos índios Kinikinau / Ilda de Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Filomena Spatti Sandalo.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua indígena. 2. Índios Kinikinau. 3. Línguas em contato. I. Sandalo, Filomena Spatti. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

UNIDADE BC
Nº CHAMADA: T/UNICAMP So89k
V. EX.
TOMBO BCCL 77406
PROC 16.129.08
C D
PREÇO 11,00
DATA 02-07-08
BIB-ID 438848

Título em inglês: Koenukonoe emo'u - the language of the Kinikinau indians.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Indians languages; Indians Kinikinau; Language in contact.

Área de concentração: Línguas indígenas.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Filomena Spatti Sandalo, Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori, Profa. Dra. Bruna Franchetto, Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto e Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim.

Data da defesa: 26/02/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Filomena Spatti Sândalo _____

Angel Humberto Corbera Mori _____

Bruna Franchetto _____

Luciana Raccanello Storto _____

Tânia Maria Alkmim _____

Rogério Vicente Ferreira _____

Maria Bernadete Marques Abaurre _____

Charlotte Marie Chambelland Galves _____

Este exemplar é a redação final da tese / dissertação e aprovada pela Comissão Julgadora em:

29 / 05 / 2008

_____

IEL/UNICAMP

2008

200813596

ILDA DE SOUZA

KOENUKUNOE EMO 'U

A língua dos índios Kinikinau

Tese apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo

Campinas
2007

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição da língua kinikinau, pertencente à família Aruak, falada por um reduzido número de índios da mesma denominação. Nesta descrição, apresento um capítulo com dados históricos e etnográficos sobre esse pequeno grupo indígena, pelo fato de ser pouco conhecido e de estarem povo e língua em vias de extinção. Apresento aspectos da fonologia, da morfologia de nomes e verbos, bem como da estrutura sintática. Os Kinikinau vivem na aldeia São João, região da Serra da Bodoquena, próximo à cidade de Bonito, MS, região Centro Oeste do Brasil. A terra pertence aos índios Kadiwéu, com quem os Kinikinau se relacionam em situação de vassalagem desde os mais remotos documentos históricos, quando viviam no Chaco paraguaio. Devido ao contato prolongado, havia hipótese sobre a língua, que possivelmente teria sido substituída pela língua do dominador. Outra hipótese é que a língua, em contato com as línguas kadiwéu, terena e portuguesa, teria crioulizado. E, ainda, uma terceira hipótese, que a língua falada pelos Kinikinau seria a língua terena. Esta língua não foi anteriormente descrita, porque foi dada como uma língua extinta desde o *Handbook of South American Indians* (1946). O resultado desta pesquisa refuta as três hipóteses e vem afirmar que existe uma língua kinikinau, muito semelhante ao terena, conforme foi percebido por Sanchez Labrador (1910), porém com diferenças em aspectos gramaticais relevantes. Se os Kinikinau falaram, um dia, terena, o contato se encarregou de a transformar. Este estudo pode contribuir para teorias sobre contato lingüístico.

Palavras-chave: Línguas Indígenas; Kinikinau; contato

ABSTRACT

The goal of this work is a first grammar of Kinikinau, a language spoken in Serra da Bodoquena, Mato Grosso do Sul, Brazil. The Kinikinaus have been slaves of the Kadiwéu people for more than 500 years. The language has been pointed out as extinct (Mason 1946), and there are no previous studies. Some authors have pointed out that the Kinikinaus speak a native language, but some have suggested that this language would be Kadiwéu or Terena, and others pointed out that this language could be a Creole language given its intense contact with Kadiwéu, Terena, and Portuguese. This work attempts to show that Kinikinau is an Aruakan language, very similar to Terena, but there are significant grammatical differences when compared to Terena that can support a classification as an independent language.

key words: Indigenous language; Kinikinau; Contact

DEDICATÓRIA

À Dona Zeferina, pela sua sabedoria, pelo esforço em manter viva a língua de seus antepassados, pela resistência e pela luta para libertar seu povo da dominação, mesmo sem saber ler e escrever. Pela colaboração, pelos ensinamentos.

Aos meus filhos

Ana

e

Alexandre

por darem sentido à minha vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo a minha orientadora, Filomena Sandalo, pelos ensinamentos, pela paciência com o meu tempo de aprendizagem sobre a língua, pela ajuda, de fundamental importância para a realização deste trabalho, pela amizade, pelo carinho.

Ao povo Kinikinau, principalmente à Dona Zeferina e sua família

Ao professor Angel Corbera Mori, com quem aprendi os primeiros passos da descrição de línguas indígenas, pelos ensinamentos, pela amizade e pela companhia.

À Professora e pesquisadora Alexandra Aikhenvald, pelas valiosas contribuições, pelas sugestões, pelas dicas bibliográficas, pelos textos e livros que me enviou, pelas palavras de estímulo.

Aos professores Bernadete Abaurre, Tânia Alkmim e Wilmar D´Ângelis pelas leituras, críticas e correções de meus textos.

Às professoras Lucy Seki, pelas aulas inesquecíveis; ao Frantomé Pacheco, pelas explicações; à Mônica Veloso Borges, pela prontidão em ajudar, em oferecer seus livros, suas apostilas; à professora Januacele F. da Costa, pela leitura e sugestões.

Aos companheiros de área com quem me queixei, discuti e aprendi muito sobre este trabalho e, que se tornaram amigos: Valéria Farias Cardoso, Maria Pankararu, Raynice P. da Silva, Nanblá Gakran.

Ao Rogério Vicente Ferreira pelas discussões sobre as línguas indígenas e, também, pela ajuda técnica.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação e aos atendentes da biblioteca, pelo profissionalismo sensível.

À UNIDERP e à FMB pelo apoio, pela facilitação e ajuda financeira.

Aos meus filhos Ana e Alexandre, por fazerem este trabalho ter sentido, por me proporcionarem todas as condições para realizá-lo.

Sumário

Sumário iii
1.INTRODUÇÃO 11
1.1 Objetivo 11
1.2 O povo Kinikinau 11
1.3 Demografia e localização 12
1.4 Estudos anteriores 13
1.5 Kinikinau: uma língua à beira da extinção 14
1.6 Antecedentes históricos 17
1.7 Os índios Kinikinau: Sem terra, sem teto e sem rumo 30
1.8 Os Kinikinau hoje - a continuação da história 31
1.9 A Língua e seus falantes 37
1.10 O Trabalho de Campo 40

2.FONOLOGIA 42
2.0 Introdução 42
2.1 Inventário de fones consonantais 42
2.2 Inventário dos fones vocálicos 48
2.3 Interpretação fonológica 52
2.3.1 Segmentos consonantais 52
2.3.2 Segmentos vocálicos 60
2.4 Tom e alongamento 63
2.5 Harmonia vocálica 66
2.5.1 A língua tem um processo de harmonia vocálica. 66
2.6 Estrutura silábica 68
2.7 Uma nota sobre ortografia 69

3.MORFOLOGIA 71
3.1 NOMES E VERBOS 71
3.0. Introdução 71
3.1 Nomes e adjetivos 72
3.2.1 Posse 74
3.2.2 Gênero 78
3.2.3. Número e classificadores 80
3.7 Compostos 82
3.8 O Verbo 83
3.2.1 Consoante temática 87
3.2.2 Modo 90
3.2.2.1 Modo Indicativo (Realis) 90
3.2.2.1.1 Sentenças afirmativas independentes 91
3.2.2.1.2 Sentenças Interrogativas. 91
3.2.2.1.3 Imperativo Negativo 92

3.2.2.2 Modo Subjuntivo 93
3.2.2.2.1 Imperativo Afirmativo 94
3.2.2.2.2 Sentenças declarativas negativas 94
3.2.2.2.3 Verbos inativos 96
3.2.3 Negação 96
3.2.4 Aspecto e tempo 100
3.3.5 Concordância 102
3.2.5.1 Primeira pessoa do singular 102
3.2.5.2 Segunda Pessoa 105
3.2.6 Morfemas de concordância com o objeto 108
3.2.6.1 {-nu} 1ª. Pessoa do Singular 108
3.2.6.2 {-pi} 2ª. Pessoa do Singular Objeto 109
3.2.6.3 {-a } 3ª. Pessoa do Singular Objeto 110
3.2.6.4 {owi} 1ª. Pessoa do Plural Objeto 110
3.2.6.5 {-pi } + hiko Segunda Pessoa do Plural Objeto 111
3.2.6.6 {-a } + hiko 3ª. Pessoa do Plural Objeto 111
3.2.7 Morfemas Reflexivos e Recíprocos 112
3.2.7.1 {-wo} Morfema Reflexivo que ocorre em sentenças afirmativas 112
3.2.7.2 {-pu} Reflexivo, ocorre em sentenças negativas. 113
3.2.7.3 {-koko} recíproco: 113

4. SINTAXE 115
5.0 Introdução 115
4.1. Ordem dos constituintes 115
4.1.1 O sintagma nominal 115
4.1.2 o sintagma verbal e a sentença 117
4.1.3 sintagma preposicional 123
4.1.4 Ordem dos constituintes nas sentenças complexas 124
4.1.5 Há uma conjunção adversativa: 125
4.1.6 Predicado nominal 126
4.1.7 Transitividade zero 127
4.2 Sentenças Imperativas 128
4.2.1 imperativas afirmativas 128
4.2.2 Imperativo com verbos transitivos 129
4.2.3 Imperativo negativo 130
4.3 Interrogativas 130
Conclusão 132
BIBLIOGRAFIA 134
ANEXOS 139

Abreviaturas

ADV	Advérbio
ASP	Aspecto
AUX	Auxiliar
Benin	Benefactivo
CL	Classificador
COL	Coletiviza dor
CONJ	Conjunção
CT	Consoante Temática
Desce	Descritivo
DET	Determinante
DIM	Diminutivo
DUR	Donativo
EST	Estatelo
FUT	Tempo futuro
IMP	Imperativo
IMPERF	Imperfectivo
IND	Modo Indicativo
INT	Interrogativo
Neg	Negacão
Nlz	Nominalizador

OBL	oblíquo
OBJ	Objeto direto
OBJi	Objeto indireto
Pass	Tempo passado
PONT	Pontual
PL	Plural
Plz	Pluralizador
Poss	Possessivo
PossNESP	Possuidor não especificado
PREP	Preposição
Rec	Recíproco
Red	Reduplicativo
Refl	Reflexivo
REL	Relativizador
Sg	Singular
SUJ	Sujeito
Trvz	Transitivizador
Verbz	Verbalizador

1
INTRODUÇÃO

1.1 Objetivo

Este trabalho tem como proposta apresentar informações históricas e etnográficas sobre o povo Kinikinau e sobre aspectos da gramática da língua que se encontra seriamente ameaçada de extinção, devido (i) ao reduzido número de falantes, (ii) ao reduzido número da população, (iii) à desfavorável situação política e econômica de seus falantes, ainda na condição de vassalos do povo Kadiwéu e (iv) à situação de contato deste povo com outras etnias, e com não índios dentro da aldeia, entre outros fatores. Esta língua não foi descrita, porque seus falantes até recentemente eram confundidos com índios Terena ou Kadiwéu. Além disso, até quatro anos atrás, esta língua e o povo eram dados como extintos na literatura (cf. Silva e Souza 2003).

Segundo o *Handbook of South American Indians* (1946), os Kinikinau deixaram de falar sua língua da família Aruak e passaram a falar uma língua Guaicuru, devido à convivência desde a imigração do Chaco paraguaio para o Brasil (cf. Mason, 1946). No entanto, a língua falada por esses índios difere consideravelmente do Kadiwéu e não se trata de uma língua Guaikuru, como será demonstrado no decorrer deste trabalho. Há a possibilidade, entretanto, de ser uma língua que sofreu muitas mudanças devido ao contato lingüístico. Os objetivos principais deste trabalho são: fazer um primeiro apanhado da história e da etnografia kinikinau e fazer uma análise descritiva da língua nos níveis fonológico, morfológico e sintático. Este estudo pode contribuir para teorias sobre contato lingüístico.

1.2 O povo Kinikinau

Dados como desaldeados e diluídos no meio dos Terena desde no fim do século XIX, considerados extintos desde o início do século XX, os Kinikinau não aparecem na literatura indígena, com abordagem censitária, até muito recentemente, e todos os

trabalhos que fazem, por algum motivo, referência ao povo e à língua kinikinau, tratam-nos como extintos.

Invisíveis e ignorados pelos outros povos indígenas da região, que os tratavam como Terena, e até mesmo pela Funai, os Kinikinau resistiram. Em meados da década de 90 decidiram romper a invisibilidade e exigir dos órgãos competentes o reconhecimento de sua identidade como índios Kinikinau. A partir de 2003 começam a ser noticiados na imprensa virtual.

O Kinikinau, segundo Metraux (1946), é um sub-grupo Chané ou Guaná, ao qual pertence também o Terena, grupo étnico bastante numeroso, bem conhecido no estado e pelos pesquisadores das áreas indígenas em geral.[1]

1.3 Demografia e localização

Os índios Kinikinau vivem na aldeia São João, região da Serra da Bodoquena, em terras que pertencem aos índios Kadiwéu. A aldeia está na jurisdição de Porto Murtinho, Estado de Mato Grosso do Sul, porém o município mais próximo é Bonito, para onde a população se desloca, em geral uma vez por mês, para compras e também para vender seus produtos. Hoje, a população Kinikinau é estimada em cerca de 180 indígenas, conforme levantamento com a ajuda dos colaboradores.

[1] A presença Terena no MS é expressiva. Em número, são cerca de 18 mil. Dado fornecido pela FUNAI.

Ilustração 1: Brasil na América do Sul[2]

1.4 Estudos anteriores

Sobre o Terena, há vários estudos antropológicos, etnográficos, sociológicos, lingüísticos e há publicações de textos, dicionário, cartilhas e outros suportes didáticos. Quanto ao Kinikinau, não foram encontrados estudos. As informações encontradas sobre esses indígenas estão na literatura de caráter geral sobre os índios do Chaco paraguaio, nos relatos de Taunay sobre a Guerra do Paraguai e também nos estudos sobre os Terena e os Kadiwéu, etnias com quem sempre tiveram contato, desde os mais remotos registros. Mais recentemente, o verbete Kinikinau foi incluído na Enciclopédia "Povos indígenas do Brasil" do Instituto Socioambiental e também um artigo foi publicado por Silva e Souza (2003).

Fonseca (1899, pp. 112 -14) cita uma lista de 150 palavras que afirma serem da língua kinikinau. Porém, é um equívoco, pois os dados coletados pelo autor não são kinikinau, mas empréstimos do kadiwéu, conforme pode ser constatado na pequena mostra reproduzida abaixo.[3]

1. lista de Fonseca (1890 [1899]) * Kinikinau	2. Kadiwéu Sandalo (1996)	3. Kinikinau - Souza (2006)	Glossa
hiaxirátake	eciGataki	opekeyku	Axila
anhami	aqa:m:i	îti - itike	tu, teu
anadhéghere	nigojo:Go	natakay	minhoca
hiatôhe	eatobi	nône	rosto
kekerehê	Gek:o:Ge	ûke	olho
norogueghi	ny:oGoj:egi	hôe	peixe
hiedêde	ed:e:de	êno	mãe
hio, nio	e:m:	ûndi - induke	eu - meu
hueh-tirah	nalaGate	mopoê	montanha
himigo	limigo	kiri	nariz

[2] http://://www.brcactaceae.org/brasil.html
[3] A lista completa encontra-se no anexo 2 deste trabalho.

apá-cainighy	apaqacodi	kipâe	ema
nighah-ani	niga:nigi	hoyeno kaliwôno	criança - sexo msc.
nighah-oána	niga:na	seno kaliwôno	criança - sexo fem.
hio-tôde	yotedi	hikere	estrela

A coluna 1 apresenta a lista de palavras coletadas por Fonseca, acreditando ser da língua kinikinau. A coluna 2 é uma lista correspondente à coluna 1, de palavras da língua kadiwéu (Guaicuru). Na coluna 3, apresento a mesma lista das palavras na língua kinikinau, coletadas em campo. Este trabalho tem o objetivo de mostrar que estamos diante de uma língua Aruak, lexicalmente e gramaticalmente.

1.5 Kinikinau: uma língua à beira da extinção

A extinção de línguas dos chamados grupos étnicos minoritários e, em particular dos povos indígenas, é um fenômeno mundial que tem preocupado a comunidade acadêmica e os cientistas dessa área de estudo, principalmente pela aceleração do processo nas últimas décadas. Como essa parece ser uma tendência deste século, já discutida por Krauss (1992), Campbell & Bereznak (1996), Grenoble & Whaley (1998), Grinevald (1998) e, no Brasil, por Rodrigues (1993, 2005), Braggio (2001), entre outros, o estudo (descrição, registro e documentação) das línguas mais ameaçadas se reveste do caráter de urgência, além da importância, pois a documentação dessas línguas pode contribuir para as investigações científicas a respeito de outras línguas que se extinguiram sem nenhum estudo. Campbell & Bereznak (1996) chamam a atenção para o problema da morte das línguas, lembrando que, enquanto muitos esforços são empenhados para conter o desaparecimento de espécies biológicas, a morte das línguas segue quase despercebida. A extinção de uma língua deve ser tratada com a mesma importância como é tratada a extinção de uma espécie biológica, pois quando uma língua morre sem ser descrita e documentada adequadamente, a humanidade é privada da contribuição que essa língua poderia dar para o conhecimento geral da linguagem humana, da cultura e do pensamento, alertam esses estudiosos.

O problema da morte de línguas indígenas, no Brasil, não é um fato novo. Na verdade, vem ocorrendo há séculos, desde a chegada dos primeiros colonizadores, segundo Rodrigues (2005, p. 36)

> A redução de 1200 para 180 línguas indígenas nos últimos 500 anos foi o efeito de um processo colonizador extremamente violento e continuado, o qual ainda perdura, não tendo sido interrompido nem com a independência política do país no início do século XIX, nem com a instauração do regime republicano no final desse mesmo século, nem ainda com a promulgação da "Constituição Cidadã" de 1988. Embora esta tenha sido a primeira carta magna a reconhecer direitos fundamentais dos povos indígenas, inclusive direitos lingüísticos, as relações entre a sociedade majoritária e as minorias indígenas pouco mudou.

Embora essas perdas culturais representem grande prejuízo não só para o país, mas também para a humanidade, nenhuma medida na mesma proporção, por parte de instituições competentes, tem sido tomada. Nenhuma política de incentivo à preservação e revitalização dessas línguas foi criada até agora. Os esforços empreendidos não podem ser ignorados, porém são muito pontuais e não são extensivos a todos os povos indígenas. O que tem ocorrido com relação às línguas são ações isoladas de re-aprendizagem da língua, iniciativas tímidas que tentam evitar o desastre da extinção.

Para Campbell & Bereznak (1996) a língua é o mais forte dos bens culturais que distinguem e singularizam um povo. A sua morte pode ter sérias conseqüências, entre elas, a perda da identidade cultural e da auto-estima desse povo.

São várias as causas apontadas para a extinção das línguas e o conhecimento dessas causas é importante para que se possa planejar medidas de retenção e preservação. As línguas ameaçadas de extinção são classificadas de acordo com o aspecto, o grau e o nível do processo que conduz à morte. Campbell & Bereznak (1996, pp. 659-60) apontam quatro tipos de morte de línguas: (1) a morte súbita da língua - ocorre quando seus falantes morrem subitamente ou são mortos. Em situações extremas como essa, não há morte da língua, propriamente, e sim do povo. (2) a morte radical da língua – é um processo semelhante à morte súbita, porém, nesse caso, forte pressão política, acompanhada de genocídio obrigam os falantes a deixarem de falar sua língua ancestral, e isso é feito por uma questão de sobrevivência. (3) a morte gradativa – é a mais comum das mortes de línguas minoritárias. A comunidade de fala, em contato com a língua dominante, vai gradualmente substituindo sua língua ancestral pela língua dominante. Nesse processo, em um estágio mais adiantado, apenas um pequeno grupo de falantes continua usando a língua em situações limitadas, as novas gerações vão aprendendo a língua cada vez mais imperfeitamente, fragmentos dela, sem adquirir a

proficiência como falantes. Os jovens reconhecem algumas expressões e vocabulário, mas não são capazes de estabelecer um diálogo na língua. Para os autores, são os semi-falantes. Algumas pessoas até continuam usando a quase extinta língua para demonstrar a identidade do grupo e a solidariedade com ele. Essa espécie de resíduo lingüístico é geralmente constituído de cumprimentos e saudações, ditos populares, músicas, brincadeiras e palavras obscenas. (4) a morte de baixo para cima – é quando a língua deixa de ser falada no seu registro estilístico informal, nas situações mais informais, no dia-a-dia, mas é preservada no seu registro formal, nos contextos mais formais como os cerimoniais e rituais religiosos, a exemplo do que aconteceu com o latim.

Bauman (1980), com base na situação das línguas ameaçadas de extinção do Alasca, define cinco estágios distintos, pelos quais as línguas passam: florescência, constância, declínio, obsolescência e extinção; e aponta, igualmente, cinco estratégias de retenção: prevenção, expansão, fortificação, restauração e revivificação. Para Bauman, uma língua encontra-se à beira da extinção, isto é, no estágio obsolescente, quando (i) há falantes apenas na idade adulta, (ii) a língua não é mais ensinada para as crianças em casa, (iii) o número de falantes diminui muito rápido, (iv) os únicos falantes são bilíngües e a língua dominante é a mais usada em todas as situações, (v) a língua adapta-se facilmente a novas situações, isto é, acomoda empréstimos, (vi) não há literatura.[4]

Nesse contexto de línguas ameaçadas de extinção, encontra-se a língua kinikinau, foco deste trabalho. A língua kinikinau é falada pelos índios da mesma denominação, etnia invisível da região Centro Oeste do Brasil. Pelos motivos apresentados por Rodrigues (2005), citado anteriormente e, de acordo com os postulados de Campbell & Bereznak (1996), pode-se dizer que esta língua está em processo de morte gradual, em fase bem adiantada, próxima da extinção. Com base na análise de Bauman (1980), a língua kinikinau pode ser considerada em estágio obsolescente, em acelerado processo de morte, pois apresenta todas as características apontadas pelo autor, acrescidas ainda de um agravante: além de possuir reduzido número de falantes, há reduzido número populacional. Além disso, trata-se de uma língua em contato com mais de uma língua dominante, português, kadiwéu e terena, gerando várias inovações lingüísticas.

[4] Apud Dauenhauer & Dauenhauer (1999, p. 59)

Segundo Craig (2002, p 257 [1997]), embora a morte de línguas seja ocorrência tão antiga quanto o registro histórico delas, o estudo sistemático desse fenômeno pela lingüística e pela sociolingüística é relativamente novo. O interesse maior da sociolingüística está no estudo das causas e circunstâncias da morte das línguas.

Para compreender o atual estágio da língua e da cultura do povo Kinikinau, é necessário conhecer as trilhas da história em que o grupo foi perdendo partes de sua ancestralidade; os acontecimentos que forçaram o abandono do território tradicional, a pressão do grupo dominante que levou ao nomadismo involuntário e à invisibilidade que gerou o desânimo, que gerou muitas perdas, inclusive a perda da língua.

1.6 Antecedentes históricos

Boas (1966, p 627[1940]) explica que a tarefa da etnologia é estudar o conjunto de fenômenos que compõem a vida social, como a linguagem, os costumes, as migrações, as características corporais. Dessa forma, seu primeiro e mais imediato objeto é o estudo da história do homem, de todo o processo que resultou no que ele é hoje, do desenvolvimento de sua cultura. Para isso, é preciso recorrer a objetos, práticas e manifestações culturais do presente que ajudem a reconstituir seu passado. Porém, a exemplo de muitos grupos minoritários que, por uma questão de sobrevivência, precisaram optar pela adesão da cultura dominante, os Kinikinau têm, hoje, aparentemente, muito pouco de sua ancestralidade, que possa ajudar na reconstituição do seu passado histórico. Algumas práticas atuais, principalmente as referentes ao artesanato, à pintura corporal, aos adornos, parecem imitações, busca obstinada por uma identidade indígena que a história perversa das políticas indigenistas tratou de apagar.

A reconstrução da história dos índios Kinikinau à base das fontes bibliográficas também não tem sido uma tarefa fácil. Primeiro, porque Kinikinau é um subgrupo Chané (Guaná), assim como o Terena, Layana e Exoaladi, e as referências mais antigas a esses povos são sempre de forma abrangente, envolvendo todos os subgrupos que habitavam o Chaco paraguaio, sem caracterizar cada povo em particular, assim como deve ter ocorrido com vários outros povos indígenas. Outro problema para a reconstituição da história dos Kinikinau é o fato de que, exceto terena, os outros três subgrupos eram quantitativamente pequenos e um dos subgrupos Chané (Guaná), o Exoaladi, recebia também o nome de Guaná, isto é, o mesmo nome dado pelos outros

povos para se referir a toda nação Chané (Guaná). Por isso, informações que dizem respeito apenas aos Exoaladi/Guaná foram interpretadas genericamente, gerando diferentes interpretações. Por todos esses motivos, este trabalho tem o propósito de reunir informações etnográficas e históricas sobre os Kinikinau, que possam dar maior e melhor visibilidade a esse povo indígena que, não obstante a brava resistência, encontra-se ainda numa situação de invisibilidade e em processo continuado de extinção.[5]

As primeiras notícias sobre a existência dos índios Chané (Guaná) começam a ser veiculadas a partir do século XVI, nos diários dos missionários, historiadores e viajantes que, em passagem pelo Chaco paraguaio ou em missão religiosa, registraram a presença desses indígenas naquele local e deram informações de caráter geral: sobre a localização dos aldeamentos, estimativas censitárias, sobre as relações entre os diversos grupos e os meios de subsistência.

Um dos estudiosos a reunir os dados mais remotos sobre os povos do Chaco é Metraux (1946). Revisitando antigos documentos e registros, como os de Schmidel e Cabeza de Vaca, por exemplo, que passaram pelo Chaco paraguaio, o primeiro em 1535 e o segundo em 1543, o autor presta valiosa contribuição, tornando acessíveis essas informações no "Handbook of South American Indians". De acordo com os estudos de Metraux, quando os primeiros colonizadores espanhóis chegaram ao Chaco paraguaio, no século XVI, encontraram lá vários povos, inclusive os Chané (Guaná), que eram muito numerosos, de caráter dócil e apresentavam conhecimento no cultivo da terra.[6]

Azara (1990 [1809]) informa que Guaná é uma nação constituída de cinco subgrupos e é a mais numerosa do Chaco, com 19 mil índios. Segundo Azara, os índios Chané (Guaná) distinguiam-se dos demais povos indígenas do Chaco paraguaio por serem os que apresentavam sinais de civilização em vários aspectos de sua cultura: na forma de construção das casas, na limpeza, na criação de objetos domésticos, na hospitalidade e atenção com os estrangeiros, na forma de cultivo da terra e no fato de viverem daquilo que cultivavam e não da caça e da pesca, como os outros.[7]

[5] As duas denominações "Chané" e "Guaná" aparecem na literatura, e alguns autores chegam a discuti-las. Xâne é auto-denominação e significa povo, gente. Guaná, é como os demais povos os chamavam. Segundo Sanchez Labador (1910), Guaná é um demonstrativo 'aquele' em uma das línguas faladas no Chaco. O Missionário considerava essa denominação depreciativa e os chamava Chané ~ Chaná

[6] Alvar Nunez Cabeza de Vaca foi um explorador espanhol.

[7] Félix de Azara (1742-1821). Descripción e historia del Paraguay y del Río de la Plata. Obra póstuma de Felix de Azara [anterior a 1809].

Além de Azara (1990 [1809]) e de Metraux (1946), também Sanchez Labrador (1910) dá valiosas informações sobre os habitantes do Chaco. Na condição de missionário, Labrador conviveu com os índios de 1746 a1758. Embora o melhor de seus registros seja sobre os índios Mbayá (Guaicuru), que ele descreveu ao longo da obra "El Paraguay Católico", e de cuja língua ele elaborou uma gramática, as poucas páginas de seus diários que fazem referência aos Chané (Guaná) são de grande valor documental e, portanto, de grande importância.

Grande parte dos registros e relatos encontrados em Sanches Labrador (1910), Azara (1990) e Metraux (1946) sobre os Chané (Guaná) são muito parecidos. Todos fazem referência ao caráter dócil e "meio civilizado" desses indígenas, à habilidade no cultivo da terra, à tecelagem, à relação ambígua com os Mbayá (Guaicuru). Todos afirmam que os Guaná (Kinikinau, Terena, Layana e Guaná/Exoaladi) eram grupos distintos, cada um tinha suas aldeias; porém, a cultura e os rituais eram muito semelhantes e, inclusive, comunicavam-se facilmente, pois a língua também era bem parecida, com pequenas diferenças fonéticas, lexicais e gramaticais, que não lhes impunham dificuldades na compreensão.[8]

Sanchez Labrador (1910) sempre usava palavras elogiosas quando se referia aos Chané, ressaltando suas qualidades:

> La colonia del pueblo de Chanás; su modo de vida, labradora; genios y ritos son los mismos. Las mujeres se cercenan el cabello por frente de oreja à oreja, y lo demás dejan suelto ó recogen en trenza; andan vestidas de mantas de algodón que ellas hilan y tejen con primor; son amantíssimas de sus hijos, buenas trabajadoras; virtudes transcendentales a toda la nación dividida en siete pueblos (Sanchez Labrador, 1910, p. 33).[9]

Porém, às vezes mostrava-se crítico com a passividade deles, diante da soberba dominação dos Guaicuru: "El genio de los Chanás por lo común participa más de suave y humilde, que de áspero y altivo. Con esto sufren com paciência a los soberbios Eyiguayeguis que los miran como criados y feudatários (Sanchez Labrador, 1910, p. 550).

[8] Desses quatro sub-grupos, a literatura aponta apenas o Terena como sobrevivente, e os demais como extintos. Na aldeia São João há um índio Layana que é, inclusive, falante da língua. Ele afirma que existem outros parentes em aldeias Terena.

[9] Segundo Sanchez Labrador, eram sete (7) os subgrupos Chané (Guaná) no Chaco. Azara contabilizou cinco (5).

Southey (1981[1810]) afirma que os Chané (Guaná) eram povos muito adiantados em relação aos demais povos do Chaco. O autor cita o uso de catre para dormir, como exemplo, e afirma que muitos objetos usados na região tinham a sua criação atribuída a eles.[10]

Em geral, os escritores procuraram ressaltar as semelhanças que podiam ver nos subgrupos Chané (Guaná), pois havia a preocupação em classificar as nações indígenas, tendo em vista as semelhanças. Para afirmar que um grupo pertencia a uma determinada nação, era muito importante tornar bem evidentes as suas semelhanças. Poucos lembraram de mencionar suas possíveis diferenças:

> (…) along their northern and eastern borders, the Chaco tribes were in direct contact with representatives of two main tropical linguistic groups, the Arawak and the Guarani. The Guana (or Chané), who occupied the Chaco from lat. 22ª S., belonged to the same group as the western Chané, but their culture had been less modified by influences from the Andean area (Metraux, 1946, p. 211).

Uma questão que é colocada em todos os textos pesquisados é a complexidade da relação entre os povos da nação Chané e os da nação Guaicuru. Cada autor imprimiu no seu relato a sua indignação, a sua perplexidade diante de um fenômeno social muito difícil de entender.

> Son los Guaná pacíficos y dociles, sufren con paciencia que los mbayá de lo oeste o guazús se introduzcan temporadas en sus países y que les roben lo mejor que hallan en sus labranzas y casas. No solo esto, sino que voluntariamente dejan su patria abandonada y van a mezclarse con los mbayá en todas partes, y ali chacarean sin más estipendio que los favores que reciben de las mujeres y el gusto de montar caballos que no tiene en su patria. (Azara, 1990, p. 128 [1809])

Por esse motivo, segundo Azara, os Mbayá se consideravam senhores dos Chané (Guaná), e os chamavam seus escravos. Porém, esclarece o autor, era uma forma muito curiosa de escravidão, pois os Mbayá não lhes impunham nenhum castigo e não exigiam deles nenhuma tarefa, e os Chané tinham a liberdade de ir embora

[10] Historiador e poeta inglês, Southey escreveu seu "História do Brasil" entre os anos de 1806 e 1819.

quando quisessem. Difícil também de entender, acrescenta Azara, era o fato de os Chané pedirem licença aos Mbayá para ir até a capital da província oferecer sua mão de obra para o trabalho na agricultura e na marinha.

A explicação para a relação ambígua entre Chané (Guaná) e Mbayá (Guaicuru), deve estar num passado muito anterior à colonização do Chaco, pois segundo Azara (1990 [1809]), os Chané eram, em quantidade, dez vezes mais numerosos que os Mbayá e possuíam as mesmas armas de guerra que eles, com a única diferença de os Mbayá possuírem e utilizarem muito bem o cavalo para montaria. Até onde se conhece da história desses povos, nada há que justifique essa submissão resignada dos Chané. Os historiadores e missionários que registraram suas impressões a respeito dessa estranha relação não tiveram a preocupação de investigar os antecedentes dela, nem seu fundamento.

Southey (1981, p. 221 [1810]) por exemplo, observou esse comportamento servil e evidenciou o seu estranhamento: "por uma singular espécie de convênio, achavam-se (os Guaná) debaixo da proteção dos Guaicurus; serviam-nos nas jornadas e cultivavam-lhes as terras, devendo estes em compensação, defendê-los contra todos os inimigos." Difícil para o autor, era compreender essa contrapartida, pois era notório, para ele, que os maiores inimigos dos Chané (Guaná), os que os assaltavam e que destruíam suas plantações eram eles, os próprios Guaicuru.

Metraux (1946) registra que na metade do século XIX os Chané (Guaná) já haviam se libertado do domínio dos Mbaya, porém os historiadores continuaram mencionando os conflitos e a vassalagem, questão que ainda não está bem esclarecida.

Embora a situação de conflito seja a mais acentuada na relação Chané / Mbayá, nos relatos dos historiadores e missionários, há também relatos de casamentos entre pessoas dessas duas nações. Sanchez Labrador (1910) conta que um capitão Mbayá era casado com uma capitã Guaná, e esta tinha muitos vassalos de sua tribo, que levou para viver entre os Guaicuru. Outros historiadores fazem referência a esse fato, porém não mencionam o subgrupo Chané (Guaná) a que essa capitã pertencia. Os Kinikinau não conhecem nenhuma história de chefe feminina e acham esquisito o termo capitã e cacica. Embora seja difícil identificar cada subgrupo Chané em particular, na literatura, se esse fato for real, provavelmente deve tratar-se de uma índia do subgrupo Exoaladi, que era também conhecido pelo nome Guaná, pois a literatura leva a deduzir que esse grupo era o mais próximo dos Mbayá (Guaicuru), os índios eram mais submissos a eles, tinham propensões para a guerra e fascínio pelos cavalos, segundo Azara (1990 [1809]),

e com quem viviam economicamente em simbiose, conforme escreveu, mais tarde, Schaden (1958).

> Los Guaná, que son tan numerosos como todas las naciones barbaras juntas, vienen en tropas y viven entre nosotros a expensas de su trabajo, y después vuelven pero vienen otros, de modo que siempre tenemos muchos. Como jamás han hallado buena acogida en el gobierno, ni se ha dado una orden en su favor, no se determinan a traer sus mujeres, ni familias, por cuyo amor regresan a su patria casi todos. Si abiertamente se les protegiese y se regalase algunas frioleras a sus mujeres y niños, veríamos en breve veinte mil guaná entre nosotros, todos chacareros (…) (Azara 1990, p. 116 [1809])

Azara via, nessa virtude manifesta dos Chané, uma boa possibilidade de conversão desses índios ao catolicismo. Por isso, criticava o governo por não dar atenção aos Chané (Guaná) que tantos bons serviços prestavam à nação, por não proporcionar-lhes condições de se estabelecerem com suas famílias na capital, para que não tivessem de voltar para suas aldeias. Assim, além da força do trabalho, contribuiriam também para o aumento da população e, conseqüentemente, para o aumento do número de católicos, objetivo principal dos missionários. O relato acima, de Azara, leva a deduzir que os Chané relacionavam-se amigavelmente com os espanhóis, tinham contato com a população urbana, com os missionários, isto é, transitavam bem entre essas culturas.

Azara (1990 [1809]) afirma que os Chané (Guaná) não possuíam qualquer ritual de adoração, mas acreditavam em um deus dotado de corpo, que premiava os bons e castigava os maus. Como se considerassem povos bons e do bem, confiavam indiscutivelmente na salvação. Não prestavam nenhum culto, nenhuma reverência a esse deus. Azara acrescenta ainda que esses indígenas festejavam a lua nova com grande festa, grande alarido, fazendo pedidos de boas venturas, durante seu ciclo. O mesmo procedimento era repetido também durante a aparição das Plêiades. Em certa época do ano, relata o autor, os homens iam para o campo e voltavam ao anoitecer, em jejum, em procissão silenciosa para a aldeia. Em uma fogueira já preparada, aqueciam o braço, na altura do ombro, onde lhes faziam incisões com osso. Depois lhes era oferecido um alimento preparado com milho e eles então se dirigiam para suas casas.

Em trabalhos antropológicos sobre as culturas indígenas, é comum a exposição de fotos e desenhos para mostrar a arte, o artesanato produzido nas aldeias, os adornos e pinturas corporais. Em relação aos Chané (Guaná) existem apenas algumas descrições.

Sobre os Kinikinau, em particular, nenhum tipo de ilustração foi encontrado. Sanchez Labrador (1910) referiu-se aos Chané como povos de mau gosto estético para a pintura corporal. Segundo ele, pintavam-se com carvão moído e enfeitavam-se com penas de avestruz pardas, apagadas e sem graça. O missionário devia associar a beleza às cores. Já Azara (1990 [1809]), provavelmente com base nos traços e desenhos, afirma que eles eram mais dedicados à estética da pintura corporal do que os demais grupos do Chaco.

Segundo Sanchez Labrador (1910), o processo migratório dos Guaná do Chaco paraguaio para o Brasil teve início na segunda metade do século XVIII. Atravessando o rio Paraguai, esses índios se dirigiram para as proximidades do rio Miranda, no Brasil Central, mais especificamente próximo ao município de Miranda, no Estado de Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul, onde ainda vive grande parte deles.

Metraux (1946) informa que em 1850 existiam duas vilas de Kinikinau entre os municípios de Miranda e Albuquerque, e eles eram cerca de mil (1000) índios. Se essa informação estiver realmente correta, é certo que apenas metade dos índios Kinikinau atravessou o rio Paraguai para o Brasil, pois nos registros de Sanchez Labrador (1910) e Azara (1990 [1809]) eles eram cerca de dois mil, no Chaco.

Dos sete povos indígenas Chané (Guaná) do Chaco paraguaio, quatro atravessaram o rio Paraguai, para o Centro Oeste do Brasil: Exoaladi (Guaná), Kinikinau, Layana e Terena.

A partir de 1837 os Chané (Guaná) Terena, Kinikinau, Layana e Exoaladi começam a aparecer nos relatórios e outros documentos que registram a história da província de Mato Grosso.

Pimenta Bueno, presidente da então Província do Mato Grosso, em discurso proferido em 1º de março de 1837 e publicado no Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1840, anuncia a existência de 53 nações indígenas reconhecidas na província e, entre as 10 que ele aponta como "domesticadas" estão os subgrupos Guaná. Ele ressalta a importância dos índios Guaná para a defesa do Baixo Paraguai. É a partir daí que os subgrupos Guaná começam a ganhar um pouco de individualidade.

Leverger (1862, p. 222 [1846]) menciona cada um dos povos Chané (Guaná), já estabelecidos em solo brasileiro, envolvidos com suas atividades agrícolas, ressaltando a importância desses povos para a economia local:

> A nação dos Guaná é uma das mais consideráveis destas regiões (...) os que moram em nosso território são os Terenas, Laianas, os Quiniquináos e outra tribu, que conserva o nome de Guanás (...) Os Quiniquináos, em número de mais de 800 indivíduos formam uma aldeia no mencionado Mato Grande, 3 légoas ao N.O. de Albuquerque. Ocupam-se da lavoura, e abastecem essa parte de nossa fronteira de farinha de mandioca e feijão. Cultivam também a canna e o arroz.

Ricardo Jardim, que também foi presidente da província de Mato Grosso, em ofício enviado ao Governo Imperial (1846), publicado no Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1847, informa ao Imperador que os índios do distrito de Albuquerque são trabalhadores e sociáveis:

> As três aldeas do districto d'Albuquerque comprehendem 1.300 índios de ambos os sexos, e são uma de Guatiadéos (...), uma de Guanás, e a última de Kinikináos, tribus muito dadas à cultura das terras e pertencentes à nação dos Chanés, de caráter dócil, sociável e hospitaleiro. [11]

Nesse mesmo ofício, Jardim (1847) relata ao imperador que os Guaicuru haviam começado a construir sua aldeia nas imediações de Albuquerque, mas teriam abandonado o lugar devido a desavenças com os Kinikinau. Esse relato é um tanto curioso, pois toda a literatura enfatiza a submissão resignada dos Chané em relação aos Guaicuru. Conforme se pode perceber, definir a relação de cada subgrupo Chané com os Guaicuru é realmente difícil.

Os Chané (Guaná) foram descritos por todos os historiadores e viajantes como índios pacíficos e dóceis, além de muito habilidosos na tecelagem e no cultivo de lavouras, quando habitavam o Chaco paraguaio. Ao passarem para o lado brasileiro, trouxeram e colocaram em prática sua cultura artesanal e agrícola, conforme ressaltou Elliott (1848, p. 348)

> Estes índios são industriosos, tecem panos de algodão de várias qualidades e padrões, e aplicam-se à agricultura. São (geralmente falando) alvos, bem feitos

[11] É importante observar no texto de Jardim, que o autor faz referência ao subgrupo Guaná (Exoaladi) e usa Chané ao se referir aos quatro conjuntamente.

> e muito tratáveis; a sua physionomia approxima-se da raça caucásica, muito differente dos Guaycurus e outros que têm mais semelhança com a mongólica.

Das qualidades citadas pelos missionários, historiadores e outros estudiosos, que distinguiam os Chané entre todas as nações do Chaco, uma era o apego familiar, já mencionado anteriormente. Essa característica que foi observada por Sanchez Labrador (1910); por Metraux (1946) e por Azara (1990 [1809]), constitui uma marca forte do caráter e da cultura dos povos Chané, que Taunay (1931) também ressaltou:

> A affeição materna, ou o interesse de um pae pela prole, a amizade que une os irmãos, são entre elles por vezes edificantes, e até em extremo commovedoras. Verdadeira fraternidade envolve aquellas almas simples levando-as a dedicações extremadas em matéria de solidariedade. Com todo devotamento servem os paes aos filhos que cegamente lhes obedecem. E isto é geral para os diversos grupos (Chané). (Taunay, 1931, p. 42)

Essa característica parece ter sido importante para a sobrevivência dos Kinikinau enquanto grupo. Os pais e mães são zelosos com os seus filhos e dedicam-lhes amor e carinho desde que nascem até depois de adultos. Esse amor e cuidados que são depois extensivos aos netos, formam laços que mantêm unidos os membros dessa família. Vale observar que o apego familiar pode ser uma característica muito comum entre as nações indígenas, porém os Chané sempre foram descritos entre as nações Guaicuru, de cultura bem diferente, o que motivou os observadores a ressaltar tais diferenças.

Taunay (1931) enfatizou, em seus relatos, alguns aspectos da cultura indígena que lhe causaram maior estranhamento. Ainda que vistos e sentidos por um romancista, esses registros são os únicos, em se tratando dos Kinikinau. Em um desses relatos, o autor narra uma breve e trágica passagem, cujo personagem é um jovem de 22 anos, índio kinikinau, chefe da tribo, que, segundo Taunay, lutou bravamente para proteger seu povo contra os paraguaios que haviam invadido parte do território brasileiro. Esse relato da morte do jovem kinikinau de 22 anos (o capitão Pacalalá), em um combate com os paraguaios, além de mostrar que esses indígenas lutaram na guerra, mostra também um pouco dos costumes e dos rituais:

> Apenas chegou a lúgubre e infausta notícia aos aldeamentos dos morros, immenso alarido levantou-se. As moças Kinikinau cortaram logo os cabelos, à altura das orelhas, de si tirando qualquer enfeite. (...) Foi a choupana do valente rapaz invadida pelo mulherio e as crianças, em agudíssima grita. (Taunay 1931, pp. 41-2).

Segundo Southey (1981 [1810]) e Azara (1990 [1809]), os Guaná enterravam seus mortos à porta das habitações para conservarem fresca a memória dos finados, em vez de esquecê-los logo. Os pertences do morto eram enterrados com ele, como era comum no chaco, segundo (Métraux 1946). Os animais de estimação, inclusive, eram enterrados com seus donos. Segundo Southey, no caso da morte de mulher, os familiares, após o enterro, quebravam todos os objetos de uso pessoal e doméstico da finada.

Almeida Serra (1800, p. 168) trabalhou na região povoada pelos índios Chané (Guaná) e também deixou registrado em seus diários suas impressões sobre esses povos, bem como sua indignação com o caráter belicoso dos Guaicuru, e com a relação ambígua entre esses e os Chané. [12]

> Os Uaicurus, sempre errantes, e sempre atrozmente guerreiros, fiados nos seus cavalos, e conhecendo toda a força e superioridade sobre as outras nações que os não têm, sempre flagelaram os Guanás com uma guerra de diárias emboscadas, e intempestivos ataques, não sobre suas aldeias, que sempre cercam de estacas, mas sim estragando-lhes as plantações, e espreitando-os tanto nas suas roças, como quando iam e voltavam dela; ou no campo, matando e cativando os que apanhavam em descuido, e em menor número. Estragos e danos que obrigaram os Guaná a pedirem paz, e a deixarem-se chamar seus cativeiros, dando-lhes voluntariamente parte das suas colheitas, para pouparem o resto, e as mortes que cada ano sofriam.

Relatos com esse teor são encontrados desde os primeiros registros do século XVI, que começam a noticiar a presença dessas nações indígenas no Chaco, conforme

[12] Ricardo Franco de Almeida Serra era capitão do Exército e foi enviado pela Rainha de Portugal ao Brasil em 1786, para chefiar os trabalhos de demarcação de limites entre as colônias portuguesa e espanhola. Fundou o Forte Coimbra (MS). Seu diário foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

mostrei anteriormente, e se estendem ao longo da história desses povos. O que esses registros não mostram claramente é o nível de envolvimento de cada um dos subgrupos Chané (Guaná) com os Guaycuru. O tratamento dessa questão, de forma generalizada, pelos historiadores gerou alguns equívocos que ainda hoje são repetidos em trabalhos sobre esses indígenas.

Schaden (1958, pp. 63-4) também fez alusão à relação dos Chané com os Guaicuru, porém não deixa dúvida de que está se referindo aos Guaná (Exoaladi). O texto de Schaden faz a distinção dos subgrupos Chané: "Do ponto de vista econômico, sabemos que os Kadiwéu e os Guaná viviam em simbiose, que, no entanto, se dissolveu com o arrefecimento do imperialismo e a decadência dos primeiros pelo contato pacífico com os brancos".

Muitos viajantes, historiadores e missionários acrescentaram em seus registros listas de vocabulário das línguas dos índios com os quais tiveram mais contato, melhor comunicação. A única lista de palavras que foi apresentada como sendo da língua kinikinau, datada de 1880, trata-se, na verdade, de um engano de João Severiano da Fonseca, que gerou outros equívocos. Oliveira (1976) cita o referido caso sobre a língua kinikinau, sugerindo que tal equívoco ocorreu pelo fato de um jovem índio ter se identificado como membro da etnia Kinikinau a um viajante, e ter-lhe dado, como informante, uma lista de vocabulário Guaicuru, o que constituiu-se, segundo ele, em uma prova de que muitos Kinikinau deixaram de falar sua língua ancestral, Aruak, para falar uma língua Guaicuru. Esse fato, na verdade, não prova nada lingüisticamente, pois povos com contato tão próximo e prolongado como Guaicuru e Chané, ainda que em situação ambígua, normalmente são bilíngües. Os Guaicuru tinham um poder de sedução sobre as demais etnias, motivado pela fama de guerreiros, pela maneira como se vestiam e pela habilidade em montar e manejar o cavalo. Essas características, segundo relato, levavam alguns jovens Chané a aderirem aos seus grupos de escravos ou servos voluntariamente. Acrescentando-se a essa informação registrada em campo, a citação de Almeida Serra (1800), que menciona a captura de índios como uma prática cultural dos Guaicuru, conclui-se que encontrar índios de outras etnias em aldeias Guaicuru era uma ocorrência normal. Por isso, pode ser possível que tal fato tenha ocasionado o equívoco de Fonseca, mas não respalda uma afirmação tão radical, de

que os Kinikinau deixaram de falar sua língua e passaram a falar a língua dos Guaicuru.[13]

Os registro de Taunay (1931) ajudam a compreender, no percurso da história dos Kinikinau, alguns dos fatores de enfraquecimento das práticas tradicionais e do uso da língua nativa. No relato do autor sobre a convivência desses indígenas com um missionário católico, é possível perceber a forte pressão da cultura dominante sobre esse grupo, praticada em nome da fé cristã. Segundo o autor, os Kinikinau se dividiam em duas aldeias. Uma delas chamava-se aldeia do Bom Sucesso. Era um aldeamento modelo, perto de Albuquerque, que tinha como "protetor" o missionário Frei Mariano de Bagnaia que, além de ensinar-lhes os princípios da religião, ensinava-lhes música e outros ofícios. A pressão da cultura dominante sobre um grupo etnolingüístico minoritário, em geral provoca a assimilação e até a substituição da cultura ancestral pela cultura mais forte, dependendo do tempo e de outros fatores socioculturais. Os costumes e a língua são fortemente influenciados, podendo resultar no etnocídio, o que parece mais provável de ter acontecido com os Kinikinau, e não a substituição de sua língua por uma língua guaicuru, como apregoam Mason (1946) e Oliveira (1976)

A principal fonte de informações sobre os índios Kinikinau no Brasil, como já foi dito, são as obras de Taunay, em que o escritor relata os trabalhos no estado de Mato Grosso, em locais que hoje pertencem ao estado de Mato Grosso do Sul. Taunay fez parte da comissão de engenheiros que a corte imperial enviou a Mato Grosso, de 1865 a 1867, por ocasião da Guerra do Paraguai. No tempo em que permaneceu na região, procurou conhecer os vários povos indígenas, conquistou algumas amizades e aproveitou para coletar dados etnográficos e lingüísticos, principalmente dos Guaná (Exoaladi), porém a simpatia pelos kinikinau ficou bem evidenciada em seus escritos. Essas informações estão distribuídas em várias de suas obras, citadas acima e na bibliografia, no final deste trabalho. O autor cita uma lista de palavras da língua dos Exoaladi, fazendo algumas observações sobre a língua dos Kinikinau, porém lexicalmente não parece haver diferença entre a língua falada por esses dois povos.

A importância de Taunay na reconstituição de parte da história dos Kinikinau não está apenas nas suas informações, mas também no que ele não menciona. Nos anos que conviveu com os povos indígenas Chané (Guaná) e Kadiwéu (Guaicuru) nenhum

[13] As palavras "escravo" e "servo" são usadas na literatura que se refere aos Guaicuru, porém, é importante esclarecer que aos índios capturados e aos que se ofereciam voluntariamente como tais aos Guaicuru, nenhum trabalho forçado, nenhum castigo lhes era imposto. Tinham, inclusive, a liberdade de voltar para suas aldeias se e quando quisessem.

dado relevante da relação entre esses indígenas foi registrado. É, inclusive, estranho que Taunay não faça nenhuma alusão a esse fenômeno, tão explorado pelos historiadores. Isso faz crer que o conflito ou a relação problemática entre Chané e Guaicuru teve uma trégua durante o período da Guerra do Paraguai.

Antes da Guerra do Paraguai, conforme já foi mencionado, havia dois agrupamentos de Kinikinau: um aldeamento perto de Albuquerque, com cerca de 800 índios e outro com cerca de 200, perto de Miranda (Steinen, 1940 [1886]). Com a ocupação da região, pelos paraguaios, os Kinikinau fugiram para a serra de Maracaju. Segundo Taunay (1927, p. 75 [1920]), os Kinikinau foram os primeiros a subir a serra, pelo seu lado mais íngreme, no início do ano de 1865. Em seguida, toda a população de Miranda e da região também subiu a serra, fugindo dos paraguaios. O autor relata que os Kinikinau e os Guaná (Exoaladi) logo começaram a plantar, a produzir alimentos e criar galinhas, colaborando com o abastecimento local, enquanto durou a guerra. O autor relata ainda que o chefe dos Kinikinau, um jovem destemido e valente, chamado Pacalalá, era hábil em descer a serra e buscar o gado que ficara vagando pelos campos, depois da fuga em massa da população.[14]

Durante a guerra, "brancos" e índios conviveram pacificamente e se ajudaram. De acordo com Taunay (1931), os acampamentos eram muito próximos uns dos outros. O autor enfatiza a importância do caráter dócil dos Kinikinau e dos Guaná (Exoaladi) para a boa convivência, porque, segundo ele, os índios teriam motivos para dificultar a permanência dos não-índios na serra. Taunay refere-se também à facilidade desses índios em comunicar-se, pois além de simpáticos, "todos sabiam falar muito bem a língua portuguesa", homens e mulheres. Provavelmente, resultado dos ensinamentos do Frei Mariano de Bagnaia, ao qual já me referi. Essa situação de contato involuntário dos Kinikinau com a população de língua portuguesa foi mais um dos fatores que acentuou a assimilação da língua dominante.

Nesses relatos de guerra de Taunay, a sua vocação literária de romancista romântico às vezes se sobrepõe, então ficção e realidade se entrecruzam. Em alguns trechos, índios Kinikinau se transformam em personagens ficcionais de belas, mas tristes histórias.

[14] A Guerra da Tríplice Aliança foi de 1864 a 1870. Segundo Taunay (1931), Pakalalá era um valente e inteligente jovem de pouco mais de 20 anos que foi escolhido por seu povo como capitão. Até hoje, a escolha do capitão da aldeia é assim, respeitando a vontade do povo.

1.7 Os índios Kinikinau: Sem terra, sem teto e sem rumo

Após a guerra, intensificou-se o processo de ocupação das terras do sul de Mato Grosso pelos criadores de gado. Para tomar posse da terra, os fazendeiros expulsavam os índios, ou eliminavam-nos, simplesmente. Segundo Ribeiro (1968), após a Guerra do Paraguai, os índios da região de combate, que direta ou indiretamente deram sua contribuição ao exército brasileiro, começaram a perder uma outra guerra: a guerra dos invasores de terra.

> Notícias da primeira metade do século XIX indicam que alguns grupos (Guaná) foram aldeados junto ao rio Paraguai, outros mais a leste, no rio Miranda, onde se viram envolvidos na guerra entre brasileiros e paraguaios e tiveram suas aldeias invadidas. Findas as hostilidades, voltaram a instalar-se nos antigos locais e entraram em competição com os criadores de gado que, nesse período, começavam a ocupar a região. (...) A maior parte dos grupos Guaná – entre eles os Kinikináo e os Layâna – perdeu suas terras, sendo compelidos a trabalhar para os que delas se apossaram, ou a se dispersar (Ribeiro, 1968, p. 84).

Dos quatro sub-grupos Chané (Guaná) que participaram da Guerra do Paraguai, apenas os Terena, que sempre foram mais numerosos, resistiram ao etnocídio praticado pelos invasores de terra no período pós-guerra, conseguiram manter-se enquanto grupo e obter a demarcação de suas terras.

Os Kinikinau, que possuíam suas aldeias muito bem definidas, conforme se pôde constatar no percurso de sua história, contribuíram com o desenvolvimento regional, com seu trabalho na lavoura, foram os primeiros habitantes da serra de Maracaju e ajudaram a abastecer o exército brasileiro de cereais e víveres durante a ocupação paraguaia, segundo Taunay (1931), sobreviveram em número bem reduzido, não conseguiram garantir o direito à terra e, até hoje não a têm. Obrigados a trabalhar como peões nas fazendas que se foram formando na região, os sobreviventes tiveram de abandonar muitas de suas tradições. Soma-se a todas essas perdas, a perda de referenciais culturais e o esfacelamento da sociedade grupal.

A partir de então, os Kinikinau foram dados como desaldeados, diluídos entre os Terena e extintos. Muitos Kinikinau passaram a se identificar como Terena, para garantir um lugar para fixar residência. Quando nasciam os filhos, esses pais os

registravam como Terena. Outros persistiam na busca de um lugar, vagando pela região de Miranda. Sem terra, sem teto e sem rumo. Os filhos que nasciam, a Funai se encarregava de identificá-los e registrá-los como Terena, deliberadamente. Esse foi mais um fator de enfraquecimento e perda dos elementos da cultura que os identificavam como Kinikinau.

Importantes obras da literatura indígena dão os Kinikinau como etnia e/ou língua extintos: Mason (1946), Ribeiro (1968), Oliveira (1976), Tovar (1984) entre outros. Não aparece o nome dos Kinikinau em pesquisas censitárias e em publicações oficiais mais recentes, como na "Lista de povos Indígenas no Brasil Contemporâneo" do Banco de Dados do Programa Povos Indígenas do Brasil – CDI/Instituto Socioambiental, nov/1994.

1.8 Os Kinikinau hoje - a continuação da história

Existem duas versões sobre o surgimento da aldeia São João, onde os Kinikinau vivem há 60 anos: uma contada de forma velada, como um segredo, conta que os Kadiwéu roubavam mulheres de outras aldeias e as levavam para aquele local, onde iam visitá-las, até perderem o interesse por elas. A outra versão é contada pelo Sr. Miguel e Dona Zeferina, casal que chegou à aldeia por volta de 1950. Eles contam que no final da década de 1940, os Kinikinau formavam um grupo de índios *ako poke'e*, *ako peti* e yonoheoti xâne 'sem terra, sem teto e sem rumo', que vagava na região de Miranda, sempre carregando as tralhas na cabeça e as crianças escarranchadas no quadril. Então, um capitão da tribo Kadiwéu foi até eles e os convidou para morar em um pedaço de suas terras. A proposta foi aceita por parte deles, os mais velhos, cansados do nomadismo. Estes se mudaram para lá, imediatamente. Os que ficaram, ainda acalentavam um fio de esperança de poder retomar suas terras, seu território tradicional, que era naquela região. Entre esses estavam a Dona Zeferina e o Sr. Miguel, ela com pouco mais de 16 anos, com dois filhos. Mas algum tempo depois, resolveram também seguir para lá, vencidos pela miséria e pelos infortúnios decorrentes dela. [15]

Os colaboradores mais idosos desta pesquisa relatam os problemas que suas famílias tiveram de enfrentar para sobreviver nos meses que antecederam as primeiras

[15] Após a guerra, os Kadiwéu foram agraciados com grande extensão de terra. Em número muito reduzido, esses indígenas não conseguiam cuidar delas e temiam a invasão dos criadores de gado. Por isso, convidaram um grupo de índios, que perambulavam pela região de Miranda, para morar em uma pare delas. (Relato de um Kadiwéu, para esta pesquisa – confirmada pelos Kinikinau, colaboradores).

colheitas. Alimentavam-se apenas de namukulite 'espécie de palmito' e de amukaya 'bocaiúva', do qual aproveitavam a polpa e a rapitaka 'castanha'. No princípio eram apenas doze famílias Kinikinau. Depois de algum tempo, os casamentos interétnicos acabaram motivando a entrada de famílias Terena. Pelo mesmo motivo chegaram não índios (negros e brancos). Não tardou também a chegada de famílias Kadiwéu, que, expulsas de suas aldeias, mudaram-se para a Aldeia São João, dando continuidade ao processo cultural que sempre marcou essas nações (Chané / Guaicuru), ou seja, o conflito e a simbiose.[16]

A aldeia São João pertence aos índios Kadiwéu. Localiza-se numa das extremidades da serra de Bodoquena, na jurisdição do município de Porto Murtinho, mas a cidade mais próxima é Bonito, na região Centro Oeste, estado de Mato Grosso do Sul. O lugar é realmente bonito. A paisagem enche os olhos de um verde que se estende pelos morros a perder de vista. Boa parte do solo é pedregoso, o que dificulta o plantio. A vegetação é rala, típica de cerrado. A beleza exuberante da região está transformando a cultura regional, outrora agropecuária, agora em eco-turismo.

Dois rios atravessam e abastecem a aldeia: o Aquidaban e o rio São João, ambos rasos, pouco caudalosos. Secam na estiagem, deixando a população com sérios problemas. Até o ano de 2005, esses rios eram a única fonte de água para a maioria das famílias. Nesse ano, foi feito um poço artesiano, a maioria das casas passou a ter instalação sanitária e uma torneira com água no quintal. Foi construído também um prédio de alvenaria para a escola. Na aldeia não há posto de saúde e nenhum carro para atender emergências, como em outras aldeias da região. Em casos de doença, usa-se o rádio-amador e espera-se pelo atendimento da Funasa de Bonito, a 75 quilômetros. Também não há energia elétrica. Tudo isso foi solicitado em documento escrito, resultante de um encontro realizado em 2004, por iniciativa da Secretaria de Estado de Educação, do qual participei como convidada.

As casas 'owokuti' são espalhadas pelo terreno da aldeia, algumas caprichosamente construídas de troncos de coqueiro 'namukulikaxe', cobertas de folhas de uma espécie de coqueiro 'ixate'. A maioria tem cozinha e fogão de lenha. Outras são apenas um rancho, usado como quartos e todas as atividades diárias são realizadas em um espaço aberto, coberto de folhas de coqueiro, onde mesa e bancos feitos por eles mesmos são colocados. Os quintais são arborizados e, em geral, limpos.

[16] Faz-se necessário esclarecer que os Kadiwéu que se mudaram para a aldeia São João já tinham problemas em suas aldeias de origem, por mau comportamento, como brigas e até assassinatos.

A população da Aldeia São João é de 248 habitantes, sendo 127 kinikinau, 23 te rena, 1 guarani, 87 kadiwéu e 10 não índios. [17]

O número da população Kinikinau é difícil de precisar, pois existem Kinikinau em aldeias te rena, principalmente na aldeia Brejão e na aldeia Cabeceira, em Nioaque e, na aldeia Lalima, em Miranda. Muitos preferem não se identificar como Kinikinau, com medo de perderem o pedaço de terra que ocupam e cultivam, embora no aspecto físico não seja muito difícil distingui-los dos te rena. Há também famílias na cidade de Bonito. A maioria dessas famílias teve de abandonar a aldeia São João devido a atritos com os Kadiwéu.

Todas as famílias têm algumas cabeças de gado (em média 3 a 6). Eles as criam para o consumo, e só em caso de necessidade as comercializam. É comum se afeiçoarem aos animais. Os Kinikinau não têm hábito de tirar o leite das vacas, pois temem prejudicar os xe'exa waka 'bezerrinhos', que tratam como se fossem suas crianças. Apesar de criarem muitas aves (galinhas, galos, patos, galinhas d'angola), não fazem muito bom proveito dos ovos e comem carne delas apenas aos domingos. Todas as famílias plantam pequenas roças de feijão, arroz, milho, mandioca e cana-de-açúcar. Há também plantações de frutas (laranja, limão, banana, melancia) e alguns legumes (abóbora, quiabo).

Muitos Kinikinau que moram na Aldeia São João trabalham como peões em fazendas da região, pois a terra que são autorizados a utilizar é pouca para tirar dela o sustento de todos. O contato com outros grupos e com não-índios tem provocado mudanças radicais na cultura kinikinau. No contato com peões pantaneiros, os índios assimilaram vários comportamentos que acabaram por ser incorporados na aldeia, como o vestir-se tal qual os peões, ter um rancho com tralhas de montaria, ainda que quase não usem o cavalo para se locomoverem dentro ou fora da aldeia, e também o hábito de tomar o tereré, inclusive da forma ritualística, como é feito nas rodas de peões das fazendas do pantanal.[18]

[17] Este levantamento foi realizado em 2005, com a colaboração de informantes. Há na aldeia ainda Kinikinau com documento de identidade Terena e que se identificam como tal, na expectativa de se mudar um dia para uma terra sua (Terena).

[18] Tereré é uma bebida preparada com mate amargo, semelhante ao do chimarrão, porém com água fria ou gelada, que se toma geralmente em grupo e de forma ritualística. Nesse ritual, a cuia com a erva mate vai sendo abastecida de água fria por um dos componentes da roda, que vai passando ordenadamente para os participantes. Quando o participante quer parar de tomar o tereré, ao devolver a cuia ao coordenador ele agradece. Assim, ele continua fazendo parte da roda, mas a cuia não lhe é mais oferecida na sua vez.

Os Kiniknau não preservaram ou não repassaram a tradição musical para as novas gerações. As únicas músicas lembradas por dois colaboradores da pesquisa são o canto que faz apelo aos espíritos nos rituais de cura e os que pedem a proteção dos animais. Os instrumentos musicais que são utilizados, são a caixa de percussão (tambor) e a flauta de bambu. E há quem os fabrique e toque na aldeia. O único detentor desse saber, além de fabricar e tocar os instrumentos, ele também os comercializa. Porém, esse conhecedor que já é idoso.

A literatura oral, se foi praticada, deixou de ser repassada há bastante tempo, pois não existem contadores de história. O Sr. Miguel é o único índio da aldeia que tem histórias para contar. Suas histórias confundem-se com histórias bíblicas, como a história da arca de Noé e com as histórias contadas pelos pantaneiros, como a história do pai dos bichos 'ho'openo há'a' e a história do pai do mato 'etutikoti ha'a', ambas parecidas, pois os dois personagens *ho'openo há'a* e *etutikoti ha'a* são entidades encantadas que castigam o humano que pratica o mal. O primeiro castiga o homem mau que comete perversidade com o próximo. O segundo, castiga o homem que comete crime ecológico.[19]

Os casamentos interétnicos na aldeia são comuns, tendo em vista a diversidade étnica já mencionada neste trabalho. Há casamentos com Terena, Guarani, Kadiwéu e não-índio (negro e branco).

Com relação aos mortos, também houve muita mudança. Eles já não são mais enterrados próximo à porta da casa, como antigamente. Com o passar do tempo, apenas as crianças eram enterradas à porta da casa e, hoje, há um cemitério na aldeia, onde são enterrados todos os falecidos, indistintamente.

Todas as famílias possuem uma roça, ainda que num espaço muito pequeno, e também animais, de que cuidam com especial zelo. Nas buscas bibliográficas que empreendi para conhecer a ancestralidade dos Kinikinau, não encontrei nenhuma evidência de que esses índios tenham, em algum tempo de sua existência, dedicado-se à produção de cerâmicas ornamentais. Porém, no desejo obstinado de se fazer ver como indígena de Mato Grosso do Sul, foi criada, em 2004, a Associação das Mulheres Ceramistas na aldeia, por um pequeno grupo de mulheres, que vêm surpreendendo a todos com seus resultados positivos. Elas têm participado de feiras em cidades do estado e isto ajuda na motivação, para que outras pessoas comecem a participar da

[19] Observa-se que segundo a versão kinikinau da arca de Noé, Noé era kadiwéu e o povo salvo na arca era kadiwéu.

associação. Há uma busca de identidade, que resulta em uma mistura de traços da cerâmica kadiwéu (muito conhecida na região) com traços terena. Alguns homens, entusiasmados com o sucesso das mulheres, estão também praticando a produção artística artesanal. Já são encontrados trabalhos com madeira, como bancos, gamelas; com penas, cocares e adornos; pintura em couro e a produção de adornos com sementes, como colares, brincos e pulseiras. Também na escola, as crianças estão sendo estimuladas a produzir artesanato, atualmente. Kinikinau, Terena, Kadiwéu e não índio se juntam e produzem trabalhos nos quais fica visível a mistura cultural nos objetos e nas pinturas: os traços, cores e formas.

No começo do meu trabalho de pesquisa, a produção artesanal estava se iniciando na aldeia. A cerâmica era muito rudimentar. Eram peças muito pesadas, não tinham acabamento, a tinta saía na mão e acabava borrando toda a pintura do objeto. Muito do que era produzido perdia-se, por falta de conhecimento técnico na manipulação da argila. Com perseverança, e na base do erro e acerto, a cerâmica vem a cada dia sendo aperfeiçoada e assumindo uma característica kinikinau, no fazer das ceramistas.

A tecelagem já não é mais uma habilidade das índias Kinikinau. Essa prática cultural que tanto impressionou os historiadores do século XIX, como tantas outras atividades culturais, deixou de ser realizada. Apenas a Dona Zeferina tece as fibras do algodão que é plantado em volta da casa, uma das marcas da ancestralidade que ainda pode ser percebida. Ela tece redes e pequenas toalhas. Mas como não consegue vender essas peças, não tem motivação para se dedicar a uma produção continuada. Ela se dedica mais à tecelagem da lã de carneiro, pois dá melhor retorno financeiro. Produz baixeiros, que são vendidos para os peões da aldeia e da região.[20]

A vida social na aldeia São João assemelha-se à vida social das fazendas e assentamentos da região, da vida social rural, com influências urbanas. As festas e comemorações da aldeia acompanham o calendário das tradições urbanas, como a festa junina, por exemplo, com a dança da quadrilha. As festas religiosas, católicas, em comemoração aos santos, também são realizadas. A festa de São Miguel Arcanjo é realizada todos os anos na casa de Dona Zeferina, colaboradora desta pesquisa. Mas a grande festa é a do dia do índio, pois envolve toda a população da aldeia. Por influências externas, essa festa também mostra muito pouco das tradições indígenas. A

[20] Baixeiros são mantas que se põe por baixo do arreio, da cangalha, da sela, da carona, com o forro diretamente em contato com o suor, protegendo o lombo do animal (Michaelis, 1998)

festa conta com a colaboração dos fazendeiros da região, que oferecem a carne. Comerciantes da cidade de Bonito levam refrigerantes, refrescos, sorvetes, doces e biscoitos para vender na aldeia, uma clara mostra da interferência da cultura dominante nas aldeias indígenas. No domingo, antes do almoço comunitário, são realizadas as atividades culturais preparadas pelos professores: danças típicas das etnias que compõem a população da aldeia, exposições de pinturas, desenhos, trabalhos manuais e artesanato produzidos pelos alunos e também o artesanato em geral, produzido pelos adultos. O empenho maior para essas mostras culturais locais parte da professora (não-índia), coordenadora da escola, que conta com apoio de Dona Zeferina, uma das mais idosas kinikinau que fala a língua e se empenha para não deixar morrer o que resta ainda de indianidade kinikinau. Comparecem a essa festa pessoas de outras aldeias, das fazendas vizinhas, do assentamento, das cidades mais próximas e também de Campo Grande. Pessoas que mantêm algum vínculo de parentesco, amizade ou de trabalho com habitantes da aldeia

Os Kinikinau sempre foram agricultores. A caça, a pesca e a coleta são práticas que nunca foram citadas como atividades culturais desse povo. Porém, atualmente há quem as pratique, como forma de lazer e não como meio de subsistência. O que se pode perceber é que com a criação de aves, porcos e gado, na verdade não há outra motivação para essas práticas que não seja o lazer.

Analisando a situação dos Kinikinau em relação aos Guaicuru desde o passado remoto no Chaco paraguaio até os dias atuais, verifica-se que, de certa forma, pouca coisa mudou na história desse povo. Apesar da proximidade física das moradias, há um enorme fosso social, político e ideológico que separa esses dois grupos naquele local. Na Aldeia São João impera uma palavra de ordem entre os Kinikinau: não revidar as provocações dos Kadiwéu. Existe um clima tenso, em que os Kinikinau estão sempre preocupados em não fazer absolutamente nada que provoque os Kadiwéu que moram na mesma aldeia, nem enfrentá-los nos seus insultos. Os Kadiwéu da aldeia não criam gado, mas quando precisam da carne, pegam o gado dos Kinikinau e matam, naturalmente. Não dão nenhuma satisfação aos donos e não recebem nenhuma represália por isso.

Os Kinikinau de hoje têm outra visão do comportamento dos Kadiwéu. Só se mantêm calados e suportam essa situação porque não têm outra opção. Não têm para onde ir. Mas sofrem e se revoltam. Algumas famílias já se mudaram para a cidade e conseguiram manter-se. Outras tiveram de voltar para a aldeia e outras pediram ajuda

aos Terena. Há, atualmente, um movimento pela aquisição da terra a que têm direito, que está recebendo respaldo de parte dos Terena. A Funai tenta dissuadi-los da idéia, prometendo resolver problemas da aldeia. Os Kinikinau percebem a intenção e, por isso, não confiam mais, não acreditam nas promessas.

A escola é o espaço mais democrático da aldeia. Nela estudam os filhos dos Kinikinau, dos Terena, dos Kadiwéu e algumas crianças não índias. Os conflitos entre as crianças são os mesmos que existem em qualquer escola. Porém, os professores percebem a diferença nas atitudes dos alunos das diferentes etnias. Os trabalhos em grupo são sempre incentivados, principalmente nas séries mais avançadas. Nos trabalhos de artes fica muito evidenciada a simbiose cultural, principalmente na pintura. Nos grandes painéis que produzem, os alunos imprimem, cada um, a sua marca cultural: nos traços, nas cores, nas formas e, o resultado fica bastante interessante.

Empenhados no projeto dos Kinikinau, de resgate dos valores culturais étnicos e re-aprendizagem de possíveis técnicas artesanais, os professores da escola da aldeia (que não são indígenas) pedem aos alunos tarefas que envolvem a participação dos pais ou avós, no intuito de que os mais velhos repassem às crianças e jovens a sua herança cultural. Na festa do dia do índio de (2006), os adultos (pais dos alunos) dançaram a dança tradicional para mostrar às crianças e aos jovens a maneira correta de se dançar.

1.9 A Língua e seus falantes

A língua kinikinau pertence à família Aruak. Essa classificação é feita por Mason (1946, p. 214), por Loukotka (1968, p.144) e por Tovar (1984, p.129). Segundo Metraux (1946), a cultura dos povos Chané (Guaná) haveria se modificado pelas influências que cada grupo teria recebido de outras culturas, em decorrência do contato. Já Mason (1946), mais radical, afirma que o Kinikinau, assim como todos os subgrupos Chané (Guaná) deixaram de falar sua língua Aruak e passaram a falar uma língua Guaicuru, afirmação feita em nota de rodapé. Essa afirmação foi repetida por vários pesquisadores. Este trabalho tenta sugerir que se trata de uma língua Aruak, muito semelhante ao terena, embora mudanças lingüísticas tenham ocorrido.

De acordo com Aikhenvald (2001), Aruak é a família lingüística que tem maior número de línguas na América do Sul. No Brasil, as línguas da família Aruak se

concentram principalmente nas regiões Norte (Apurinã, Baniwa, Palikur, Piapoko, Tariana, Wapishana) e na região Centro Oeste do Brasil (Enawene-Nawe, Mehinaku, Pareci, Waurá, Yawalapiti no Mato Grosso, e Terena e Kinikinau no estado de Mato Grosso do Sul).

Não há estudo científico publicado sobre a língua kinikinau. A língua encontra-se em estágio muito avançado de extinção, contando com 11 falantes proficientes e alguns falantes passivos ou semi-falantes. Este trabalho pretende também projetar mais um foco de luz sobre o problema da morte de línguas no Brasil.

Conforme já foi mencionado, existem várias hipóteses sobre a língua kinikinau. Sanchez Labrador (1910) afirma que kinikinau e terena são línguas muito parecidas. Mason (1946) afirmou que os Kinikinau deixaram de falar a sua língua Aruak, para falar uma língua Guaicuru. Taunay (1931) afirmou que os Kinikinau falavam a língua terena empobrecida. Há informações de que a língua kinikinau já foi extinta. O contato com as línguas kadiwéu, terena e portuguesa por um tempo prolongado na aldeia leva a levantar uma outra hipótese, que é a crioulização.

Kinikinau e terena são línguas Chané, que apresentam muitas semelhanças e algumas diferenças que esta pesquisa pretende mostrar. Esses povos concordam que as línguas se parecem, mas discordam com a mesma convicção, quando se afirma que falam a mesma língua. Esse comportamento é compreensível, pois a rivalidade entre esses grupos foi percebida por Taunay (1931) e, na aldeia São João, apesar de uma convivência cordial, não é difícil de se notar que as divergências históricas ainda não foram totalmente superadas. Há também o forte desejo de auto-afirmação étnica dos Kinikinau. Este objetivo implica principalmente em distinguir-se do Terena.

Esse trabalho se reveste do caráter de urgência, tanto pelo fato de que é importante verificar essas hipóteses, quanto pela questão da morte iminente da língua.

De acordo com dados levantados em campo, não há falante monolíngüe em kinikinau. Todos falam o português. Das 11 pessoas entrevistadas, apontadas como falantes da língua, 4 afirmaram ser falantes ativas, isto é, usam a língua muito freqüentemente. 7 responderam que não a falam no dia-a-dia. Como se pode ver, apenas 4 falantes parecem fazer uso da língua kinikinau cotidianamente. E apenas uma, Dona Zeferina, principal colaboradora desta pesquisa, é considerada realmente fluente, e é ela quem decide quando e onde a língua deve ser falada. Todos os quatro falantes são da mesma família e moram próximos uns dos outros. Os demais só falam kinikinau eventualmente, e apenas falam kinikinau quando em presença da Dona Zeferina. Esses

falantes não têm interlocutor em casa que fale ou entenda kinikinau. Na faixa de idade entre 25 e 49 anos, foram 30 entrevistados. Apenas 3 se declararam falantes não muito proficientes. 7 responderam que entendem, mas não sabem falar, e 20 disseram que não falam nem entendem.

Segundo informação de campo, existem falantes de kinikinau fora da aldeia. Essas pessoas não foram entrevistadas. O número de falantes considerados para este trabalho refere-se aos Kinikinau da aldeia São João. Apenas um dos falantes citados foi contactado, porém a situação verificada é a mesma da aldeia: não há interlocutor para uso cotidiano da língua kinikinau..[21]

Na pesquisa com essas pessoas, ficou claro que nas casas onde os falantes convivem com filhos e netos, como é o caso dos principais colaboradores desta pesquisa, as crianças, os jovens e os adultos são falantes passivos ou semi-falantes, pois os idosos (avós), embora bilíngües (kinikinau – português) usam a língua nativa para se comunicar com eles. Em geral falam sobre todos os assuntos na língua nativa: perguntam, respondem, informam, contam fatos, dão os comandos e também repreendem as crianças e os jovens. Todos entendem, inclusive as crianças. Porém, ninguém conversa com eles na língua kinikinau. Não ocorre, no cotidiano familiar, o diálogo na língua com todos os componentes da família.

Há casos em que o idoso (avô ou avó) mora com filhos e netos, mas não faz uso da língua na comunicação diária com eles. Esses falantes só fazem uso da língua eventualmente, quando se encontram com Dona Zeferina, em visitas, reuniões, festas ou encontros ocasionais.

Observando o comportamento dos falantes na festa em comemoração ao dia do índio, observei que os falantes de kinikinau sentem um orgulho e um prazer em falar a língua e chamam a atenção dos parentes para se empenharem na re-aprendizagem dela.

Quando questionadas sobre o fato de não terem ensinado para seus filhos a língua nativa, as mães deram algumas justificativas, entre elas, a que os professores da escola se queixavam da dificuldade para alfabetizar as crianças que não tinham o português como primeira língua, e sugeriam às mães que deixassem para ensinar a língua indígena depois que seus filhos fossem alfabetizados.

O papel social da língua kinikinau hoje está basicamente relacionado com a necessidade de reafirmação da identidade étnica. Falar a língua, ensiná-la e estudá-la faz

[21] Segundo informação de pessoas entrevistadas, existem 4 falantes de kinikinau na cidade de Bonito. Sobre os Kinikinau que vivem em aldeias Terena, não há informação sobre falantes.

parte do projeto de resgate cultural, da manifestação da ancestralidade ou do pouco que restou dela. Considerando que a cultura não é uma coisa estática, fossilizada na memória e nos rituais de um povo, mas sim uma dinâmica que se renova a cada dia, pode-se dizer que eles estão re-construindo sua identidade étnica.

O que está claro até o momento, na interpretação dos dados coletados, é que, como já foi mencionado, terena e kinikinau são muito parecidas, são línguas Chané, mas têm diferenças fonéticas, lexicais e gramaticais que o espírito de ressurgência do grupo torna de grande relevância para a confirmação da identidade.

Segundo Day (1985) a morte não é o fim natural das línguas. O natural é que todas as línguas ativas mudem, porque seus falantes fazem parte de uma sociedade que está em constantes mudanças. Usando um exemplo do autor, o português antigo é quase irreconhecível para os falantes do português de hoje, assim como acontece com todas as línguas em uso. Há línguas que se transformam em outras línguas, como é o caso do latim, que se transformou em francês, espanhol, italiano, português. Duas línguas podem coexistir harmonicamente, com os grupos sociais tornando-se bilíngües, mas obviamente há interferência por contato.

Os fatores apontados como responsáveis pela situação de obsolescência da língua kinikinau não acrescentam nenhum fato inusitado, pois todos já foram descritos por pesquisadores e estudiosos como os citados neste trabalho, em relação a várias línguas que já foram extintas. O preocupante é ter de repetir essa descrição, sabendo que não será pela última vez.

Enquanto as políticas públicas não chegam à aldeia, os Kinikinau estão cada vez mais próximos de ser apenas mais um nome nas enciclopédias. Continuam sendo índios invisíveis que, impotentes, vão sentindo o silenciar do som de sua língua ancestral.

1.10 O Trabalho de Campo

Este trabalho é resultado de quatro anos de pesquisa. Trata-se de coleta de dados com principalmente um falante de uma língua, Dona Zeferina, que dada a idade e a falta de conhecimento da linguagem metalingüística, não se trata de uma colaboradora bastante interessada em trabalhos gramaticais. Outra dificuldade é o fato de Dona Zeferina ter bastante dificuldade com sentenças longas. Toda sentença longa elicitada é

dada pela consultora com muitas dúvidas, repetições e correções. Esta dificuldade não aparece no português da falante, o que pode indicar que a língua nativa está prejudicada por falta de memória de uso, uma vez que o uso da língua kinikinau é restrito por falta de falantes nativos. A situação da língua em acelerado processo de morte foi um complicador em geral, sendo que nem sempre a consultora podia se lembrar de certas construções. E outros falantes já mostram bastante mistura com o português. É importante notar que possíveis empréstimos gramaticais do kadiwéu são parte da fala da Dona Zeferina (como mostrado no decorrer deste trabalho), diferenciando o kinikinau do terena. Já empréstimos lexicais e gramaticais do português são freqüentes na fala de jovens que não são falantes de kinikinau como primeira língua. O trabalho aqui apresentado tem como referência a fala de Dona Zeferina, embora dados dos outros falantes foram coletados e comparados quando pertinente. Além desta dificuldade, é importante informar a falta de condições adequadas para gravações, sem um ambiente fechado na aldeia Kinikinau, e a própria dificuldade de acesso à aldeia.

O trabalho de campo para a coleta de dados com falantes nativos foi realizado seguindo uma metodologia tradicional, com gravação de dados elicitados (vocabulário, frases e textos) em gravador digital, bem como algumas falas espontâneas. Na coleta de dados elicitados usei as listas de Kaufman & Berlin (1986), mais as complementações que se fizeram necessárias para o estudo da fonologia e morfologia. Foram utilizados livros e revistas com ilustrações de plantas e animais na elicitação de palavras para fauna e flora típicas da região. Observou-se que a língua apresenta hoje grande número de empréstimos de palavras para flora. Esses empréstimos são principalmente do kadiwéu, como são as palavras usadas nesta introdução, ou do português. As narrativas coletadas não são mitológicas, uma vez que as narrativas mitológicas se perderam. Tratam-se de narrativas de histórias infantis da literatura brasileira ou de histórias pantaneiras. Parte dos dados foram digitalizados e observados no PRAAT, programa de código aberto desenvolvido por Boersma e Weenink na Universidade de Amsterdã.

O segundo capítulo apresenta uma descrição da fonologia kinikinau. O terceiro capítulo apresenta a morfologia concatenativa e não concatenativa da língua e o quarto é um apanhado de sintaxe básica. Finalmente, há algumas considerações finais a respeito de alterações sofridas por contato na língua kinikinau.

2
FONOLOGIA

2.0 Introdução

Neste capítulo, apresentarei uma descrição preliminar do sistema fonológico da língua kinikinau, com base em um *corpus* constituído de palavras e frases elicitadas, transcritas foneticamente, utilizando a tabela do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Para resolver as dúvidas em relação à identificação de alguns segmentos no momento da transcrição (como alongamento vocálico), faço uso do PRAAT, programa de código aberto, desenvolvido por Boersma e Weenink na Universidade de Amsterdã. Esse programa é importante, principalmente no trato com as vogais longas da língua. A análise dos dados seguirá as orientações da fonêmica tradicional, basicamente a metodologia proposta por Pike (1947), mas outras considerações fora do estruturalismo americano serão levadas em conta.

Os exemplos deste capítulo serão apresentados em transcrição fonética. O acento não será marcado, porque há uma suspeita de esta ser uma língua tonal e a análise não está completa até este momento de estudo. As evidências para essa hipótese estão elencadas neste capítulo.

2.1 Inventário de fones consonantais

Os dados fonéticos que compõem o *corpus* deste trabalho possibilitaram distinguir os seguintes fones:

	Bilabial	labiodental	Dent./alv.	Pós-alveol.	palatal	velar	glotal
plosiva	p		t			k	ʔ
africada				tʃ			
fricativa		v	s	ʃ			h
pré-nasalizada	mb		nd nz		nʒ	ŋg	
nasal	m		n		ɲ		
lateral			l				
tepe			ɾ				
aproximante	w				j		

Quadro 1. Tabela dos fones consonantais

2.1.1 [p]: oclusivo, bilabial, desvozeado, oral; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, antecedendo vocóide:

(01) a. [pi.ɾi.taw] *faca*

b. [pɔ.ku] *cotia*

c. [a.pa.puj] *caspa*

2.1.2 [t]: oclusivo, alveolar, desvozeado, oral; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, antecedendo vocóide:

(02) a. [tu.ʔi:.ti] *rede*

b. [ta.pi.ʔi] *galinha*

c. [kɔj.tu.kɛ.ti] *trabalhar*

2.1.3 /k/: oclusivo, velar, desvozeado, oral; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, antecedendo vocóide:

(03) a. [ki.a.ka.ʃe] *tarde*

b. [ka.pa.si] *nuvem*

c. [ɛ.ʃɔ.kɛ.ti] *bonito*

2.1.4. [ʔ]: oclusivo, glotal, desvozeado; ocorre em fronteira inicial de sílaba, principalmente no interior de palavra, em ambiente intervocálico. Ocorre também em início de palavra:

(04) a. [ha.ʔa] *pai*

b. [ta.pi.ʔi] *galinha*

c. [i.ʃɛ.ʔɔ] *pêlo, lã do carneiro*

2.1.5 [tʃ]: africado, álveo-palatal, ocorre quando seguido do fonema vogal anterior alto / i /.

(5) a. [tʃi.kwa] *tamanduá*

b. [tʃi.ne.ru] *dinheiro*

c. [tʃi.li.pɔ.kɛ] *cotovelo*

d. [tʃiːpɛ] *veado*

2.1.6 [v]: fricativo, labiodental, vozeado; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, antecedendo vocóides.

(6) a. [vɛ.tɛ.kɛ.kɛ] *jacaré*

b. [pɔ.nɔ.vɔ.ti] *reto*

c. [pi.ti.vɔ.kɔ] *cidade*

2.1.7 [s]: fricativo, alveolar, desvozeado; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, antecedendo vocóide:

(07) a. [sa.sa.ʔi.ti] *limpo*

b. [ma.ɾɛ.sɔ] *corda*

c. [ka.pa.si] *nuvem*

2.1.8 [ʃ]: fricativo, álveo-palatal, desvozeado; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, antecedendo vocóide:

(08) a. [ʃaː.nɛ] *gente, pessoa*

b. [kɔj.ʃɔj] *cobra*

c. [ʃɔ.ɾɛj.ʃɔ] *sabiá*

2.1.9 [h]: fricativo, glotal, desvozeado; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, contíguo a vocóide:

(09) a. [hɛ.wɛ] *Pé dele/dela*

b. [i.ha.kɔ.ti] *xingando*

c. [hi.ha.pi.ti] *rocha*

2.1.10 [mb]: oclusivo, pré-nasalizado, bilabial; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, precedido por ø ou por vocóide nasalizado:

(10) a. [mbi.hɔ.ti] *estou indo*

b. [ɔ̃.mɔ̃.mbaː.ti] *estou trazendo*

2.1.11 [nd]: oclusivo, pré-nasalizado, dental; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, precedido por ø ou por vocóide nasalizado:

(11) a. [ndi.mɔ.ti] *estou vendo*

b. [nõ.wõ.ndi] *estou plantando*

2.1.12 [ŋg]: oclusivo, pré-nasalizado, velar; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, precedido por ø ou por vocóide nasalizado:

(12) a. [ŋga.sa.ti] *estou esfriando*

b. [u.ɾũ.ŋgɔ.wɔ] *estou entrando*

2.1.13. [nz]: fricativo, pré-nasalizado, alveolar; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, precedido por ø ou por vocóide nasalizado:

(13) a [ã . nza . ko . vo] *estou correndo*

b. [nzi. pɔ . ti] *estou chegando*

2.1.14. [nʒ]: fricativo, pré-nasalizado, álveo-palatal; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, precedido por ø ou por vocóide nasalizado:

(14) a. [nʒa.nɛ.a.ti] *estou acompanhando*

b. [ɛ̃. nʒwa.ti] *estou entendendo*

2.1.15 [m]: nasal, bilabial, vozeado; ocorre em início de palavra e de sílaba, contíguo a vocóide:

(15) a. [ma.ɾɛ.sɔ] *corda*

b. [mu.wɔ:.u] *algodão*

c. [kɔɛ.pɛ.kɔ.ti.mɔ *ele vai matar*

2.1.16 [n]: nasal, alveolar; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, contíguo a vocóide:

(16) a. [nɛ:. nɛ] *lingua*

b. [nɔ.nɛ.ti] *planta, semente*

c. [nu.ti.ku] *jenipapo*

2.1.17 [ɲ]: nasal, vozeado, palatal; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, contíguo a vocóide. Este fone tem muito baixa freqüência na língua.

(17) a. [ɲõ .ɲõ] *crista*

b. [ɲũ. ɲũ] *pombo*

c. [ɲõ] *eu plantei*

2.1.18 [l]: lateral, alveolar, vozeado; ocorre em fronteira inicial de palavra e de sílaba, antecedendo vocóide:

(18) a. [la.wo.na] *lagoa*

b. [ki.li.ki.li] *periquito*

c. [lo.mi.ti] *vaga-lume*

2.1.19 [ɾ]: tepe, alveolar, vozeado; ocorre em fronteira inicial de sílaba e também em fronteira inicial de palavra, contíguo a vocóide:

(19) a. [pi.ɾi.taw] *faca*

b. [huː.ɾa] *barriga*

c. [ɾɛ̆.mbe.mɔ] *minha camisa*

d. [ɾa.pi.ta.ka] *castanha*

2.1.20 [j]: aproximante, palatal; ocorre em fronteira inicial e final de palavra e de sílaba, contíguo a vocóide.

(20) a. [a.ɾu.nɔj] *menina*

b. [a.pɛ.jɔ.kɔ.pɛ] *sombra*

c. [jɛ.tɔ. ɾɛ] *louco*

d. [i.haj.kɔ.ti] *grávida*

2.1.21 [w]: aproximante, labial; ocorre em fronteira inicial e final de vocábulo e de sílaba, contíguo a vocóide:

(21) a. [nu.ta.wa] *galo*

b. [ɔ.wɔj] *jaboti*

c. [pi.ɾi.taw] *faca*

d [wɔ:.ma] *jatobá*

2.2 Inventário dos fones vocálicos

Foram encontrados inicialmente 13 fones vocálicos, conforme pode ser observado no quadro a seguir. A descrição do quadro é a que segue:

fones vocálicos

	anterior não-arredondado		central não-arredondado		posterior arredondado	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	Nasal
alto	i	ĩ	ɨ		u	ũ
médio	e	ẽ			o	õ
médio aberto	ɛ				ɔ	
baixo			a	ã		

Quadro (2): Tabela dos fones vocálicos

Além das vogais apresentadas acima, qualquer vogal pode ser alongada. Sobre vogais longas, veja o final deste capítulo, seção 2.4.

2.2.1 [i]: anterior, alto, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico, em posição inicial e não inicial de palavra:

(22) a. [i.pi.ki.ɾi. ɾi] *cigarra*
b. [pi.wi.ʃu] *gato*
c. [ki.ɾi.pu.ɾu] *demônio*

2.2.2 [ĩ]: anterior, alto, nasalizado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico, adjacente à consoante nasal:

(23) a. [ĩ.na.ma.ti] *novo*
b. [mɔ̃.ĩm] *minha moranga*
c. [ĩ.nzɔ.nɛ.ũ] *meu pensamento*

2.2.3 [ɨ]: central, alto, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico, precedido de [h] e, em alguns casos, seguido de [h].

(24) a. [ɨ:hɨ] *rabo, cauda*
b. [kɛ.hɨ] *mosquitinho polvorinha*
c. [jɔ.nɔ.hɨ kɔ.ɛ] *está vigiando*

2.2.4 [e] médio, anterior, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico.

(25) a. [hi.ke.ɾe] *estrela*
b. [ka.ʃe] *dia, sol*
c. [ko.ʔe.ɾu] *papagaio*

2.2.5 [ɛ]: médio baixo, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico.

(26) a. [sɛ.wɛ.ɾɛ.nɔ] *chifre*

b. [ɛ.ʃɔ.ti] *manso*

c. [ɔ.pɛ.tɛ.ɾɛ] *coluna vertebral*

2.2.6 [ẽ]: médio, anterior, nasalizado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico adjacente à consoante nasal.

(27) a. [kẽ̃.nɔ.ti] *orelha*

b. [kɔ.ʔɔ.jẽ.nɛ] *hoje, agora*

c. [e.nɔ̃.mẽ.nɛ] *isso mesmo*

2.2.7 [a]: baixo, central, oral, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico.

(28) a. [a . tu] *leite*

b. [a.pa. puj] *caspa*

c. [ka.ʔi] *macaco*

2.2.8 [ã]: baixo, central, nasalizado, não-arredondado; ocorre em núcleo silábico, em contigüidade à consoante nasal.

(29) a. [ta.ʔã] *anhuma*

b. [na.rã.ŋga] *laranja*

c. [pã̃.ŋgu] *banco*

2.2.9 [o]: posterior, médio, oral, arredondado; ocorre como núcleo silábico, em posição inicial e não inicial de palavra:

(30) a. [ki.mo.ũ] *queixada*

b. [pa.hu.ko.wo.ti] *errado*

c. [wa.ko.ku] *couro seco*

d. [oː ʃu] *avô*

2.2.10 [õ]: médio, posterior, nasalizado, arredondado; ocorre em núcleo silábico, em contigüidade à consoante nasal.:

(31) a. [mɔ.mõ.ʔõ] *palmito*

b. [jɔ.mɔ̃ː mɔ] *lama*

c. [mõ̞.mi.ti] *cansado*

2.2.11 [ɔ]: posterior, médio baixo, oral, arredondado; ocorre em núcleo silábico, em posição inicial e não inicial de palavra:

(32) a. [jɔ.kɔ.nɛ] *venha cá*

b. [ɔ.hɔ] *ratinho*

c. [kɔ.tɔ.pɔ.kɔ.kɔ] *coruja*

2.2.12 [u]: posterior, alto, oral, arredondado; ocorre como núcleo silábico, em posição inicial e não inicial de palavra:

(33) a. [u.hɔ.ɾɔ] *buraco*

b. [ju.ku] *fogo, lenha*

c. [u.ku.kɔ.ti] *casca*

2.2.13 [ũ] posterior, alto, nasalizado, arredondado; ocorre em início e meio de palavra, em núcleo silábico, em contigüidade à consoante nasal.

(34) a. [a.nũ] *Pescoço*

b. [mũ.sũ] *cobra do barro*

c. [[ũ.ɲũ]] *mutum*

2.3 Interpretação fonológica

A partir da descrição fonética, utilizarei os recursos da análise fonológica tradicional para identificar os fonemas da língua, verificando as relações de contraste, variação e distribuição entre dois sons, sob a orientação de Pike (1947), considerando principalmente as premissas que norteiam o trabalho de descrição fonológica: (i) o som tende a ser modificado pelo ambiente em que ocorre; (ii) os sistemas sonoros tendem a ser simétricos; (iii) os sons tendem a flutuar; (iv) as seqüências características de sons da língua (padrões silábicos) exercem pressão sobre a interpretação de segmentos suspeitos e seqüências complexas (Pike, 1947: 58 a 66). A análise que se segue busca a definição dos fonemas que constituem o quadro fonológico da língua.

2.3.1 Segmentos consonantais

2.3.1.1 [p] e [m] ocorrem em ambientes análogos e, portanto, são dois fonemas da língua.

(35) a. [mu:jo] *corpo* [pu:ju] *joelho*

b. [mɔ.kɛ.rɛ] *bobo* [pɔ.kɛ.ʔɛ] *chão, terra*

c. [mɔ: kɔ] *ninho* [pɔ:.ku] *cotia*

/ p / e / m / são fonemas.

2.3.1.2 [t] e [ɾ] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste em ambiente análogo e em ambiente idêntico:

(36)	a.	[ɔ.ʈɔ.ʞɔ.ɯɔ./ɪ.ʈɪ]	*ciumento*	[ɔ.ɾɔ.kɔ.wɔ. ti]	*queimada*
	b.	[wɛ.tɛ.kɛ.kɛ]	*jacaré*	[wɛ.ɾɛ.kɛ.kɛ]	*perereca, rã*

/ t / e / ɾ / são fonemas.

2.3.1.3 [t] e [n] contrastam em ambiente idêntico:

(37)	a.	[tɔ.wɔ.ti]	*urinar*	[nɔ.wɔ.ti]	*plantar*
	b.	[ti.kɔ.ti]	*árvore*	[ni.kɔ:.ti]	*comer*

/ t / e / n / são fonemas.

2.3.1.4 [k] e [ʔ] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste, em ambiente idêntico ou análogo.

(38)	a.	[pɔ.ku]	*cotia*	[pɔ.ʔu]	*cinza*
	b.	[hɔ.kɔ.ti]	*trepadeira*	[hɔ.ʔɔ]	*sopa, caldo*

/ k / e / ʔ / são fonemas.

2.3.1.5 [ʔ] e [h] são foneticamente semelhantes; ocorrem em contraste em ambiente idêntico ou análogo.

(39)	a	[pɔ.ʔi]	*outro*	[pɔ.hi]	*pato*
	b.	[hɛ.ʔɛ]	*capim, grama*	[hɛ.hɛ.ti]	*cheiro,odor*

/ ʔ / e / h / são fonemas

2.3.1.6 /ʔ/ se opõe à sua ausência, apresentando evidência adicional de que se trata de um fonema, conforme se pode observar nos exemplos:

(40)	a.	[hɔː ʔɛ]	*cinto dele*	[hɔː ɛ]	*peixe*
	b.	[kɔ.ʔɛ]	*batata doce*	[kɔ.ɛ]	*está*

/ ʔ / é fonema

2.3.1.7 [s] e [ʃ] são foneticamente semelhantes; contrastam em ambiente análogo.

(41)	a.	[sɛ.nɛ]	*urina*	[ʃɛ.nɛː]	*seio*
	b.	[ʃɛː nɛ]	*caminho*	[seː nɔ]	*mulher*

/ s / e / ʃ / são fonemas distintos.

2.3.1.8 [n] e [ɾ] contrastam em ambiente idêntico e em ambiente análogo:

(42)	a.	[na.mɔ.kɔ]	*ele ganha*	[ɾa.mɔ.kɔ]	*farinha*
	b.	[ha.ɾa.ɾa ʔi.ti]	*vermelho*	[ha.na ʔi.ti]	*grande*

/ n / e / P / são fonemas distintos.

2.3.1.9 [l] e [P] são foneticamente semelhantes; contrastam em ambiente idêntico:

(43)	a.	[hu.lɛ.kɛ.ti]	*preguiça (animal)*	[hu.ɾɛ.pɛ]	*colher (nome)*
	b.	[ma.liː.ka]	*longe*	[ma.ɾiː.pa]	*terra*

/ l / e / ɾ / são fonemas distintos.

2.3.1.10 [m] e [n] são foneticamente semelhantes; contrastam em ambiente análogo:

(44)	a.	[ma.ku.kɛ]	*antigamente*	[naː.ku]	*onde está ?*
	b.	[mɔ.wɔ.ʔi.ti]	*seco*	[nɔ.wɔ.ti]	*plantar*

/m/ e /n/ são fonemas distintos.

2.3.1.11 [n] e [ɲ] são foneticamente semelhantes; contrastam em ambiente análogo:

(45)	a.	[nɔː.jɔ]	*queixo*	[ɲɔ.ɲõ]	*crista*
	b.	[nɔː.nɛ]	*rosto*	[ɲɔ.aː.nɛ]	*já o plantou*

/n/ e /ɲ / são fonemas. Foram encontradas apenas 7 (sete) palavras com o fonema /ɲ /.

2.3.1.12 [ʃ] e [tʃ] estão em variação livre em todos os ambientes.

(46)	a.	[ʃi.ɾi.pɔj]	~	[tʃi.ɾi.pɔj]	*Saracura*
	b.	[ʃu.luː kɛ]	~	[tʃu.luː ki]	*tatu peludo*
	c.	[ʃɔ.hɔj]	~	[tʃɔ.hɔj]	*Mato*
	d.	[ʃɛ.ʔɔ kɔɛ]	~	[tʃɛ.ʔɔ kɔɛ]	*em pé*
	e.	[ʃaː nɛ]	~	[tʃaː nɛ]	*gente, povo*

[ʃ] e [tʃ] são alofones do fonema /ʃ/.[22]

[22] Percebi que foneticamente /t/ pode ser realizado como uma africada /tΣ/ quando seguido de vogal alta anterior /i /, apenas na fala dos jovens que estão estudando a língua. Isto é, falantes de português, com kinikinau como segunda língua (aprendiz), criando, para estes falantes, um *overlapping*.

a.	[tʃi.ne.ru]	[ti.ne.ro]	*Dinheiro*

2.3.1.13 [w] está em variação livre com [v]:

(47) a. [wa.nu.kɛ] ~ [va.nu.kɛ] *Céu*

b. [wi.si] ~ [vi.si] *Grilo*

c. [pɔ.wɔ] ~ [pɔ.vɔ] *ombro*

[w] e [v] são variantes livres do fonema /w/.

2.3.1.14 [j] e [j̃] estão em distribuição complementar. [j̃] ocorre em adjacência à nasal e [j] n.d.a.

(48) a. [mɔ.tɔ̃j.nɛ] *lábio dela*

b. [pɔ̃j.nũ] *outro*

c. [pɔj.ha.ɾɔ.ti] *depois de amanhã*

2.3.1.15 [j] e [j̃] são alofones do fonema aproximante / j /.

Estou considerando os fones [w] e [j] como pertencentes ao quadro de fonemas consonantais, porque não há restrições de co-ocorrência entre esses fones e vogais homorgânicas. Sabe-se que restrições de co-ocorrência entre aproximantes e vogais são freqüentes em línguas nas quais estes segmentos funcionam como vogais (Kenstowicz , 1977). Note-se, como exemplo, a lacuna que existe no português, de seqüências como [yi], embora [ya] seja foneticamente uma possibilidade, como na palavra [ja.ra]. Como nota Kenstowicz, em línguas nas quais estes segmentos pertencem ao quadro de

---

b. [[tʃi.kwa] [ti.koa] *Tamanduá*

Na fala dos idosos, como da principal colaboradora desta pesquisa, essa africação não ocorre.

fonemas consonantais, essas seqüências de aproximantes e vogais homorgânicas são produtivas, como é o caso do inglês. Estas seqüências são muito produtivas na língua kinikinau.

(49) a. [a.ko ji.tɔ.xi.i]
NEG 2Sg.IMPERF
não escreva com isto

b. [ji.nɔ]
2SgPoss.esposa
tua esposa

c. [ja.kɔ.jɛ]
quieto

d. [i.hɔ.mu.jɔ]
sujo, lixo

e. [ti.mu.ju.ʔi.ti]
molhado

f. [haj.ti.kɔ.ti]
fruto da árvore

g. [i.pi.kɔ.wɔj]
arco-ír is

Outro argumento em favor da análise das aproximantes como fonemas consonantais é o fato de estes fones serem muito comuns em início de palavra, fato comum entre as línguas nas quais eles são fonemas (Pike 1947).

2.3.1.15 O fone [ɲ]

O fone [ɲ] ocorre na língua em um número muito limitado de palavras. No *corpus* utilizado para este trabalho, apenas as palavras listadas anteriormente, página 43 (17) foram encontradas. Note que este fone só ocorre antes de /o/ e /u/, porém não se trata de alofone do fonema nasal / n /, pois não está em distribuição complementar, visto que não ocorre como tal em palavras como [nu.ta.wa] *galo,* [ɛː.nɔ] *mãe dele.* Como se vê, não é um fone produtivo. Pelos motivos expostos, não o incluirei no quadro de fonemas.

2.3.1.16 Prenasalizadas

As prenasalizadas são alofones das obstruintes surdas. Ocorrem somente como epifenômeno na presença do morfema de concordância de primeira pessoa, que é um traço flutuante [+nasal]. Como discutido mais amplamente no capítulo 3, as obstruintes desvozeadas se pré-nasalizam e se vozeiam quando nomes e verbos concordam para a primeira pessoa. Todas as vogais e consonates sonorantes se nasalizam neste contexto e as obstruintes se pré-nasalizam e bloqueiam o espalhamento da nasalidade. Tratarei desta questão mais adiante, no capítulo 3

(50)	Forma não-marcada	1ª. Pessoa Singular	glossa
a.	[uː.kɛ]	[ũː.ŋgɛ]	*meu olho*
b.	[hɛː.wɛ]	[nʒɛː.wɛ]	*meu pé*
c.	[pɔj.nũ]	[mboj.nũ]	*meu irmão/irmã*
d.	[ha.ʔa]	[nza.ʔa]	*meu pai*
e.	[nu.mi.ku.ʃɔ.ti]	[nu.mĩ.ŋgu.ʃɔ.ti]	*eu estou pescando*
f.	[ɛ.nɔ.wɔ.ti]	[ẽ.nõ.wõ.ndi]	*eu estou bebendo*
g.	[ho.pu.ʃɔ.ti]	[nzu.pu.ʃɔ.ti]	*estou sonhando*

h. [a.ɾu.ʃu.kɔ.ti] [a.ɾũ.nʒu.kɔ.ti] *estou mordendo*

Os fonemas consonantais da língua kinikinau são, portanto, os que mostram o quadro que segue:

	bilabial	alveolar	alv. palatal	palatal	velar	glotal
oclusivo	p	t			k	ʔ
fricativo		s	ʃ			h
nasal	m	n				
lateral		l				
tepe		ɾ				
aproxim.	w			j		

Quadro (3) Fonemas consonantais da língua kinikinau

O quadro acima mostra os 13 fonemas consonantais que na língua ocupam a posição de ataque silábico, considerando que o padrão silábico predominante é CV. Existem sílabas fechadas, porém essa ocorrência tem baixa freqüência. Apenas as aproximantes / j / e / w / travam sílaba.

(51) a. [a.ɾu.nɔj] *moça*

b. [a.paj.aj).na] *quando crescer*

c. [hu.we.le.lej.ti] *liso*

d. [i.so.nɛw] *Pensamento, idéia*

e. [ha.wɛ.ti] *afiado*

f. [pi.ɾi.taw] *faca*

g. [taw.ʔɔ.kɔ.ti] *cortando lenha*

2.3.2 Segmentos vocálicos

2.3.2.1 Contraste

2.3.2.1.1 [i] e [e] contrastam em ambiente idêntico:

(52)	a.	[e.ʃwaː. ti]	*conhecer*	[i.ʃwa.ti]	*imitar*
	b.	[u.he.ti]	*gosto, paladar*	[u.hi.ti]	*mato*

/ i / e / e / são fonemas

2.3.2.1.2 [ɛ] e [a] contrastam em ambiente análogo:

(53)	a.	[ha.ʔa]	*pai dele*	[hɛ.ʔɛ]	*capim*
	b.	[na.mu.ko.a]	*ele pega*	[nɛ.mu.ka]	*pegue*

/ a / e / ɛ / são fonemas.

2.3.2.1.3 [a] e [ɔ] contrastam em ambiente idêntico ou análogo:

(54)	a.	[ha. ʔa]	*pai dele*	[hɔː ʔɔ]	*sopa, caldo*
	b.	[aː ha]	*desejo*	[ɔː hɔ]	*rato*

/ a / e /ɔ / são fonemas.

2.3.2.1.4 [o] e [u] contrastam em ambiente idêntico ou análogo:

(55)	a.	[ho.kɔ.ti]	*trepadeira*	[hu.kɔː ti]	*tecer*
	b.	[kɔ.ku.ti]	*qualquer*	[ku.ku.kɛ]	*no meio*

/ o / e / u / são fonemas.

A análise não constatou função contrastiva entre /u/ e /ũ/; /o/, /ɔ/, /õ/ ; /i/, /ɨ/, /ĩ/ ; /e/, /ɛ/, /ẽ/ nem entre /a/ e /ã/. Os fones nasalizados ocorrem em contexto de nasalidade como descrito mais adiante.

2.3.2.1.5 [i] e [ɨ] são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar. [ɨ] ocorre contíguo a /h/ e [i] nos demais ambientes. É importante mencionar que esta regra está se perdendo na fala dos Kinikinau, principalmente daqueles que estão aprendendo kinikinau como segunda língua.

(56) a. [pi.wi.ʃu] *gato*
b. [hu.ve.le.lej.ti] *liso*
c. [kɛ.hɨ] *mosquitinho*
d. [ki.pa.hɨ] *guarda-chuva*

[i] e [ɨ] são alofones do fonema / i /

2.3.2.1.6 [e] está em variação livre com [ɛ] em todos os ambientes orais, com uma notável preferência dos falantes pela vogal aberta [ɛ].

(57) a. [ka.ʃe] ~ [ka.ʃɛ] *dia, sol*
b. [ma.ɾe.sɔ] ~ [ma.ɾɛ.sɔ] *corda*

[e] e [ɛ] são alofones do fonema / e /

2.3.2.1.7 [o] e [ɔ] estão em variação livre em todos os ambientes orais:

(58) a. [o.pɛ.pu] ~ [ɔ.pɛ.pu] *por baixo*
b. [ɔ.mi.ʃo.nɛ] ~ [ɔ.mi.ʃɔ.nɛ] *coração*

[o] e [ɔ] são alofones de /o/.

2.3.2.1.8 Nasalização

A nasalização, na língua kinikinau, é um fenômeno morfológico. A concordância de primeira pessoa se faz através de traço flutuante que se espalha pela palavra. Esse fenômeno foi explicado primeiro por Bendor-Samuel (1960, 1966 e 1970) que descreveu vários aspectos da gramática da língua terena, com a qual o kinikinau tem muita semelhança. Como no terena, a concordância de primeira pessoa se faz através de nasalização, como já mencionado, fenômeno que será abordado detalhadamente no capítulo 3 (ver exemplos 112-14)

Há alguns casos de nasalização de vogais fora do contexto de concordância de primeira pessoa. Trata-se de vogais nasalizadas condicionadas pelo ambiente, isto é, quando contíguas a uma consoante nasal. Uma vogal pode ser nasalizada quando em posição final de palavra se for antecedida por uma consoante nasal. A nasalidade, neste caso, se espalha progressivamente.

(59)	a.	[ni. ũ]	*mosquito*
	b.	[mɔ.ĩ]	*moranga*
	c.	[na.ũ]	*carne*
	d.	[i.mo.ũ]	*barulho*
	e.	[i.so.nɛ.ũ]	*pensamento*
	f.	[mɛ.ũ]	*mundo, campo*
	g.	[ki.mo.ũ]	*queixada*
	h.	[ko.no.ũ]	*coelho*
	i.	[mũ.sũ]	*cobra do barro*
	j.	[ɲũ.ɲũ]	*pombo*
	k.	[ɲo.ɲõ]	*crista*

Identificando os fonemas e suas variações, foi possível definir o quadro de fonemas vocálicos que estou propondo para a língua.

Vogais		
Anterior	central	posterior
Alta i		u
Média e		o
Baixa	a	

Quadro 4. Tabela dos Fonemas Vogais

Conforme exposto no quadro acima, o sistema fonológico da língua kinikinau é constituído de cinco fonemas vogais. Resta ainda discutir a ocorrência de vogais longas.

2.4 Tom e alongamento

A língua kinikinau apresenta variação tonal no nível lexical, mas ainda não se sabe se é ou não previsível. Devido à situação precária para gravação (com ruído exagerado), os dados não puderam ser verificados sistematicamente no PRAAT, para tom.

A língua não apresenta palavras lexicais monossilábicas, o que indica a presença de pés binários, com a exigência de palavras mínimas serem compostas minimamente de um pé não degenerado. No entanto, não pude verificar a ocorrência de acento, dado o fato de que ele se confunde muito com o tom para uma transcrição auditiva. Em trabalhos futuros, uma análise acústica cuidadosa deverá ser realizada para se entender qual é o correlato acústico de acento e poder separá-lo, através de transcrição amparada pelo PRAAT, do tom.

Até o presente momento, há a impressão de que a ocorrência do tom não é previsível. Há fatos de alongamento de vogal que também evidenciam uma língua tonal:

(60)	a.	[iː.ma]	[ka- ima -ti]
		marido	Verbz- marido IMPERF
			ela é casada

Como pode ser notado, a língua kinikinau tem vogais alongadas que sempre carregam, quando presente, um contorno tonal. Se um prefixo é agregado, o contorno é desfeito e a vogal torna-se curta. Este fato indica uma língua tonal, com associação de tons da direita para a esquerda, sendo que se a quantidade de sílabas não for suficiente para a quantidade de tons presentes, a vogal mais à esquerda é alongada. Veja que as vogais alongadas sempre ocorrem do lado esquerdo da palavra, sendo mais uma evidência para esta análise.

(61)	a.	[kiː ɾi]	*nariz dele/dela*
	b.	[hɛː wɛ]	*pé dele/dela*
	c.	[tuː ti]	*cabeça dele*
	d.	[huː ɾa]	*barriga dele*
	e.	[ɛː ka]	*bebida dele*
	f.	[kaː mɛ]	*abóbora*
	g.	[iː hɛ]	*o nome dele*
	h.	[iː ti]	*você*
	i.	[uː ti]	*nós*
	j.	[piː kɔ]	*ele tem medo*
	k.	[moː mi]	*ele está cansado*

Há casos, entretanto, em que o alongamento é deslocado para a direita, com o acréscimo de certos sufixos, e ainda não posso explicar este fenômeno:

(62)	a.	[kiː ɾi]	[ki.ɾiː ti]
		nariz dele/dela	*nariz de alguém*
	b.	[hɛː wɛ]	[hɛ.wɛː ti]
		pé dele/dela	*pé de alguém*

c. [mu: jɔ] [mu.jɔ: ti]
corpo dele *corpo de alguém*

d. [hu: ɾa] [hu.ɾa: ti]
barriga dele *barriga de alguém*

e. [ka: kɛ] [ka.kɛ: ti]
brinco dela *brinco de alguém*

f. [ɛ: ka] [ɛ.ka: ti]
bebida dele *bebida de alguém*

Existem alguns contrastes com relação às vogais longas, como os mostrados a seguir, que podem evidenciar, talvez, contraste tonal e não de vogais longas. Não analiso como contraste de vogais longas porque, como mostrado anteriormente, o alongamento não é propriedade intrínseca da vogal. Ele desloca-se pela palavra, carregando um contorno tonal.

(63) a. [hi. pɔ] [hi: pɔ]
cigarro *unha*

b. [i.ti] [i : ti]
sangue *você*

c. [nɔ.nɛ.ti] [nɔ.nɛ: ti]
planta *rosto*

d. [ɛ.nɔ] [ɛ :.nɔ]
mãe *bastante*

e. [nɛ.nɛ] [nɛ: nɛ]
mentira *Língua*

f. [jɛ.nɔ.ti] [jɛ.nɔ: ti]
tua esposa *você vai viajar?*

Em suma, apesar de haver pares mínimos para vogais curtas, eles são poucos e não são suficientes para autorizar a confirmação de que as longas são fonemas. Parece que o contraste é efeito do tom, como discutido, criando um contorno.

A língua terena não foi analisada por nenhum de seus estudiosos como uma língua tonal, embora Aikhenvald (2001, p. 79) tenha levantado a hipótese de se tratar de uma língua tonal. Esse aspecto da língua merece um estudo bem detalhado.

2.5 Harmonia vocálica

A língua tem um processo de harmonia vocálica. Kinikinau conta com várias regras de assimilação vocálica regressiva que não estão presentes no terena. Estas regras não são categóricas no kinikinau. Assim, uma vogal qualquer pode tornar-se [i] antes de /i/ e a vogal /u/ torna-se [o] quando for seguida de /o/. Note abaixo:

(64)		kinikinau	terena	
	a.	[hi.pi.ki.ɾi.ɾi]	[ho.pi.ki.ɾi.ɾi]	*cigarra*
	b.	[i.pi.kɔ.wɔj]	[u.pi.ko.vɔj]	*arco-íris*
	c.	[hɔ.nɔ.wɔ.ti]	[i.hu.no.vo.ti]	*vento*
	d.	[a.lɔ.kɔ.ti]	[a.lu.ko.ti]	*subir*

Há ainda uma regra categórica de assimilação regressiva de /o/ em [a], que parece também não estar presente no terena. Como mencionado acima, o terena não conta com este tipo de assimilação. No kadiwéu, assimilações vocálicas são bastante comuns, mas atravessam apenas a consoante uvular /G/, realizada como uma fricativa entre vogais (Sandalo 1997). Assim, por exemplo, no kadiwéu, uma vogal epentética é normalmente /i/, mas quando esta vogal ocorre à esquerda da consoante /G/, a vogal epentética é uma cópia da vogal que ocorre à direita de /G/. Portanto, /j-adon-Ga/ é realizado como [jadonaGa] ‘nós nos casamos’ (Sandalo 1996). O processo é mais amplo no kinikinau, mas há uma possibilidade de que a regra tenha sido emprestada de maneira mais produtiva. Note, a seguir, que o kinikinau conta com processos de assimilação vocálica não presentes no terena. Abaixo estão algunas exemplos do processo em kinikinau. No capítulo de morfologia, esta regra ocorerrá várias vezes,

sendo que o processo já é marcado com os fatos de assimilação na transcrição ortográfica que será usada naquele capítulo.

(65)	a.	/ako akanɛti haitikɔti/	[aka: kanɛti hajtikɔti]	*a fruta não está bichada*
	b.	/akɔ akasasa/	[aka akasasa]	*não está frio*
	c.	/akɔ aʃunati/	[aka aʃuna]	*ele não é forte*
	d.	/akɔ mali:ka/	[aka mali:ka]	*não é perto / é longe*

Não ocorre assimilação em ambiente fonético em que não ocorra /a /

(66)	a.	/ako ɛnʒa/	[akɔ ɛnʒa]	*não sei*
	b.	/ako piha/	[ako piha]	*ele não foi*
	c.	/akonɛ/	[akɔnɛ]	*não tem mais*
	d.	/ako pike/	[akɔ pikɛ]	*você não tem medo*

Finalmente, há na língua um morfema pluralizador, cuja vogal depende do ambiente fonético. Isto é, ele sempre assimila a última vogal da raiz:

(67)	a.	*wata koe*	wata -ka koe
		ele está sentado	sentar -Plz AUX
			estão todos sentados
	b.	timuyu koe	timuyu -ku koe
		está molhado	molhar -Plz AUX
			estão todos molhados

c.	vahere koye	wahere	-ke koye
	está incomodando	incomodar	-Plz AUX
		estão todos incomodando	

2.6 Estrutura silábica

O padrão silábico na língua é (C) V (C). Como mencionado anteriormente, na posição de coda, apenas os fonemas /w/ e /j / ocorrem. Em seguida, apresento exemplos de cada um dos tipos silábicos:

2.6.1 -V-

(68) a. [a.na] *raiz*

b. [ja.wa.u] *caracol*

c. [aj.kɔ.wɔ.ti] *vomitar*

d. [ɛ.jɔ.nɔ.ɛ] *formiga tocandira*

2.6.2 CV-

(69) a. [ka.ʃe] *dia*

b. [ja.kɔ.nɔ] *lá*

c. [ka.sa.ti] *frio*

d. [lo.mi.ti] *vaga-lume*

2.6.3 CVC

(70) a. [e.ʃaj.mɔ.ti] *obediente*

b. [ho.mɔ.ɛ.hew] *rapaz*

c. [kɔj.tʃɔj] *cobra*

d. [pi.ɾi.taw] *faca*

e. [i.haj.kɔ.ti] *está grávida*

2.6.4 VC

(71) a. [hi.aj.nu.ku.ti] *ararinha*

Este padrão silábico não é comum na língua.

2.7 Uma nota sobre ortografia

Na escola da aldeia, desde que foi implantado o ensino de língua indígena na grade curricular, as aulas eram dadas por professores terena e, o material utilizado era todo de língua terena. Só no final da década de 90 a escola foi reconhecida como de maioria Kinikinau e passou a receber tratamento que a distinguia do Terena. Embora os professores kinikinau tenham, a partir daí, empenhado-se no trabalho de restauração da cultura que foi encoberta pelos vários estágios de contato durante o longo tempo de invisibilidade, o que está mais visível é a similaridade com seus parentes terena. A língua escrita que foi adotada pelos professores, em suas aulas, é fortemente influenciada pela escrita terena. Essa escrita é coerente e bem adequada. Por isso, em reunião com técnicos da Secretaria de Educação, foi decidido mantê-la, com a exceção do fonema aproximante /w/, que é representado na escrita pelo grafema w.

A partir do próximo capítulo, passarei a usar a ortografia da língua.

Fonema	grafema
/ p t /	p, t
/ k ʔ /	k, '
/ s ʃ h /	s, x, h
/ m n /	m, n
/ l /	l
/ r /	r

/ w j /	w, y
/ i e a o u /	i, e, a, o, u

diacríticos: ^ marca alongamento vocálico com contorno tonal.

No capítulo seguinte serão apresentados e discutidos alguns aspectos da morfologia dos nomes e dos verbos na língua kinikinau, bem como algumas modificações que vêm ocorrendo, por influência do contato.

3
MORFOLOGIA
Nomes e Verbos

3.0. Introdução

O objetivo deste capítulo será identificar as unidades mínimas significativas que compõem o nome e o verbo na língua kinikinau, bem como mostrar os processos morfológicos operantes. Para a consecução desse objetivo, utilizarei exemplos selecionados do banco de dados (elicitados e fala espontânea) coletados em trabalho de campo. Considerando a semelhança da língua kinikinau, na coleta de dados o material publicado sobre a língua terena foi usado como apoio, a saber, Bendor-Samuel (1970, 1963), Ekdahl e Grimes (1964), Eastlack (1968), Butler e Ekdahl (1979) e Butler (2003). As diferenças encontradas entre estas duas línguas serão apontadas quando relevantes.

As línguas podem ser classificadas de acordo com vários critérios e um deles é a estrutura morfológica (cf. Spencer 1996, pp. 37-9). Com base nesse critério, os sistemas morfológicos se enquadram em um dos seguintes grupos tipológicos: isolante, aglutinante, flexional e polissintético. Ao grupo isolante pertencem as línguas em que predominam as palavras monomorfêmicas, como o chinês, o laklanõ (xokleng). Ao grupo aglutinante pertencem os sistemas cujas palavras são em geral polimorfêmicas, em que cada morfema corresponde a um único significado lexical ou uma função gramatical, a exemplo do turco e do húngaro. O sistema flexional**,** também conhecido como fusional, é parecido com o aglutinante, porém neste, as palavras congregam vários diferentes significados ou funções, especialmente em paradigmas flexionais. Línguas que pertencem a essa tipologia são o latim, o russo entre outras. O sistema polissintético é o que permite também, além de grande número de afixação, processos como a incorporação de nome. Dessa forma, uma única palavra, no sistema polissintético, pode conter o sentido que, em outros sistemas, só poderia ser expresso em uma frase. Um exemplo de língua, no Brasil, que pertence a essa tipologia, é a língua kadiwéu, família Guaicuru (Sandalo, 2001).

No âmbito dessas tipologias, o kinikinau se classifica como uma língua aglutinante, com ênfase na sufixação, como a maioria das línguas da família lingüística Aruak (cf. Aikhenvald 1994).

Como ocorre com a maioria das línguas aglutinantes, na língua kinikinau, o verbo é muito mais aglutinante que o nome. Verbos e nomes podem ser facilmente separáveis, pois a derivação de nomes em verbos, e vice-versa, requer a presença de morfemas visíveis. Os exemplos abaixo apresentam a derivação de verbos a partir de raízes nominais:

(72) a îma
marido dela

b. kaimati
ka -ima -ti
Verbz- marido- IMPERF
ela casou

Os processos morfológicos na língua kinikinau são concatenativos e não-concatenativos. Nesta seção tratarei de processos concatenativos. As raízes são na maioria dissilábicas e trissilábicas. Raramente são monossilábicas.

3.1 Nomes e adjetivos

Classifico como nomes as palavras que exercem sintaticamente a função de núcleo do sintagma nominal.

(73) a. aruxu -k -o piwixu tamuku
morder -CT -IND OBJ.gato SUJ.cachorro
o cachorro mordeu o gato

b. nõ -nʒ -o -a -ne tamuku xo akapeti
ver -1SgCT -IND -OBJ PONT cachorro PREP atrás da casa
eu vi aquele cachorro atrás da casa

c. pore -x -o -a -ti ôpe hana'iti haha'iti tamuku Maria
dar -CT –IND -OBJ -IMPERF osso grande preto cachorro Maria
a Maria está dando osso para aquele cachorro preto grande

d. mixexa -k -o kiri ndamuku piwixu
arranhar -CT -IND focinho 1SgPoss.cachorro gato
o gato arranhou o focinho do meu cachorro

Nos exemplos acima, o nome tamuku (*cachorro)* desempenha a função de núcleo de um sintagma nominal que ocorre em diferentes funções sintáticas (sujeito, objeto, objeto indireto, adjunto).

Em terena, o nome pode ser precedido por determinantes. O kinikinau perdeu todo tipo de determinante, como mostram os exemplos em (74)

(74)	Terena	Kinikinau
a.	kotuko -ne ne oxu Vili tirar leite PONT DET avô Vili *o avô do Vili já tirou leite da vaca*	kotuko -ne ø oxu Vili tirar leite -PONT avô Vili *o avô do Vili já tirou leite da vaca*
b.	kotuti nikokonoti katatakoa ne ûto quente comida quebrar DET prato *a comida quente quebrou o prato*	Kotuti nikokonoti katatakoa ø ûto quente comida quebrar prato *a comida quente quebrou o prato*
c.	issukoa ne hoyeno bater DET homem *ele bateu naquele homem*	issukoa ø hoyeno bater homem *ele bateu naquele homem*

Esta é uma mudança gramatical importante, supostamente ocorrida no kinikinau, que causou bastante impacto sintático, fato que será discutido no capítulo 4 (Sintaxe).

Em seguida, elenco os morfemas concatenativos que podem co-ocorrer com raízes nominais.

3.2.1 Posse

Em relação à posse, os nomes kinikinau têm morfologia distinta para nomes alienáveis e inalienáveis.

Os nomes alienáveis podem apresentar três formas distintas a saber: forma não possuída, forma possuída não-especificamente e forma possuída especificamente, conforme mostram os exemplos. A posse específica, além de um sufixo marcador de posse inalienável, conta também com marcas de pessoa e número (tratarei sobre concordância na seção 3.2).

(75)	forma não poss.	poss. não-especificamente	Poss. especificamente
a.	huxoe	huxo -ti	huxo -na
	instrumento	instrumento PossNESP	3Sg.instrumento -Poss
		instrumento de alguém	*instrumento dele*
b.	îna	inâ -ti	ĩnã
	amigo	amigo PossNESP	1Sg.amigo
		amigo de alguém	*meu amigo*
c.	kipahi	kipahi -ti	kipehi -na
	guarda-chuva	guarda-chuva PossNESP	2Sg.guarda-chuva -Poss
		guarda-chuva de alguém	*teu guarda-chuva*
d.	nâka	naka -ti	naka -na
	colar	colar PossNESP	3Sg.colar -Poss
		colar de alguém	*colar dele*

A regra para posse não específica é acrescentar {-ti} aos nomes possuídos não especificamente e {-na} aos nomes possuídos especificamente (além da concordância de pessoa, como mencionado acima, sendo que a terceira pessoa é ∅). Porém, a marcação de posse é um fenômeno complexo em sua forma de expressão, pois há muitas formas irregulares. Nesse aspecto, também as línguas kinikinau e terena se

assemelham, conforme descrição de Butler e Ekdahl (1979). Segundo essas autoras, há muitos nomes alienáveis que precisam ser decorados, porque fogem às regras de possessão. Abaixo, listo alguns exemplos encontrados de irregularidades. Note a ausência do morfema {-na} na terceira pessoa e o aparecimento de {-a} em algumas das formas flexionadas para a segunda pessoa. No entanto, note que a maioria dos casos encontrados é de nomes não possuíveis. Alguns podem assumir um outro significado, se possuíveis, como por exemplo, a palavra lua passa a ser interpretada como mês. Pode ser que estejamos diante de um outro paradigma, a ser melhor explorado no futuro.

(76)		Forma não marcada	Possuída (2ª. Pessoa)
	a.	ihae	ihe
		nome	*teu nome*
	b.	ko'ê	ko'ea
		batata	*tua batata*
	c.	kohê'e	kohê'a
		lua, mês	*tua lua*
	d.	xêne	exêne
		caminho	*teu caminho*
	e.	xupu	xupa
		mandioca	*tua mandioca*

Os nomes inalienáveis são marcados exclusivamente por pessoa e número. Como marcas de pessoa e número são as mesmas para nomes e verbos, e são marcas não-concatenativas, tratarei sobre esse assunto em uma seção separada. Seguem abaixo alguns exemplos para ilustração. Note que a 1ª. Pessoa Singular é marcada por um traço [+nasal].

(77)	Forma não-marcada	1ª. Singular Possessivo
A	ûke	unge [ũ.ŋge]
	olho dele/a	*meu olho*
b	tûti	ndûti [ndu: ti]

	cabeça dele/dela	*minha cabeça*
C	naka *colar*	nanga [nã.ŋga] *meu colar*
D	Ayuiti *Festa*	ãỹũĩndi [ã̰.j̰ũ.i.ndi] *minha festa*

A 2ª. Pessoa é marcada pelo morfema prefixal {-y}se o nome iniciar por uma vogal. Caso inicie por consoante, o morfema é apagado, mas deixa processos morfofonológicos como vestígios de sua presença, que inclui alteamento ou anteriorização vocálica:

(78)	Forma não-marcada	Segunda Pessoa #V
a.	ûke *olho dele/dela*	y- ûke 2SgPoss.olho *teu olho*
b.	amori *neto dele/dela*	y- amori 2SgPoss.neto *teu neto*
c.	ovoku *casa dele/dela*	y- owoku 2SgPoss.casa *tua casa*
d.	êno *mãe dele/dela*	y- êno 2SgPoss.mãe *tua mãe*

Os exemplos abaixo mostram construções possessivas de 2ª. pessoa com nomes iniciados por consoante:

(79)

	Forma não-marcada	Segunda Pessoa #C
a.	xeki	xiki
	estilingue dele/dela	*teu estilingue*
b.	kêno	kîno
	orelha dele	*tua orelha*
c.	ixenoyo	ixinoyo
	barba dele	*tua barba*
d.	iha	ihe
	nome dele	*teu nome*
e.	imose	imese
	sogra dele	*tua sogra*

A 1ª. Pessoa Plural é marcada pelo morfema prefixal {-w}, se o nome iniciar por uma vogal.

(81)

	Forma não-marcada	1ª. Pessoa Plural (1PL)
a.	ûke	w- ûke
	olho	*nosso olho*
b.	apâka	w- apâka
	fígado	*nosso fígado*
c.	ôxu	w- ôxu
	avô	*nosso avô*

Em se tratando de nome iniciado por consoante, usa-se a palavra funcional ûti:

(82)

Forma não-marcada	1ª. Pessoa Plural (1PL)

a.	nône	none ûti
	planta	*nossa plantação*
b.	wo'u	wo'u ûti
	mão	*nossa mão*
c.	tûti	tuti ûti
	cabeça	nossa cabeça

A Terceira Pessoa do Singular não é marcada:

(83) a. ôko
3SgPoss.tia
tia dele

b. wo'u
3SgPoss.mão
mão dele

c. kêno
3SgPoss.orelha
orelha dele

3.2.2 Gênero

Conforme descrito em Aikhenvald (1994, pp. 159-61) sobre as línguas dos subgrupos Chané,

> O Terena foi várias vezes citado como a única língua Aruak brasileira que não possui a oposição de gênero. De fato, em terena, como em outras línguas do mesmo subgrupo - guaná, kinikinau (Schimidt 1903, Taunay 1875) - a oposição de dois gêneros - feminino e masculino - aparentemente foi substituída pela oposição entre duas classes de concordância pelo traço animado/inanimado.

Na língua kinikinau, como hoje é falada, não existe a oposição de gênero e nem de animacidade, ao contrário do terena. O gênero só parece ter importância em relação aos nomes que se referem a humano e alguns raros animais. Está mais associado a sexo e é expresso através de diferentes entradas lexicais.

(84)		Masculino	Feminino
	a	homoeheu	Arunoy
		rapaz	*Moça*
	b	hoyeno	Sêno
		homem/macho	*mulher/fêmea*
	c	yekoteno	Huvenoeno
		velho	*Velha*
	d	îma	Yêno
		marido	*Esposa*
	e.	ha'a	êno
		pai	*mãe*
	f.	euko	Ôko
		tio	*Tia*
	g.	ôxu	Ôse
		avô	*Avó*
	h.	poynu	Mokexa
		irmão/irmã	*Irmã*

(85)		Masculino	Feminino
	a	nutawa	tapi´i
		galo	*galinha*

Segundo Aikhenvald (1994, pp. 159-60), a oposição entre animado/inanimado no terena pode ser herança do proto-Aruak, "em que o marcador de classe animada -o- é proveniente do *u "feminino" e o marcador de classe não animada -i-, do proto-Aruak *i "masculino", "não feminino" . Não se encontrou estes morfemas no kinikinau.

Para os outros animais, usam-se os adjetivos sêno ‘fêmea’ para distinguir animais do sexo feminino e hoyêno ‘macho’ para distinguir os animais do sexo masculino:

(86) a. *seno kâmo*
fêmea do cavalo

b. hoyeno xuku'oy
onça macho

c. seno wetekeke
jacaré fêmea

Empregam-se os nomes (sêno e hoyeno) também para distinguir criança – menino e menina:

(87) a. seno kaliwôno
menina

b. hoyeno kaliwôno
menino

3.2.3. Número e classificadores

Em kinikinau, o plural é expresso, opcionalmente, por palavras funcionais, que parecem denotar coletivos, como hiko, xapa, heu, hou, êno. Na língua terena, marca-se o plural por meio de sufixos que parecem ser também classificadores: -xapa e -hiko. É bastante comum nas línguas chaquenhas a presença de classificadores que marcam também pluralidade (Sândalo, 1997). Não sabe ainda se este é o caso. Mais estudos sobre essa diferença entre kinikinau e terena serão necessários.

(88) a. xe'exa xapa
filho PL
os filhos dela

b. pore -x -o -a -ti soporo mbeyo xapa Mané
dar -CT -IND -3SgOBJ -IMPERF milho 1Sg.criação PL Manoel
o Manoel está dando milho para as minhas criações

c. peynu hiko
irmão PL
teus irmãos

d. *û*ke hou kaliwôno
olho PL criança
os olhos das crianças

e. heu koiti xexa kasian -a ênо
PL todo filho amar -3SgOBJ mãe
a mãe ama todos os seus filhos

As línguas do chaco são marcadas por classificadores genitivos (cf. Campbell, 2007), que cita as línguas Mataco e Guaikuru. Como kadiwéu (Sandalo 1997), kinikinau tem classificador genitivo para animais domésticos, peyo**.** Kinikinau, diferentemente do kadiwéu, bem como de quase todas as línguas brasileiras, tem também um para animais selvagens ho'openo**.** E ainda, como kadiwéu, kinikinau tem um classificador genitivo genérico, ituke, que foi traduzido como pronome possessivo para o terena. Os classificadores são conjugados por pessoa e ocupam uma posição pré-nominal. No terena, ituke foi analisado como pronome possessivo, mas dado seu comportamento idêntico ao de classificadores, analiso essa palavra como um classificador. Observe também que pronomes pessoais têm outras formas em kinikinau, a saber, ûndi 'eu', îti 'tu' e ûti 'nós'.

(89) a. ape ênо ho'openo yaye
ter muito animais aqui
tem muitos animais aqui

b. ako kepe -k -o ho'openo hiko ho'i
Neg 2Sg.matar -CT -IND animais PL mato
não mate os bichos do mato

c. indu -ke mbeyo kamo
1SgCL -Poss criação cavalo
este cavalo é meu

d. w- itu ke peyo tamuku
1PL CL Poss criação cachorro
aquele é o nosso cachorro

e. itu -ke rei owoku
3SgCL -Poss chefe casa
esta é a casa do chefe

3.7 Compostos

A composição não é muito produtiva na língua kinikinau. Porém, existem processos em que lexemas se juntam na formação de compostos como ocorre em (90). Na composição de palavras, o núcleo do nome composto de verbo mais nome, ou de adjetivo mais nome, fica sempre à direita, conforme pode ser observado nos exemplos (90) a, b e c. Na composição nome mais nome, o núcleo fica à esquerda, como se pode conferir em (90) d, e.

(90) a. ihákexowoku
ahikex -owoku
ensina -lugar/casa
escola

b. ahíkowokuti
ahik - owoku -ti
banhar - lugar - PossNESP
banheiro

c. kaliwôno
kali - wôno
pequeno - passo
criança

d. muyopeti
muyo peti
corpo casa
parede

e. anuwou
anu wo'u
pescoço mão
pulso

3.8 O Verbo

Antes de apresentar cada morfema verbal do kinikinau, é importante lembrar que verbos podem ser derivados de raízes nominais (nomes e adjetivos). A presença de morfemas abertos para a derivação é uma evidência clara da categoria sintática primitiva do núcleo. Verbos são derivados de raízes nominais ou adjetivais, pela adição dos prefixos derivacionais i- ou ko-, que ocorrem adjacentes à raiz. Alguns exemplos seguem abaixo. A escolha entre ambos parece ser lexical, até o presente momento de estudo.

(91) a. i- muyu -ti panana
verbz- podre -IMPERF banana
a banana está apodrecendo

b. ka- arine -ti -mo
Verbz doença -IMPERF -FUT
ele vai adoecer

c. i- ngo- xuna -k -o -a -ti
Verbz -1SgVerbz- forte -CT -IND -OBJ -IMPERF
eu estou fortalecendo-o

d. i- puyu -k -o -ti sêno
Verbz- joelho -CT -IND -IMPERF mulher
a mulher está ajoelhando

Em (91) b, ko- passou a ka- porque a primeira vogal da raiz é a, regra já tratada no capítulo de fonologia. Em c, a raiz adjetival deu origem a um verbo transitivo ativo, visto que foram acrescentados os morfemas consoante temática {-k}, que caracteriza raízes ativas (como trataremos abaixo).

Como mencionado anteriormente, o verbo detém a complexidade morfológica da língua. Seguem abaixo alguns verbos conjugados para ilustração.

(92) a koepe -k -o -a -ti -mo
matar -CT -IND -OBJ -IMPERF -FUT
ele a matará / ele irá matá-la

b. koepe -k -o -a -ti
matar -CT -IND -3OBJ IMPERF
ele a está matando

c. inzíka -x -o -pe -a -ti

1Sg.ensinar -CT -IND -2OBJi -3OBJ -IMPERF
estou ensinando-o a você

Os verbos ativos (transitivos e intransitivos ativos) e inativos se distinguem pela ausência de consoantes temáticas (CT) nos inativos, e pela posição do morfema de modo. Modo é sufixal nos verbos ativos e prefixal nos inativos. Compare os verbos ativos acima com os inativos abaixo, e note a ausência da CT nos inativos. Verbos inativos não são marcados também quanto ao modo indicativo. Apenas o modo subjuntivo é marcado, embora em posição distinta (i.e. prefixo). O morfema de modo subjuntivo é {a-} tanto para verbos inativos e {-a} para verbos ativos.

(93) a. momi -ti onju
cansado -IMPERF 1SgPoss.avô
meu avô está cansado

b. opori -ti kali kûre
magro -IMPERF DIM porco
o porquinho está magro

c. kina -ti onju
gordo -IMPERF 1SgPoss.avô
meu avô é / está gordo

d. ako a- kina -ti onju
Neg SUBJ- gordo -IMPERF 1SgPoss.avô
meu avô não é / está gordo.

e. ako o- momi -ti onju
Neg SUBJ- cansado -IMPERF 1SgPoss.avô
meu avô não está cansado

Observe que os verbos em (92) d e e estão na forma negativa. Assim, o subjuntivo é marcado, uma vez que este modo é obrigatório nesta língua, no caso de negação. O morfema de subjuntivo, como foi exposto acima, é {a-} para verbos inativos. Porém, se a primeira vogal da raiz for o, o morfema prefixal de modo subjuntivo será {o-}, mostrado em (92) e, regra já apresentada no capítulo de fonologia.

O quadro a seguir apresenta a organização dos morfemas que podem estar presentes nos verbos ativos:

-1	RAIZ	+ 1	+2	+3	+4	+5	+6
PESSOA		TEMA	MODO	OBJ[23]	OBJi	ASPEC	TEMPO
				REFL			
				RECIP			

Quadro (7): estrutura do verbo ativo

Os morfemas concatenativos que marcam pessoa situam-se à esquerda da raiz verbal, e os não-concatenativos são traços flutuantes que têm origem também à esquerda da raiz. Sobre eles trataremos em seção independente, como já anunciado. Abaixo, alguns exemplos de verbos ativos.

(94) a. pere -x -o -a -nu -ne
2Sg.dar -CT -IND -OBJ -OBJi -PONT
você já deu- a para mim

b. yuho -x -o -pe -ti -mo mboynu
falar -CT -IND -2SgOBJ -IMPERF -FUT 1SgSUJ.irmão
meu irmão vai falar com você / falará

c. anji -k -o -wo -ti -mo xo huwê´o
1Sg.banhar -CT -IND -Refl -IMPERF - FUT PREP rio
vou banhar-me/ *tomarei banho no rio*

[23] Note que, embora no quadro (7) o objeto direto está marcado antes do objeto indireto, os fatos são mais complexos. Há uma hierarquia de pessoa que interfere nesta ordem, que será apresentada mais adiante ao discutir concordância com objeto.

d. isi -k -o -wi -ne
2SUJ.bater -CT -IND -OBJ -PONT
você bateu em nós

e. unati -ti w- imo -k -o -ne
bom -RED 1PL- dormir -CT -IND -PONT
nós dormimos bem

Como pode ser observado nos exemplos acima, os morfemas verbais (verbos ativos) são predominantemente sufixais. Porém os morfemas que marcam pessoa do sujeito são prefixais ou iniciam-se à esquerda da raiz.

Os verbos inativos têm a seguinte organização morfológica:

-2	-1	RAIZ	+3	+4
MODO	PESSOA		ASPEC	TEMPO

Quadro (8):estrutura do verbo descritivo

A seguir, cada morfema verbal será apresentado e discutido.

3.2.1 Consoante temática

Os verbos ativos apresentam uma consoante temática, que pode ser {-k}, {-x}, (mais recorrentes), e {-h}, {-w}, {-m} (menos recorrentes)

VERBO	CT	IND	IMPERF	GLOSSA
koepe	-k	-o	-ti	matar
tetu	-k	-o	-ti	cortar
ni	-k	-o	-ti	comer
epono	-k	-o	-ti	socar
momo	-k	-o	-ti	latir
itu	-k	-o	-ti	fazer, construir
nu	-k	-o	-ti	tecer
iwata	-k	-o	-ti	sentar
mana	-k	-o	-ti	descascar
miko	-k	-o	-ti	puxar

hopu	-x	-o	-ti	sonhar
kotu	-x	-o	-ti	suar
itomike	-x	-o	-ti	chuviscar
kohi	-x	-o	-ti	vestir
mixake	-x	-o	-ti	picar
neke	-x	-o	-ti	colher, catar
kauha'i	-x	-o	-ti	varrer
numiku	-x	-o	-ti	pescar
ome	-x	-o	-ti	roubar
pore	-x	-o	-ti	dar
koyú	-h	-o	-ti	conversar, falar
ipo	-h	-o	-ti	pôr
ki	-h	-o	-ti	enxugar
kipo	-h	-o	-ti	lavar
ka	-h	-â	-ti	querer
no	-w	-o	-ti	plantar
to	-w	-o	-ti	urinar
komo	-m	-o	-ti	olhar

A seguir apresento exemplos que mostram o emprego da consoante temática.

(95) a. miko -k -o -a -ti ihi piwixu
puxar -CT -IND -OBJ -IMPERF rabo gato
ele está puxando o rabo do gato

b. tetukoati
tetu -k -o -a -ti
cortar -CT -IND -OBJ -IMPERF
ele está cortando-o

c. Ihahokoâti xuku'oy
ihaho -k -o -a -ti xuku´oy
caçar -CT -IND -OBJ -IMPERF onça
ele está caçando onça

(96) a. numiku -x -o -ti
pescar -CT -IND -IMPERF
ele está pescando

b. pore -x -o -a -ne tapi´i soporo
dar -CT -IND -OBJ -PONT OBJi. galinha milho
ele deu milho para a galinha

c. neke -x -o -â -ti
catar -CT -IND -OBJ -IMPERF
ele está catando-o

Os morfemas temáticos {-k} e {-x} são produtivos, pois ocorrem na maioria dos verbos ativos e são empregados em empréstimos do português, como mostro nos exemplos que seguem:

(97) a. benze -x -o -ti *benzer*
kopera -x -o -ti *cobrar*
atihi -x -o -ti *espirrar*
haxa -k -o -ti *dividir, rachar, repartir*

Há raízes que podem ocorrer com diferentes consoantes temáticas, com significados distintos. Há, entretanto, aparente diferença tonal, o que pode indicar que estamos diante de pares mínimos tonais de raízes, não sendo, portanto, as mesmas raízes.

(98) a. yuho'ixoti *ele/ela está namorando*
yuho'íkoti *ele/ela está lendo*

b. konoxoati *ele/ela está fechando*
konokoati *ele/ela está precisando*

c. kotuxoti
kotukoti

suar *tirar leite da vaca*

3.2.2 Modo

Ekdahl e Grimes (1964) postulam a existência de dois modos verbais na língua terena: o modo indicativo (atual, realis) e o modo subjuntivo (potencial, irrealis). Isto é também o que se observa na língua kinikinau.

3.2.2.1 Modo Indicativo (Realis)

A presença do morfema modal é obrigatória nos verbos ativos. Marca-se o modo indicativo com o morfema {**-**o}.

Verbos ativos:

(99) a. ohona **-**k **-**o -ne wui koyxoy
picar -CT -IND -PONT boi cobra
a *cobra picou o boi*

b. orope -x -o -ne hoe yênon
assar -CT -IND -PONT peixe 1SgPoss esposa
minha mulher assou o peixe

O modo indicativo (Realis) trata de eventos declarativos afirmativos sobre o presente, eventos já acontecidos no momento da fala e, também, eventos definidos sobre o futuro. O indicativo é empregado em sentenças imperativas, quando negativas. Para melhor esclarecer sobre o uso do modo indicativo na língua kinikinau, acompanhe os exemplos adiante, tirados da base de dados:

3.2.2.1.1 Sentenças afirmativas independentes

Emprega-se o modo indicativo do verbo em sentenças afirmativas independentes:

(100) a. iwanda -k -o -ne xo pangu
1Sg.sentar -CT -IND -PONT PREP banco
eu sentei no banco

b. ihino -k -o -ne wo'u tôpe
furar -CT -IND -PONT dedo agulha
ela furou o dedo com a agulha (a agulha furou o dedo dela)

c. yuto -x -o -ti koyuhopeti
escrever -CT -IND -IMPERF carta
ele/ela escreveu a carta

d. hioke -x -o -ti kaliwôno
dançar -CT -IND -IMPERF criança
o neném está dançando

e. tetu -k -o -ne yuku mboynum
cortar -CT -IND -PONT 3OBJ.lenha 1SgPoss.irmão
meu irmão cortou lenha

3.2.2.1.2 Sentenças Interrogativas.

Usa-se o modo indicativo na construção de sentenças interrogativas.

(101) a. y -ore -k -o matệ?
2SgSUJ .tomar -CT IND mate
você toma mate?

b. kutiane hipene -k -o ti hou ho'i ?
INT roçar -CT -IND IMPERF PL mato
você roçou todo o mato?

c. kutiane iri -k -o -a enowopeti ?
INT derrubar -CT -IND -OBJ caneca
quem derrubou a caneca ?

d. y- e -x -o -a ne ?
2Sg.saber -CT -IND -OBJ -PONT
você sabia ?

e. kutiane aruxu -k -o tamuku?
INT morder -CT IND cachorro
em quem o cachorro mordeu?

3.2.2.1.3 Imperativo Negativo

O modo indicativo também é usado em construções imperativas negativas.

(102) a. ako ihai -x -o koexoe
Neg 2Sg.mexer -CT -IND cobra
não mexa com a cobra

b. ako y- eho -k -o -wo
Neg 2Sg.correr -CT -IND -Refl
Não corra!

c. ako iveta -k -o poke'e
Neg 2Sg.sentar -CT -IND chão
não sente no chão

d. ako kepaxa -k -o -a pahapiti
Neg 2Sg.abrir -CT -IND -OBJ porta
não abra a porta

e. ako kexepu -k -o
Neg levantar -CT -IND
não levante

3.2.2.2 Modo Subjuntivo

Como mencionado, a marca de subjuntivo é a mesma, tanto para verbos ativos quanto para verbos inativos. Entretanto, o subjuntivo aparece como sufixo para verbos ativos e como prefixo para verbos inativos. Este morfema, quando prefixo, conta com o alomorfe {o-} antes de raízes cuja sílaba inicial contém o. O terena também conta com posição distinta para o morfema de subjuntivo (Butler & Ekdahl, 1979).[24]

O modo Subjuntivo (Irrealis) trata de eventos que expressam possibilidade. Também que expressam negação. Nesse modo incluem-se o imperativo afirmativo e sentenças declarativas negativas.

(103)	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo
a.	uru -k -o -wo -ti	y- uru -k -a <u>-pu</u>
	entrar -CT -IND Refl IMPERF	2Sg-entrar -CT -SUBJ -Refl
	ele/ela está entrando	*entre!*
b.	Yuto -x -o -a	ngaha yuta -x -a -a
	escrever -CT -IND -OBJ	querer escrever -CT -SUBJ -OBJ
	ele escreveu-a	*eu quero que ela a escreva*

[24] Note que posição linear distinta do morfema de modo pode indicar uma posição sintática do verbo ativo e inativo. Segundo Nonato 2007, língua ergativas podem contar com posições distintas do verbo ativos e inativos. No Capítulo 4, sugiro, de fato, um padrão ergativo para o terena, mas há fatos para hipotetizar que este padrão foi perdido no kinikinau.

c. oye´e -k -o -a -ti
raiz -CT -IND -OBJ -IMPERF
ele/ela está cozinhando-a

yaye'e -k -a -a
2Sg cozinhar -CT -SUBJ O
cozinhe-a

d. koype -k -o -a -ti koexoe
matar -CT -IND -OBJ -IMPERF cobra
ele está matando a cobra

ako koype -k -a koexoe
Neg matar -CT –SUBJ cobra
ele não matou a cobra

3.2.2.2.1 Imperativo Afirmativo

Emprega-se o modo subjuntivo do verbo em sentenças no imperativo afirmativo:

(104) a. kapaxa -k -o -ti pahapeti
abrir -CT -IND -IMPER porta
ele está abrindo a porta

kepaxa -k -a pahapeti
abrir -CT -SUBJ porta
abra a porta

b. maré -k -o -a -ti
arrancar -CT -IND OBJ -IMPERF
ele está arrancando-a

mîri -k -a -a xupu
arrancar -CT -SUBJ -OBJ mandioca
arranque a mandioca

c. mana -k -o -ti soporo
descascar -CT -IND - IMPERF milho
ele está descascando o milho

mena -k -a -a sôporo
descascar -CT -SUBJ -OBJ milho
descasque o milho

d. uru -k -o -wo -ti
entrar -CT -IND -Refl - IMPERF
ele/ela está entrando

y- uru -k -a -pu
2Sg-entrar -CT -SUBJ -Refl
entre!

3.2.2.2.2 Sentenças declarativas negativas

Também em sentenças declarativas negativas ocorre o subjuntivo:

(105) a. namu -k -o -a hoe ako nomu ng -a hoe

	pegar -CT -IND -OBJ peixe	Neg pegar - 1Sg.CT -SUBJ peixe
	ele pegou peixe	*eu não peguei (nenhum) peixe*
b.	koepe -k -o koexoe	ako koype -k -a koexoe Pedro
	matar -CT -IND cobra	Neg. matar -CT -SUBJ cobra Pedro
	ele matou a cobra	*o Pedro não matou a cobra*
c.	imo -ng -o	ako ima -ng -a
	dormir -1Sg.CT -IND	Neg dormir -1Sg.CT -SUBJ
	eu dormi / durmo	*eu não durmo / dormi*
d.	mbi -h -ô -ti	ako mbi -h -a
	1Sg.ir -CT -IND -IMPERF	Neg 1Sg.ir -CT -SUBJ
	eu vou / estou indo	*eu não vou*
e.	no -nj -o -a xexa	ako no -nj -a -a xexa
	1Sg.ver -CT -IND -OBJ filho	Neg.ver 1Sg CT -SUBJ -OBJ filho
	eu vi o filho dele	*eu não vi o filho dele*

Orações subordinadas também recebem a marca do modo subjuntivo.

(106) a.	ni -k - o -ti -mo uti hoe	na ni -k -a -a ûti ?
	comer-CT -IND -IMPER –FUT 1PL peixe	INT comer -CT –SUBJ -OBJ 1PL
	nós comeremos o peixe	*quando nós o comeremos ?*
b.	iti ne -o -ti -mo nakaku	kuti n -a -'a newoe
	2Sg plantar IND -IMPERF -FUT arroz	INT plantar -SUBJ -OBJ algodão
	você plantará o arroz	*quem plantaria algodão ?*
c.	n -o -a xupu ûti	ina -mo n -a -'a xupu
	plantar -IND -OBJ mandioca 1PL	se -FUT plantar -SUBJ-OBJ mandioca
	nós plantamos mandioca	*se nós plantássemos mandioca*

Até o momento, foram apresentados exemplos de verbos ativos. Verbos inativos são apresentados em seguida.

3.2.2.2.3 Verbos inativos

Repare que o morfema de subjuntivo aparece prefixado e é influenciado pela primeira vogal da raiz.

(107) a. ko- ima -ti
Verbz- marido -IMPERF
ela é casada

ako o- ko- ima -ti
Neg SUBJ- Verbz – marido -IMPERF
ela não é casada (não tem marido)

b. ko- miti -ti
Verbz- cego -IMPERF
ele/ela está cego / a

ako o- ko- miti -ti
Neg SUBJ- Verbz- cego -IMPERF
ele/ela não está cego / a

c. ka- kane -ti
Verbz- bicho -IMPERF
ele está com bicho/ bichado

a- ka- kane -ti
SUBJ- Verbz- bicho -IMPERF
não está bichado

d. xuna -ti homoeheu
forte -IMPERF rapaz
o rapaz é forte

awo a- ka- xuna homoeheu
Neg SUBJ- Verbz- forte rapaz
o rapaz ainda não é forte

3.2.3 Negação

A negação se faz a partir de um verbo auxiliar. Hipotetizo que a partícula de negação seja um núcleo funcional (i.e. um auxiliar) e não um afixo. Isso porque a palavra negativa é um lugar de agregação de morfema de tempo e de aspecto, como ocorre com verbos auxiliares nas línguas do mundo (e.g. Eu vou pescar); o verbo principal fica no infinitivo, embora marcas de tempo e modo continuem no verbo (infinitivo flexionado) no kinikinau.

(108) a. pihotimo
pi -h -o -ti -mo
ir -CT -IND -IMPERF -FUT
ele irá

akotimo piha
ako -ti -mo pi -h -a
Neg -IMPER -FUT ir -CT -SUBJ
ele não irá

b. nikone ûti
ni -k -o -ne ûti
comer -CT -IND PONT 1PL
nós já comemos

akone nika ûti
ako -ne ni -k -a ûti
Neg -PONT comer -CT -SUBJ 1PL
nós não comemos

c. noxoati
no -x -o -a -ti
ver -CT -IND -OBJ -IMPERF
ele a viu

akomaka nonjaa
ako -maka no -nj -a -a
Neg -ninguém ver 1SgCT -SUBJ –OBJ
eu também não vi ninguém

Note acima que o morfema de tempo futuro ocorre sufixado ao verbo normalmente, mas na negativa ocorre sufixado à partícula negativa. É fato, entretanto, que é possível manter os morfemas de tempo e aspecto no verbo, tanto ativo quanto inativo. Mas neste caso, observa-se uma interessante diferença entre verbos ativos e inativos. Observe abaixo:

(109) a. ako koepekatimo
ako koepe -k -a -ti -mo
Neg matar -CT –SUBJ –IMPERF – FUT
ele não matará

akotimo koepeka
ako -ti -mo koepe -k -a
Neg -IMPERF -FUT matar –CT -SUBJ
ele não vai matar

b. ako akanetimo haytikoti
ako a- kane -ti -mo haytikoti
Neg SUBJ bichar –IMPERF –FUT fruta
a fruta não bichará

akotimo kaneti haytikoti
ako -ti -mo a- kaneti haytikoti
Neg -IMPERF -FUT SUBJ-bichar fruta
a fruta não vai bichar

Nos verbos inativos, o auxiliar e o verbo principal formam um agregado morfológico, coisa que não ocorre com o verbo ativo. Isso pode ser comprovado através

de teste com advérbio. O advérbio maka ‘também’ pode intervir entre a negativa e o verbo principal, no caso dos verbos ativos. Mas não pode no caso dos inativos.

(110) a. ni -k -o -a -maka ûti waka
comer -CT -IND -OBJ -ADV 1PL.SUJ carne
nós também comemos carne

b. ako -maka ni -k -a -a ûti
Neg -ADV comer -CT -SUBJ -OBJ 1PL.SUJ
nós também não a comemos

c. ako o- momi -maka
Neg SUBJ- cansado -ADV
ele também não está cansado

d há’ina njexa
AUX.Neg 1SgPoss.filho
também não é meu filho

Seguem mais exemplos de negativas. Note que o modo subjuntivo, ao contrário de tempo e aspecto, fica agregado ao verbo principal e não à negação.

(111) a. ako enga -k -a -pu
Neg 1Sg.machucar -CT -SUBJ -Refl
eu não me machuquei

b. ako wa -k -a -pu mbeyo tamuku
Neg morrer -CT -SUBJ -Refl 1SgPoss.criação cachorro
meu cachorro não morreu

c. ako -maka ima -ng -a
Neg -ADV dormir -1Sg.Suj CT -SUBJ
Eu também não durmo

Há outros auxiliares negativos. Usa-se awo ‘não’ quando a negação é temporária.

(112) a. awo xe´exa
Neg filho
ainda não tem filho

b. awo si -k -a yuku Rafael
Neg buscar -CT -SUBJ lenha Rafael
o Rafael ainda não buscou lenha

c. awo e -nj -a
Neg saber 1Sg.CT -SUBJ
ainda não sei

Usa-se ha'ina ‘não *é*’ em construções existenciais, quando a negação se refere a um nome ou um adjetivo:

(113) a. ha'ina xuku’oy
Neg onça
não é onça

b. ha'ina pu’iti
Neg branco
não é branco

c. ha'ina xâne
Neg (povo) índio
não é índio

3.2.4 Aspecto e tempo

A língua kinikinau marca os aspectos impefectivo e pontual. O imperfectivo é marcado com o morfema {-ti} e o pntual é marcado com o morfema {-ne}:

(114) a. Simo -ti
chegar -IMPERF
está chegando

b. Simo -ne
3.chegar -PONT
já chegou

c. mana -k -o -a -ti xupu
descascar -CT -IND -OBJ -IMPERF mandioca
ele está descascando mandioca

d. mana -ng -o -a -ne xupu
descascar -1SgCT -IND -OBJ -PONT mandioca
ele já descascou a mandioca

É interessante observar que a marca que analiso como aspecto pontual está sendo usada na escola como marca de passado. No entanto, os morfemas {-ne} e {-ti}, bem como o futuro {-mo} podem co-ocorrer. Note ainda que {-ne} não é obrigatório para expressar passado, o que pode corroborar uma análise de {-ne} como aspecto, e não tempo. Compare o exemplos em 115 a-d com 115 e-g. Os exemplos 115 a-d apresentam o morfema {-ne} e 115 e-g não contam com este morfema, mas há ainda uma possível interpretação de passado, mas sem uma interpretação de pontualidade.

(115) a. koputu -k -o -ne tapi'i
botar -CT -IND -PONT galinha
a galinha já botou

b. nzio -p -o -ne
1Sg.chegar -CT -IND PONT
já cheguei

c. nzioke -x -o -ne
1Sg.dançar -CT -IND PONT
já dancei

d. Wane -x -o -a -ne nakaku
1PL.comprar -CT -IND -OBJ -PONT arroz
nós compramos arroz

(116) a. Maré -k -o -a
arrancar -CT -IND -OBJ
ele arranca / arrancou-o

b. kom -o -a
ouvir -IND -OBJ
ele ouve / ouviu-o

c. ako nju -k -a
Neg 1Sg.bater -CT -OBJ
eu não bato / bati nele

116 apresenta um exemplo de co-ocorrência de {-ne}, {-ti} e {-mo}:

O tempo futuro é marcado com o morfema sufixal {-mo}, que ocorre depois do morfema de aspecto:

(117) a. kepe -k -o -a -ti - mo
2Sg matar -CT -IND -OBJ -IMPERF -FUT
você irá matá-la / você vai matá-la

b. ngoepe -k -o -a -ti - mo
1Sg.matar -CT -IND -OBJ -IMPERF -FUT
eu a matarei

c. pore -x -o -pi -ti -mo
dar -CT -IND -2OBJi -IMPERF -FUT
dará a você

Dada a complexidade da marcação de concordância em kinikinau, contando inclusive com morfologia não-concatenativa e, ao fato de que tanto nomes como verbos são marcados pelos mesmos morfemas de concordância (i.e. os morfemas de concordância de sujeito são os mesmos que aqueles que marcam concordância na construção possessiva), apresento uma seção separada, a seguir, sobre concordância em kinikinau.

3.3.5 Concordância

Tanto o verbo como o nome são marcados da mesma forma por concordância de pessoa e número, que segue exatamente a mesmo regra do terena. A terceira pessoa é não-marcada, a primeira pessoa do singular é marcada por um traço [+ nasal], a primeira pessoa do plural é marcada pela prefixação de {w-} à raiz verbal e a segunda pessoa (singular e plural) é marcada pela prefixação de {y-} à raiz verbal.

3.2.5.1 Primeira pessoa do singular

A primeira pessoa do singular é marcada pela nasalização de todas as vogais e semivogais da esquerda para a direita da forma verbal, até que seja bloqueada por uma obstruinte (oclusiva ou fricativa). Nesse processo de nasalização, também a obstruinte recebe influência do espalhamento nasal, sonorizando-se e pré-nasalizando-se.
Observe os exemplos:

(118)	Forma não-marcada					Primeira Pessoa Sg.				
a.	pore	-x	-o	-a	-ti	mbore	-x	-o	-a	ti
	dar	-CT	-IND	-OBJ	-IMPERF	1Sg.dar	-CT	-IND	-OBJ	-IMPERF

	ele está dando-o	*eu estou dando-o*
b.	tetu -k -o -a -ti	ndetu -k -o -a -ti
	cortar -CT -IND -OBJ –IMPERF	1Sg,cortar –CT -IND -OBJ -IMPERF
	ele está cortando-o	*eu estou cortando-o*
c.	ni -k -o -ti	ni -ng -o -ti
	comer -CT -IND -IMPERF	comer -1SgCT -IND -IMPERF
	ele está comendo	*eu estou comendo*
d.	aruxu -k -o -ti	arunju -k -o -ti
	morder -CT -IND -IMPERF	1Sg.morder -CT -IND -IMPERF
	ele está mordendo	*eu estou mordendo*
e.	humi -k -o -ti	nzumi -k -o -ti
	assoviar -CT -IND -IMPERF	1Sg.assoviar -CT -IND -IMPERF
	ele está assoviando	*eu estou assoviando*
f.	ewese -k -o -ti	ẽwẽnze -k -o -ti
	descer -CT -IND -IMPERF	1Sg.descer -CT -IND -IMPERF
	ele está descendo	*eu estou descendo*
g.	isu -k -o -a -ti	inzu -k -o -a
	bater -CT -IND –OBJ –IMPERF	1Sg.bater -CT -IND -OBJ
	ela está batendo nele	*eu bati nele*

Caso a forma verbal não possua obstruinte em sua constituição morfológica, a palavra toda é nasalizada, como pode ser constatado abaixo:

(119)	Forma não-marcada	Primeira Pessoa Sg.
a.	yonôti	ỹõnõã -nẽ
	andar	1Sg.andar -PONT
	ele está andando	*eu andei*
b.	omo -ne	õmõ -nẽ
	trazer -PONT	1Sg.trazer -PONT

ele trouxe *eu trouxe*

O mesmo fenômeno ocorre com nomes na construção possessiva:

(120)	Forma não-marcada	Primeira Pessoa Sg.	Glossa
a.	ûke	ûnge	*meu olho*
b.	hêwe	njêwe	*meu pé*
c.	poynu	mboynu	*meu irmão/irmã*
d.	ha'a	nza´a	*meu pai*

A primeira pessoa do plural é marcada pelo morfema prefixal {w-}. Se a raiz for iniciada por consoantes, há uma regra fonológica que apaga o segmento consonantal /w/ (a língua não admite encontros consonantais). Note que neste caso, quando ocorre a regra fonológica, há uma preferência de não omitir o argumento pronominal (ûti), exemplo (122).

(121)	Forma não-marcada	Primeira Pessoa PL.
a.	imo -k -o -ti kaliwôno	w –imo -k -o -ti
	dormir –CT -IND–IMPERF criança	1PL.dormir -CT -IND –IMPERF
	a criança está dormindo	*nós estamos dormindo*
b.	eno -w -o -ti atu waka	w- eno -w -o -ti atu
	beber -CT -IND -IMPERF leite vaca	1PL.beber-CT –IND -IMPERF leite
	ele está bebendo leite de vaca	*nós estamos bebendo leite*

(122) a. koepe -k -o -a ûti koexo'oketi
matar -CT -IND -OBJ 1PL barata
nós matamos a barata

b. pi -k -o -a ûti koexoe
medo –CT -IND -OBJ 1PL cobra
nós temos medo de cobra

3.2.5.2 Segunda Pessoa

O morfema de segunda pessoa é a aproximante {y-}. Entretanto, como no caso acima, há um processo fonológico de apagamento de um segmento consonantal antes de outro consonantal. O segmento /y/ é apagado quando ocorre diante de consoante. Mas, no caso da segunda pessoa, há traços estáveis que permanecem. Assim, os traços [-posterior] e [+alto] permanecem e causam alternância vocálica. Em outras palavras, os traços [-posterior] e [+alto] são estáveis, isto é, permanecem ativos. Deste modo, se a vogal que segue a consoante inicial da raiz for [+posterior] , a saber /o/, /u/ e /a/, esta vogal torna-se [-posterior]. Ou seja, /o/ torna-se /e/, /a/ torna-se /e/, e /u/ torna-se /i/. O traço [-posterior] marca a concordância de segunda pessoa, ou seja, há uma anteriorização da vogal. Se a primeira vogal for /e/, entretanto, uma vogal já portadora do traço [-posterior], esta vogal sofrerá alteamento para /i/. Neste caso, é o traço de altura que marca a concordância de segunda pessoa. Note ainda que, se a primeira vogal for /i/, portanto já portadora de ambos os traços [-posterior] e [+alto], a segunda vogal da raiz sofrerá o processo de altenância conforme descrito. Abaixo apresento um esquema do processo:

Se V1 [+post] → [-post]
Se V1 [-post, -alta] → [+alta]
Se V1 [-post, +alta] → traços se espalham para V2 (de acordo com as generalizações acima)

Exemplos de concordância em segunda pessoa, com verbos iniciados por vogais, exceto /i /

(123)

	Forma não-marcada	Segunda Pessoa Sg.
a.	oro'o -k -o -ti	y- ara'a -k -a -a
	queimar -CT -IND -IMPERF	2Sg queimar -CT -SUBJ -OBJ
	ele está queimando	*queime-o*
b.	ore -k -o -ti	y- ore -k -o -ti
	beber -CT -IND -IMPERF	2Sg- beber -CT -IND -IMPERF
	ele está bebendo	*você está bebendo*
c.	uru -k -o -wo -ti	y- uru -k -a -pu
	entrar -CT -IND -Refl -IMPERF	2Sg entrar -CT -SUBJ -Refl
	ele está entrando	*entre*

A seguir, veja os exemplos com verbos iniciados por consoantes e por /i /:

(124)

	Forma não-marcada	Segunda Pessoa Sg.
a.	sim -o -ne	sime -ne
	chegar -IND -PONT	chegar.2Sg. -PONT
	ele já chegou	*você já chegou*
b.	mana -k -o -ti xûpu	menako -ti xûpu
	descascar-CT-IND-IMPERF mandioca	2Sg.descascar –IMPERF mandioca
	ele está descascando mandioca	*você está descascando mandioca*
c.	imo -k -o	ime -k -o
	dormir -CT -IND	dormir.2Sg -CT -IND
	ele dormiu	*você dormiu*
d.	keho -k -o -a ûto	kiho -k -o -a
	quebrar -CT -IND -OBJ prato	2Sg.quebrar -CT -IND -OBJ
	ele quebrou o prato	*você quebrou- o*

Novamente, as mesmas regras operam para nomes:

(125)	Forma não-marcada	Segunda Pessoa	glossa
a.	ûke	y- ûke	*teu olho*
b.	owoku	y- owoku	*tua casa*
c.	amori	y- amori	*teu neto*

Os exemplos abaixo mostram a marcação de segunda pessoa, quando o nome possuidor ou o verbo se inicia por consoante ou pela vogal i.

(126)	Forma não-marcada	Segunda Pessoa Sg	glossa
a.	kenôti	kinôti	*tua orelha*
b.	poynu	peynu	*teu irmão*
c.	pâho	peaho	*tua boca*
d.	kihuati	kihiati	*você está enxugando*
e.	neneti	nineti	*você está mentindo*
f.	ipikoati	ipikiati	*você está salvando-o/a*

Existem algumas ocorrências ainda não completamente explicadas. Há casos em que mais de uma vogal sofre assimilação. Nestes casos, parece que sempre há uma aproximante ou glotal (glide para Chomsky & Halle 1968). Mas há outros para os quais ainda não tenho uma explicação.

(127)	Forma não-marcada	Segunda Pessoa Sg	Glossa
a.	hêwe	hîwi	*teu pé*

b.	xe'exa	xi'ixa	*teu filho*
d.	wo'u	w-i-a 'u	*teu dedo*
e.	há'a	y-a'a	*teu pai*
f.	nône	nione	*tua plantação*

3.2.6 Morfemas de concordância com o objeto

O kinikinau marca concordância com o sujeito ou possuidor (como visto acima) e com o objeto direto e objeto indireto (i.e. todos os argumentos concordam). Os morfemas que marcam objetos direto e indireto são os mesmos. Mas há uma hierarquia para decidir a ordem dos morfemas. Nem todos os paradigmas puderam ser verificados. Até o presente momento, as seguintes generalizações parecem ocorrer. A marca de objeto indireto precede à marca de objeto direto quando o objeto indireto é de segunda pessoa, e o direto terceira. Quando o objeto indireto é de primeira pessoa, e o direto de terceira, a concordância de objeto direto ocorre antes. Quando ambos os objetos são terceira pessoa, apenas uma marca ocorre. São as seguintes as marcas de concordância com objeto:

(i) 1ª. Pessoa singular {-nu}
(ii) 2ª. Pessoa singular {-pi}
(iii) 3ª. Pessoa singular {-a}
(iv) 1ª. Pessoa plural {-owi}

Os exemplos que seguem poderão esclarecer melhor essa concordância:

3.2.6.1 {-nu} 1ª. Pessoa do Singular Objeto

(128) a. isi -k -o -nu
2SgSUJ.bater -CT -IND -1SgOBJ
você me bateu / bate

b pore -x -o -a -nu koyuhopeti
3SgSUJ.dar -CT -IND -3OBJ -1SgOBJi papel
ele deu o papel para mim

3.2.6.2 {-pi} 2ª. Pessoa do Singular Objeto

(129) a. mbore -x -o -pe -a -ne
1Sg.dar -CT -IND -OBJi -OBJ -PONT
eu já o dei para você

Se o morfema –pi é seguido do morfema –a (concordância de 3ª. pessoa objeto) ocorre um processo morfofonológico que impede a formação do ditongo. Assim, cria-se um hiato. Ou seja, quando o morfema {-pi} antecede o morfema {-a}, usa-se o alomorfe {-pe}.

(130) a. pore -x -o -pe -a
dar -CT -IND -2SgOBJi 3OBJ
ele o deu para você

b. posi -k -o -pe -a -ti
procurar –CT -IND -2SgOBJi -3OBJ -IMPERF
ele está procurando-o para você

c. ngauna -k -o -pe -a
1Sg.guardar –CT -IND -2OBJi 3OBJ
eu o guardei para você

3.2.6.3 {-a} 3ª. Pessoa do Singular Objeto

(131) a. noi -x -o -a
ver -CT -IND -OBJ
ele o viu

b. y- aruxu -k -o -a -ne
2Sg.morder -CT -IND -OBJ -PONT
você já o mordeu

c. inju -k -o -a
1Sg.bater CT IND -OBJ
eu bati nele

d. pore -x -o -a -a
dar -CT -IND -OBJ -OBJ
ele o deu para lele

3.2.6.4 {owi} 1ª. Pessoa do Plural Objeto

(132) a. isu -k -o -owi
bater -CT -IND -1PLOBJ
ele bateu em nós

c. kipehe -ino -owi ûto
2Sg lavar Benef -1PLOBJ prato
lave o prato para nós

A pluralização de objetos pode ser marcada por palavras funcionais independentes, no caso de os afixos não conterem pluralização.

3.2.6.5 {-pi} + hiko Segunda Pessoa do Plural Objeto

(133) a. mbore -x -o -pi -ne hiko pãw
1Sg.dar -CT IND -2SgOBJi -PONT PL OBJ.pão
eu dei o pão para vocês

b. kaha'ati inju -k -a -pi hiko
querer 1Sg.bater -CT SUBJ -2SgOBJ PL
ele quer que eu bata em vocês

c. no -njo -pi hiko
ver -1SgCT -2SgOBJ PL
nós vimos vocês

3.2.6.6 {-a} + hiko 3ª. Pessoa do Plural Objeto

(134) a. oposi -k -o -â -ne hiko
procurar –CT -IND -3OBJ -PONT PL
ele as procurou

b. mana -ng -o -ne hiko
descascar -1SgCT -IND -PONT PL
eu já as descasquei

c w- iti -x -o -a -ti hiko
1PL- juntar -CT -IND -3OBJ -IMPERF PL
nós as juntamos

Esta forma de marcação de plural difere da marcação usada na língua terena. Na língua terena são dois sufixos que marcam o objeto plural: {-noe} para a 2ª. Pessoa e {-hiko} para a 3ª. Pessoa, conforme mostram os exemplos a seguir:[25]

(135)		Terena	Kinikinau
	a.	nguixópinoe	ngixópine hiko
		nguixo -pi -noe	ngixo -pi -ne hiko
		1Sg.dizer 2SgOBJ -PL	1Sg.dizer -2SgOBJ PONT PL
		eu disse a vocês	*eu disse a vocês*
	b.	nguixoahiko	ngixoa hiko
		nguixo -a -hiko	ngixo -a hiko
		1Sg.dizer -3OBJ -PL	1Sg.dizer -3OBJ PL
		eu disse a eles	*eu disse a eles*
	c.	pihénoe	pihe hiko
		pih -é -noe	pih -é hiko
		ir -2Sg -PL	ir 2Sg PL
		vão vocês	*vão vocês*
	d.	arunjukoatihikomo	arunjukoatimo hiko
		arunjuko -a -ti -hiko -mo	arunjuko -a -ti -mo hiko
		1Sg.morder -OBJ -IMPERF -PL -FUT	1Sg.morder -3O -IMPERF -FUT PL
		eu vou mordê-las	*eu vou mordê-las*

3.2.7 Morfemas Reflexivos e Recíprocos

3.2.7.1 {-wo} morfema reflexivo

O morfema reflexivo -wo ocorre em sentenças afirmativas:

[25] Os exemplos da língua Terena são de (Butler e Ekdahl, 1979, p. 36)

(136) a. kahararaiko -ne Wiwi Rafaela
pintar -PONT Vivi Rafaela
a Rafaela pintou a Vivi

kahararaiko -wo -ne Rafaela
pintar -Refl -PONT Rafaela
a Rafaela se pintou

b. kuriko -a -ne waka Mane
soltar -3OBJ -PONT vaca Manoel
o Manoel soltou a vaca

kuriko -wo -ne waka
soltar -Refl -PONT vaca
a vaca se soltou

c. engoko -a -ne
1Sg.machucar -OBJ -PONT
eu o machuquei

engoko -wo -ne
1Sg.machucar -Refl -PONT
eu me machuquei

3.2.7.2 {-pu} Reflexivo

O morfema reflexivo -pu ocorre em sentenças negativas.

(137) a. ako enga -k -a -pu
Neg 1Sg.machucar -CT -SUBJ -Refl
eu não me machuquei

b. ako ihake -x -a -pu
Neg estudar -CT -SUBJ -Refl
ele não estudou

3.2.7.3 {-koko} recíproco

(138) a. yuho'í -koko -ti hoyeno
cumprimentar -Rec -IMPERF homem
os homens estão se cumprimentando

b. isú -koko -ne kaliwôno
bater -Rec -PONT criança

as crianças brigaram (entre si)

c. kemomo -koko -ti
olhar -Rec -IMPERF
vocês estão se olhando

d. kuri -koko -ti
separar -Rec -IMPERF
eles se separaram

Como já ocorrido em exemplos acima, há ainda uma marca que co-ocorre com a marca de objeto indireto, indicando quando este é benefactivo:

(139) a. y- axa -k -ino -nu yuku
2Sg-acender –CT Benef -1SgOBJ fogo
acenda o fogo para mim

b. kepe -k -e -ino -owi koexo'oketi
matar -CT -SUBJ -Benef -1SgOBJ barata
mate a barata para nós

No capítulo seguinte, apresento uma proposta de análise para a sintaxe da língua kinikinau.

4
SINTAXE

4.0 Introdução

O objetivo deste capítulo será apresentar um estudo preliminar da sintaxe da língua kinikinau. Serão apresentados fenômenos sintáticos como a ordem dos constituintes, os tipos de predicado, os tipos de sentenças, a distinção entre sentenças simples e complexas. O material analisado constitui-se basicamente de dados elicitados, porém dados da fala espontânea serão utilizados para elucidação de algumas dúvidas.

A língua kinikinau faz uso muito freqüente de elipses, tanto do sujeito quanto do objeto. A ordem é fixa VOS. Entretanto, quando há um argumento pronominal, este deve seguir imediatamente o verbo.

Considerando a semelhança desta língua com a língua terena, fato já mencionado nos capítulos anteriores, os trabalhos de Bendor-Samuel (1963), Butler (1977, 2003, 2007) Butler e Ekdahal (1979), Grimes e Ekdahal (1964) e outros servirão como referências para esta descrição.

4.1. Ordem dos constituintes

4.1.1 O sintagma nominal

O sintagma nominal pode ser constituído de um nome núcleo apenas, ou do núcleo mais modificadores. O núcleo do sintagma nominal é final:

(140) a. koputu -k -o -ne hahá 'iti tapi 'i
botar -CT -IND -PONT preto SUJ.galinha
a galinha preta já botou

b apahiri -k -o -wo kinati hoyeno
escorregar –CT -IND -Refl gordo homem

o homem gordo escorregou

c. ore -k -o -ti terere mopo'âxo arunoe
tomar –CT -IND –IMPERF tereré três moça
as três moças estão tomando tereré

d. aruxu -k -o piaxo hana'iti tamuku
morder -CT -IND dois grande cachorro
aqueles dois cachorros grandes mordem

(141) a. ape hanaiti itowoti kame kueu xaku
ter grande maduro abóbora dentro saco
tem uma abóbora grande, madura dentro do saco

b. no -x -o -a ûti piâti eloketi honono'iti parawa xo tikoti
ver -CT -IND -OBJ 1PLSUJ dois bonito azul arara PREP árvore
nós vimos duas bonitas araras azuis na árvore

c. w- oreko -ti kotuti mâte
1PLSUJ- tomar -IMPERF quente mate
nós tomamos mate quente

Na construção genitiva, o possuidor geralmente vem à direita do possuído.

(142) a. itatako -ne mohi -na Mikuxa
quebrar -PONT brinquedo -Poss Mikuxa
o brinquedo da Mikuxa já quebrou

b. nônjo -a moko kopié
1Sg.ver -OBJ toca tatu
eu vi a toca do tatu

c. hîo xuruno
tampa 1SgPoss.panela
a tampa da panela

d. hia'iti kiri tapi'i
amarelo bico galinha
o bico da galinha é amarelo

e. epo'exo -ti inamati poynu Inácio
jogar bola -IMPERF novo irmão Inácio
o irmão mais novo do Inácio está jogando bola

Como mencionado anteriormente, a língua kinikinau perdeu determinantes, o que causou uma importante mudança sintática a ser discutida na sub-seção a seguir.

4.1.3 O sintagma verbal e a sentença

Na língua kinikinau, por ter uma morfologia muito centrada no verbo, uma das características das línguas Aruak, segundo Aikhenvald (2001). Além disso, é bastante comum o apagamento dos argumentos, deixando apenas o verbo conjugado:

(143) a. ngaha -pi
1Sg gostar 2SgOBJ
eu gosto de você

b. poho -po -ti -ne
ir -de novo -IMPERF -PONT
ele já está indo por aí

c. perexo -a -nu
2SgSUJ.dar -OBJ -1SgOBJi
você o deu para mim

d. ka- tipa -k -o -a -nu
Verbz espremer -CT -IND -OBJ -1SgOBJi
ele já o espremeu para mim

Quando os argumentos aparecem abertamente, a ordem da sentença é VOS em casos de argumentos não pronominais:

(144) a. etetuko -ne hewe kaliwôno
cortar -PONT OBJ pé SUJ criança
o menino cortou o pé

b. hokuxo -ti nutawa Mariana
tocar -IMPERF OBJgalo SUJ Mariana
a Mariana está tocando o galo

c. ohonako -a -ne wui koyxoy
picar -OBJ -PONT OBJ.boi SUJ.cobra
a cobra picou o boi

d. pore -x -o -a mboynu kame njexa
dar -CT -IND -1Sg.OBJi.irmão OBJ.abóbora 1SgPoss.filho
meu filho deu a abóbora para meu irmão

e. mbore -x -o -a -ne pãw nʒexa
1Sg.dar –CT -IND -OBJ -PONT OBJ.pão OBJi.filho
eu dei pão para meu filho

A ordem muda apenas em casos de topicalização do sujeito. Neste caso, o sujeito é inicial:

(145) a. njexa ni -k -o -ne rapitaka
1SgPossSUJ filho comer -CT -IND -PONT OBJ.castanha

o meu filho comeu a castanha

b. homoeheu itu -k -o -ne hana'iti kawane
3SUJ rapaz fazer -CT -IND -PONT grande OBJ. roça
o rapaz fez uma roça grande

c. nza'a itu -k -o -ne inamati owokuti
1SgPossSUJ.pai construir -CT -IND -PONT nova OBJ.casa
o meu pai construiu uma casa nova

d. mboynum koepe -k -o -a -ne hana' iti kuré
1SgPossSUJ.irmão matar -CT -IND –OBJ - PONT grande porco
o meu irmão matou um porco grande

e. Peturu oro -k -o
Pedro roncar -CT -IND
o Pedro ronca

f. hoyeno ni -k -o -ne
homem comer -CT -IND -PONT
o homem já comeu

O sujeito pronominal difere do sujeito nominal porque ele necessita ocorrer adjacente ao verbo. Assim, há uma cisão de ordem. Assim, para um sujeto nominal á ordem é VOS, como visto acima, mas é VSO para sujeitos pronominais.[26]

[26] Há uma similariedade com o kadiwéu em relação a esta cisão de ordem entre argumentos nominais e pronominais. Também no kadiwéu há posições sintáticas distintas para argumentos nominais e pronominais. No entanto, no Kadiwéu, é o objeto direto pronominal que tem uma ordem especial, não o sujeito. No Kadiwéu, um objeto direto pronominal ocorre à esquerda do verbo, enquanto um objeto direto nominal ocorre à direita do verbo: *Maria yema: João* 'Maria ama João' (SVO), mas *Maria aqa:mi Gadem:ani* (SOV). Também a concordância é alterada, o verbo concorda com o objeto direto pronominal se houver algum, mas concorda com o sujeito se o objeto for nominal. Note a alternância de forma do verbo –ema:n 'amar' no exemplo dado. Os dados são de Sandalo (2005).

(146) a. inga -k -o -wo -ti undi heweti
1Sg.amarrar -CT -IND -Refl -IMPERF 1Sg OBJ
eu estou amarrando o sapato

b. ni -ng -o -ti undi xapau
comer -1SgCT -IND -IMPERF 1Sg.SUJ OBJ
eu estou comendo mamão

c. no -x -o -a -ti ûti nomikuxoti
ver -CT -IND -OBJ -IMPERF 1PL OBJ
nós vimos um pescador

d. kiri -k -o -a -ti îti ôpe tamuku
jogar -CT -IND -OBJ -IMPERF 2Sg OBJ OBJi

É interessante ainda notar uma assimetria entre nominais e pronominais também na topicalização. Quando um sujeito pronominal é deslocado para a frente (topicalização), o pronome é repetido em sua posição canônica pós-verbal:

(147) a. îti yaha -k -o - wo îti
2Sg.SUJ correr -CT IND -Refl 2Sg.SUJ
você correu

b. ûti w- isupahe -o -ti -mo ûti
1PLSUJ 1PL- roçar -IND -IMPERF -FUT 1PL
nós vamos roçar

c. enone kalivôno imo -k -o -ti hiko
PL criança dormir -CT -IND IMPERF PL
as crianças estão dormindo

A língua kinikinau difere consideravelmente do terena na questão da ordem sintática. Segundo Butler (2003), a língua terena conta com determinantes e a ordem da sentença é associada à presença destes elementos. A seguir, apresento um resumo dos fatos do terena.

Verbos transitivos, com objeto direto definido, têm a ordem VSO. O objeto concorda com o verbo e é precedido por uma palavra funcional, *ne* ou *ra*, analisada como um determinante por Butler.

VS ne/ra+O

Verbos intransitivos (VS) têm o seu único argumento precedido por esta palavra funcional sempre.

V ne/ra+S

Assim, este elemento analisado como um determinante marca objeto de transitivas (que concorda com o verbo) e sujeito de intransitivas, quando o objeto direto é definido. Ora, o fato de uma marcação que une um objeto direto com um sujeito intransitivo sugere um padrão ergativo para a língua.

Quando o objeto direto é indefinido, a língua apresenta um outro padrão. Em terena, um objeto direto indefinido ocorre adjacente ao verbo (VOS) e não concorda com o verbo. Nesta situação, é o sujeito que é marcado por *ne*/*ra*.

VO ne/ra+S

Considerando que é bem comum haver cisão de ergatividade em línguas ergativas (Jelinek & Carnie 2003). E é bem comum sistemas ergativos com argumentos definidos apenas nos sistemas cindidos (Jelinek & Carnie 2003). Portanto, tomo as palavras funcionais (que também indicam definitude) como marca de um padrão ergativo. Na verdade, elas marcam o argumento absolutivo ou, na terminologia de Bittner & Hale (1996), nominativo. Para Bittner & Hale, absolutivo e nominativo são a mesma coisa. De fato, no terena, quando o padrão não é ergativo (objeto indefinido), é o sujeito (nominativo) que é marcado por aquelas partículas. Isto é, elas marcam o

argumento absolutivo ou nominativo. Note também que a posição que o argumento absolutivo/nominativo ocupa é sempre a mesma, a final.

O kinikinau perdeu os elementos rotulados de determinantes por Butler, como já mencionado anteriormente, e também perdeu a variação de ordem. Parece que a cisão de ergatividade entre nomes definos e indefinidos foi perdida. Embora ainda possa haver a cisão relativa aos argumentos pronominais. Como observado acima, os argumentos pronominais têm uma ordem distinta dos argumentos nominais. Vimos que, quando um sujeito é pronominal, ele ocupa uma posição imediatamente pós-verbal e o argumento nominal, o objeto direto, ocupa a posição final. A diferença de ordem sugere um padrão distinto para argumentos nominais e pronominais para caso. Um padrão no qual as marcas explícitas de ergatividade foram perdidas, mas que a ordem sintática ainda revela sua presença: uma ordem que revela que o argumento nominativo/absolutivo ocupa a posição final. Se este for o caso, o kinikinau mudou em direção ao kadiwéu, que apresenta uma cisão de caso para argumentos nominais e pronominais. Em suma, tenho a hipótese sobre ergatividade no terena e uma hipótese sobre uma mudança lingüística no kinikinau. Mas, neste momento de estudo, trata-se apenas de hipótese, que será testada sistematicamente em outros momentos de trabalho. Note ainda um fato bastante interessante para contato lingüístico: se é verdade que o padrão de ergatividade kadiwéu foi adotado (cisão entre argumentos nominais e pronominais) e o de terena abandonado (cisão entre nominais definidos e indefinidos), somente o padrão foi adotado A ordem sintática é totalmente Chané (Guaná), pois teríamos a ordem VSO para o padrão ergativo e VOS para o padrão acusativo, enquanto o kadiwéu conta com a ordem SOV para o padrão ergativo e SVO para o padrão acusativo (cf. nota 27).

Em sentenças ditransitivas, quando os argumentos são nominais, parece haver uma hierarquia humano, não humano. O objeto indireto ocorre freqüentemente depois do objeto direto, quando é humano. Se não é humano, aparece antes do objeto direto.

(148) a. pore -x -o -a -ne enowopeti Wiwi Maria
dar -CT -IND -OBJ PONT OBJ.caneca OBJi.Vivi SUJ.Maria
A Maria deu a caneca para a Vivi

b. indu -k -o -ne inamati owoku onju

1SgSUJ.fazer -CT -IND -PONT novo casa 1SgPossOBJi.avô
eu fiz uma casa nova para meu avô

c. pere -x -o -a -ne soporo kalovôno
2Sg dar -CT -IND -OBJ -PONT OBJ.milho OBJi.criança
você já deu milho para a criança

d. mbore -x -o -a mbeyo kamo ûne
1SgSUJ.dar -CT -IND -OBJ 1SgPoss.criação OBJi cavalo OBJ.água
eu dei água para meu cavalo

e. pore -x -o -pi -ne ûti kareoke
dar -CT -IND -OBJi -PONT 1PL OBJ.feijão
nós demos feijão para você

Quando objeto direto e objeto indireto são pronominais, o objeto pronominal antecede o outro.

(149) a. iti -ne tetu -k -o owi yuku
3Sg -PONT cortar -CT -IND 1PL.OBJi OBJ.lenha
ele já cortou lenha para nós

b. pore -x -o -pi -ne ûti kareoke
dar -CT -IND -OBJi -PONT 1PL OBJ.feijão
nós demos feijão para você

4.1.4 sintagma preposicional

A língua kinikinau tem uma preposição xo '*em, no, na, para',* enquanto a língua terena possui um afixo com essa mesma função, {-ke}.

(150) Terena Kinikinau
a. kirika ipixoti kaxa -ke kirika ipixoti xo kaxa

	colocar remédio caixa -PREP	colocar remédio -PREP caixa
	coloque o remédio na caixa	*coloque o remédio na caixa*
b.	inzipokone pangu -ke	inzipokone xo pangu
	1Sg.levantar banco -PREP	1Sg.levantar PREP banco
	eu levantei do banco	*eu levantei do banco*
c.	êno xuve kâxu ovoku -ke Vili	êno kâxu tikoti xo ovoku Vili
	PL pé caju casa -PREP Vili	PL caju árvore PREP casa Vili
	tem muitos cajueiros na casa do Vili	*tem muitos cajueiros na casa do Vili*

Há um instrumental ya ‘com’:

(151) a. ngoepe -k -o -a -ti -mo ya tikoti koyxo’oketi
1SgSUJ.matar –CT –IND -OBJ -IMPERF -FUT PREP pau barata
eu vou matar a barata com aquele pau

b. tetu -k -o -po -wo -ne ya piritau
cortar -CT -IND - ? -REFL -PONT PREP faca
ela se cortou com a faca

c. indo -x -o -ti ya lapi
1Sg.escrever -CT -IND -IMPERF PREP lápis
eu escrevo com o lápis

4.1.5 Ordem dos constituintes nas sentenças complexas

O kinikinau não conta com conjunção coordenada. A coordenação se faz por justaposição. Confira os exemplos que seguem:

(152) a. karine -ti yekoteno iwo -k -o -wo -ne
adoecer -IMPERF SUJvelho morrer -CT -IND -REFL -PONT

o velho ficou doente e morreu

b. ipunu -k -o -ne soporo sêno itu -k -o maka pãw
socar -CT -IND -PONT OBJ.milho SUJ.mulher fazer –CT -IND também pão
a mulher socou o milho e depois (também) fez o pão

c. etetu -k -o -ne hewe nguri yo -ne
cortar -CT -IND -PONT OBJ.pé 1SgSUJ.menino chorar -PONT
o menino cortou o pé e chorou

d. none ûti soporo seopo -ne ûti xo owowoku
plantar 1PL OBJ.milho voltar –PONT 1PL PREP casa
nós plantamos o milho e voltamos para casa

e. aruxu -k -o -nu -ti tamuku inzu -k -o -a
morder –CT -IND -1SgOBJ -IMPERF SUJ.cachorro 1SgSUJ.bater-CT-IND-3Sg.OBJ
o cachorro me mordeu e eu bati nele

f. unati -ti waka, êxo -ti waka
boa -IMPERF SUJ.vaca mansa -IMPERF SUJ vaca
a vaca é muito boa e também é mansa

4.1.5 Conjunção adversativa

Há uma conjunção adversativa itea ‘mas’, ‘porém’, como pode ser visto nos exemplos em (153):

(153) a. kewo -ti ûko itea mbihopo -ti -mo
chover -IMPERF chuva CONJ 1Sg.ir -IMPERF -FUT
está chovendo, mas eu vou embora

b. momo -k -o -ti hou tamuku itea ako aruxuko
latir -CT -IND -IMPERF PL cachorro CONJ Neg morder

os cachorros estão latindo, mas não mordem

c. kotuko -ne Miguel itea ako porexo -a atu kalowôno
tirar leite -PONT Miguel CONJ Neg dar -OBJ leite criança
o Miguel tirou leite, mas não deu o leite para a criança

Não há marca de subordinação para sentenças completivas e para as adjuntas:

(154) a. iwo -k -o -wo -ne wui ohono -k -o -a -ti koexoe
morer –CT-IND –Refl -PONT SUJ.boi picar -CT-IND -OBJ -IMPERF SUJ.cobra
o boi morreu porque a cobra o picou

b. kaha'a -ti inju -k -eo -pi
querer -IMPERF 1Sg.bater –CT -? -2SgOBJ
ele quer que eu bata em você

c. ngaha -ti mbihea xo pitiwoko
1Sg.dizer -IMPERF 1Sg.ir PREP cidade
eu disse que ia para a cidade

4.1.6 Predicado nominal

Em kinikinau, as sentenças nominais que expressam os conteúdos inclusão e equação são construídas através de uma possível verbalização de pronomes, que ocorrem com as mesmas marcas de aspecto, tempo e modo. Ou através de um verbo auxiliar e um adjetivo:

(155) a. undimiku nâti
undi -miku nâti
1SgSUJ -AUX chefe
eu era chefe

b. itikemo owoku
iti -ke -mo owoku
2Sg -Poss -FUT casa
a casa vai ser tua

c. iti -mo capitão
2Sg -FUT capitão
você vai ser capitão

d. ako -ti wo'u
Neg -IMPERF mão
ele é sem mão (ele não tem mão)

4.1.7 Transitividade zero

Predicados de transitividade-zero podem ainda ser constituídos apenas a partir do constituinte verbal. Não há expletivos, exceto em (155) e

(156) a. hono -w -o –ti
ventar -CT -IND -IMPERF
está ventando

b. xururu -k -o -ti
trovejar -CT -IND -IMPERF
está trovejando

c. yuponi -ti
amanhecer -IMPERF
está *amanhecendo*

d. itomiku -x -o -ti
chuviscar -CT -IND -IMPERF

esta chuviscando

e. kewo -ti -mo ûko
chover -IMPERF -FUT chuva
vai chover

4.2 Sentenças Imperativas

4.2.1 imperativas afirmativas

As sentenças imperativas simples são construídas com o verbo no modo subjuntivo, na segunda pessoa (singular).

(157) a. y- uru -k -a -pu
2Sg- entrar -CT -SUBJ -Refl
entre!

b. y- weta -k -a
2Sg sentar -CT -SUBJ
sente!

c. ni -k -e
comer -CT -2Sg
coma!

d. im -e -k -a
dormir 2Sg. –CT -SUBJ
durma!

4.2.2 Imperativo com verbos transitivos

(158) a. kitiha -k -a rapitaka
2Sg.quebrar -CT -SUBJ castanha
quebre aquela castanha!

b. iti -k -a hiwi
2Sg colocar -CT -SUBJ 2Sg.pé
calce o sapato!

c. y -ehexi -k -a Inácio
2Sg.chamar -CT -SUBJ Inácio
chame o Inácio!

d. y- axak -a yuku
2Sg.acender -SUBJ fogo
acenda o fogo!

Em sentenças hortativas, emprega-se o verbo no modo subjuntivo, na primeira pessoa do plural. Em geral, usa-se ûti (pronome). Porém, não é obrigatório o uso.

(159) a. nik -a ûti
comer -SUBJ 1PL
vamos almoçar!

b. w- ima -k -a -wo
1PL- dormir -CT -SUBJ -Refl
vamos dormir!

c. w- arek -a -a warapa ûti
1PL beber –SUBJ -OBJ garapa 1PL
vamos beber garapa!

4.2.3 Imperativo negativo

No imperativo negativo, o verbo é empregado no modo indicativo, na segunda pessoa, antecedido da palavra negativa ako

(160) a. ako imêk -o
Neg 2Sg dormir -IND
não durma!

b. ako kimohy
Neg 2Sg brincar
não brinque

c. ako iweta -k -o poke'e
Neg 2Sg.sentar -CT -IND chão
não sente no chão!

4.3 Interrogativas

Existem, nas línguas em geral, dois tipos de interrogativas: a interrogativa polar, que leva a uma resposta afirmativa (sim) ou negativa (não), e a interrogativa não-polar, que leva a uma resposta mais elaborada. Em kinikinau, as sentenças interrogativas polares distinguem-se das sentenças declarativas apenas pela entoação, semelhante à entoação da língua portuguesa, isto é, com tom crescente.

(161) a. y- oreko mâte ?
2Sg-tomar mate
você toma mate ?

b. keha Maria ?
2Sg. gostar Maria
você gosta da Maria?

As sentenças não-polares, aquelas que levam a uma resposta de informação específica, são construídas com palavras interrogativas que são: na - para as perguntas onde?, aonde?, para onde?, quando? e quantos ?

(162) a. na -mo kina'okoti ?
INT -FUT 2Sg.vir
quando você vem ?

b. na -yeno?
INT -2Sg. Ir
aonde você vai?

Se a palavra interrogativa na referir-se a lugar e for seguida imediatamente por um substantivo, receberá o sufixo -ku

(163) a. na -ku ya'a?
INT 2SgPoss.pai
onde está o seu pai?

b. na -ku utá -na ?
INT prato -Poss
onde está o prato dele?

Emprega-se a palavra interrogativa kuti para as perguntas o quê?, Quem?

(164) a. kuti koepe -k -o kimoum?
INT matar -CT -IND porco-do-mato
quem matou o porco- do- mato ?

b. kuti noxo ya'a?
INT ver 2Sg.pai
o que o seu pai viu ?

Kuti pode receber o morfema sufixal -maka ‘também’ em perquntas como :

(165) a. kuti -maka namuko -ne ka’i
INT - também pegar -PONT OBJmacaco
por que ela também pegou o macaco?

b. kuti -maka ukea?
INT -também vir
por que ele também veio ?

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma descrição da língua kinikinau, uma língua seriamente ameaçada de extinção devido (i) ao reduzido número de falantes, (ii) ao reduzido número da população, (iii) à desfavorável situação política e econômica de seus falantes, que vivem em situação de vassalagem ao povo kadiwéu e (iv) à situação de contato desse povo com outras etnias, e com não índios dentro da aldeia, entre outros fatores. Este é o primeiro estudo desta língua, uma vez que ela estava dada como extinta pela literatura indigenista. Segundo o *Handbook of South American Indians* (1946), os Kinikinau teriam deixado de falar sua língua da família Aruak para falar uma língua Guicuru, possivelmente Kadiwéu. Este trabalho mostrou que este não é o fato. Trata-se de uma língua Aruak, bem próxima ao terena, com influência gramatical do kadiwéu e, algumas influências do português. A grande mudança notada foi a perda de determinantes com conseqüências para ordem de constituintes e sistema de caso. Levantou-se a hipótese que o sistema de caso da língua foi mudado, adotando um sistema mais próximo ao kadiwéu no sentido de apresentar uma cisão entre argumentos pronominais e nominais. No entanto, a ordem sintática do kadiwéu não foi adotada. Sendo o sistema de caso algo central de uma gramática, considero esta mudança lingüística algo crucial, e que diferencia o kinikinau, de maneira importante, do terena, a língua irmã. Além disso, o kinikinau adotou do kadiwéu, possivelmente, regras de harmonia vocálica, adotando de maneira mais generalizada que a regra do kadiwéu, diferenciando também a pronúncia do kinikinau

do terena. Interferências do português mais marcantes são a palatalização de /t/ antes de /i/.

Em suma, foi possível verificar que não se trata de maneira nenhuma de uma língua Guaicuru, como supôs Mason (1946), pois apesar de terem sido encontradas marcas de empréstimos pelo tempo de contato com kadiwéu, que é uma língua Guaicuru, essas duas línguas diferem uma da outra consideravelmente; (ii) apesar das muitas semelhanças com a língua terena, pois ambas são línguas Chané, pertencentes à família Aruak, os dados mostraram que existem diferenças que distinguem kinikinau e terena, e procurei evidernciar isto ao longo deste trabalho; (iii) não se pode dizer que kinikinau é uma língua crioulizada, pois conserva as características lexicais e gramaticais que a confirmam como Aruak.

Se os Kinikinau falaram, um dia, a língua terena, como supôs Taunay (1930), o contato com kadiwéu e com o português, bem como o diferente percurso histórico se encarregaram de torná-las diferentes em outros aspectos que não apenas o fonético.

Este estudo pode ser uma contribuição para o estudo sobre como ocorrem interferências por contato.

A língua kinikinau é hoje uma língua obsolescente. Os poucos falantes que ainda detêm o conhecimento dela, têm pouca oportunidade de usá-la. Diferente de muitos povos indígenas também em processo de extinção, os Kinikinau não conservaram nada de suas tradições, de sua cultura original. A língua talvez seja o único vestígio de uma identidade Kinikinau, que também está prestes a se acabar. É possível que mais marcas do português venham a ser incorporadas no kinikinau, dado que atualmente seus poucos falantes são bilíngües de português e kinikinau, com razoável proficiência na língua dominante no uso.

A morte não é necessariamente o fim natural de todas as línguas. O natural é que todas as línguas ativas mudem, porque seus falantes fazem parte de uma sociedade que está em constantes mudanças.

"Language death is not necessarily the fate of all languages. Languages which are viable, which have an active network of speakers who learn them as their first language, are not static: they change, evolve over time." (Day, 1985, p. 164-5)

BIBLIOGRAFIA

AGUIRRE, D. Juan Francisco (1898). *Etnografia Del Chaco.* Boletín del Instituto Histórico Argentino, 19. Buenos Aires.

AIKHENVALD, Alexandra Y. (1994) *Classe nominal e gênero nas línguas Aruak.* Boletim do Museu do Pará. Emílio Goeldi. Série Antropol., 10(2), 137-259

AIKHENVALD, Alexandra Y. (2001). The Arawak language family. In: BLAKE, B. J. & BURRIDGE, K.(eds) *Historical Linguistics 2001*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company 65 - 106

ALKMIM, Tânia Maria (2003). Considerações sobre o Campo da Sociolingüística. In: ALBANO, E.; COUDRY, M. I.; ALKMIM, T.; POSSENTI, S. (orgs) *Saudades da língua. A lingüística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Campinas*. São Paulo: Mercado de Letras, 593-603.

ALMEIDA SERRA, Ricardo Franco de (1800). Extracto da descripção geográphica da província de Mato Grosso em 1797. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, de 31 de janeiro de 1800: 156-96.

AZARA, Felix (1990 [1809]). *Descripcion y historia del Paraguay y del Rio de La Plata.* Buenos Aires: Edições Bajel.

BAUMAN, James J. (1980). *A guide to issues in indian language retention.* Washington, D.C.

BENDOR-SAMUEL, J. (1960 [1970]). *Some problems of segmentation in the phonological analysis of Terena.* Word, 16.3, 348 – 55

BENDOR-SAMUEL, John T. (1963).*A structure-function description of Terena phrases*. The Canadian Journal of Linguistics 8:2 , Spring / Printemps, 59 – 70.

BENDOR-SAMUEL, John T. (1966). Some prosodic features in Terena. In.: ROBINS, R. H. (Edt.) *In memory of J. R. Firth*. London, 30 – 39.

BITTNER, M. & K. HALE. (1996). The structural determination of case and agreement. *Linguistic Inquiry 27*, 1-68.

BOAS, Franz (1966 [1940]) R*ace, Language and Culture*. New York: The Free Press, a Division of Macmillan Publishing Co., Inc.

BRAGGIO, Sílvia L. B. (2001). O papel da pesquisa sociolingüística em projetos de educação, vitalização de lingua e cultura: relatos sociolingüísticos iniciais dos Avá-Canoeiro de Minaçu. Liames 3, 113-34

BUTLER, N. (1977). *A derivação verbal na língua terena*. Série Lingüística 7, 73 – 100

BUTLER, N. (2003). *The multiple functions of the definite article in Terena*. Série Lingüística. SIL , 3 – 16

CAMPBELL, Lyle & BEREZNAK, Catherine (1996). *Defense strategies for endangered languages*. In *Contact Linguistics. An International Handbook of*

Contemporary Research. Volume 1. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 659-666.

CAMPBELL, Lyle (2007)

CHOMSKY, Noan & HALLE, M.(1968). *The soud pattern of English*. New York, Harper & Row.

COULMAS, Florian (Ed) (2002 [1997]). *The Handbook of Sociolinguistics*. Malden, USA: Blackwell Publishers .

CRAIG, C. Grinevald (2002 [1997]). Language contact and language degeneration. In COULMAS, Florian (Ed). *The Handbook of Sociolinguistics*. Malden, USA: Blackwell Publishers (257 – 270)

DAUENHAUER, Nora M. and DAUENHAUER, Richard (1998) Technical, emotional, and ideological issues in reversing language shift: examples from Southeast *Alaska.* In: GRENOBLE, Lenore A. & WHALEY, Lindsay J. (eds) *Endangered languages: language loss and community response*. Cambridge: Cambidge University Press (57 – 98)

DAY, Richard R. (1985) The ultimate inequality: linguistic genocide. In: WOLFSON, N. & MANES J. (eds) *Language of inequality*. NY: Mouton.

DRYER, Matthew S. (2005) Clause types. In: Shopen, T. (ed) *Clause structure, language typology and syntactic description*, vol. 1. Cambridge University Press.

EASTLACK, C. L. (1968). *Terena (Arawakan) Pronouns*. International Journal of American Linguistics. Volume 34, January, Number 1, 1-8

EKDAHL, Elizabeth Muriel. e BUTLER, Nancy.(s.d.) Vukápanavo - *Vamos para frente - Cartilha Terena* Brasília, DF: SIL

ELLIOTT, João Henrique (1848). Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da Vila Antonina e o Baixo-Paraguay na província de Matto Grosso*:* feitas nos annos de 1844 a 1847. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, I trimestre de 1848.

FACUNDES, Sidney da Silva (2000). *The language of the Apurinã people of Brazil.* (Maipure/Arawak). Bufalo: University of New York. A Doctor Dissertation.

FONSECA, João Severiano da (1899). *Voyage autour du Brésil.* Edition pour les Américanistes. Rio de Janeiro: Librairie A. Lavignasse Filho & C.

GRENOBLE, Lenore A. & WHALEY, Lindsay J. (eds). (1998). *Endangered languages: language loss and community response*. Cambridge: Cambidge University Press.

GRIMES, J. & EKDAHL, M (1964). *Terena verb inflection*. International Journal of American Linguistics 30, 261 - 68.

GRINEVALD, Colette. (1998). Language endangerement in South América: a programmatic approach. In:.GRENOBLE L. & WHALEY, L. J. (eds) *Endangered languages: language loss and community response*. Cambridge: Cambidge University Press, 124 – 159.

HALLE, MORRIS (1970). *Conceitos básicos da Fonologia.* Lemle, Miriam e Leite, Yonne (eds). Novas Perspectivas Lingüísticas. Petrópolis: Editora Vozes.

HYMAN, Larry M. (1975). *Phonology: Theory and analysis.* New York: Holt, Rinehart, and Winston.

HYMES, Dell (1974). *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Philadelphia Press.

JARDIM, Ricardo José Gomes (1847). *Creação da Directoria dos Índios na província de Matto Grosso* – officio dirigido ao Governo Imperial. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, I trimestre de 1847.

JELINEK, E. & A. Carnie. 2003. *Argument Hierarchies and the Mapping Principle*. Ms.

KENSTOWICZ, M. and KISSEBERTH, C. (1977). *Topics in phonological theory*. New York: Academic Press.

KRAUSS, Michael. (1992). *The world's languages in crisis.* Language 68, 4-10.

LEVERGER, Augusto (1846). *Diário do reconhecimento do rio Paraguay – desde a cidade de Assumpção, até o rio Paraná.* Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, II trimestre de 1862.

LOUKOTKA, Cestmir (1968). *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: Latin American Studies Centre.

MASON, J. Alden (1946). The languages of South American indians. In: STEWARD, J. H. (Editor). *Handbook of South American Indians*. Washington: Government Printing Office, 157 – 317.

MATTESON, E., WHEELER, A., JACKSON, F. L., WALTZ, N. E., CHISTIAN, D. R. (1972). *Comparative studies in Amerindian languages.* Mouton: The Hague, Paris.

METRAUX, Alfred (1946) Ethnography of the Chaco. In. STEWARD, J. H. (Editor) *Handbook of South American Indians. Washington*: Government Printing Office, 197 – 370.

MICHAELIS (1998). *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos.

NONATO, Rafael. 2007. *Verbal Movement, Case and Agreement.* Revista Abralin, vol 6, n. 1, 61-94

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (1976) *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

PAYNE, T.E. (1997). *Describing morphosyntax. A guide for field linguistis.* Cambridge: Cambridge University Press.

PIKE, K. (1947). *Fonemics: a technique for reducing languages to writting.* Ann Arbor: The University of Michigan Press.

RIBEIRO, Darcy (1968). *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda.

RODRIGUES, Aryon D. (1993). *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas.* Delta 9, 83 – 103.

RODRIGUES, Aryon D. (2005). *Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil*. São Paulo: Ciência e Cultura vol.57 número 2.

SANCHEZ LABRADOR (1910). *El Paraguay católico con sus principales provincias* convertidas a la Santa Fé y vasallaje del Rey de Espanha por la precicación de los misioneros celosos de la companhia de Jesús, en gran parte arruinada por los *mamelucos del Brasil y restabelecidas por los mismos misioneros*. Buenos Aires: Hermanos.

SANDALO, Filomena (1997). *A Grammar of Kadiweu* – with special reference to the polysynthesis parameter. MIT Occasional papers in linguistics, number 11

SANDALO, Filomena (2001). Morfologia. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.* São Paulo, Cortez Editora, 185 – 206.

SANDALO, Filomena (2004) Syntactic ergativity and person hierarchy in Kadiwéu. Revista da Abralin v. 3, n. 1 e 2, p. 177-194.

SANDALO, Filomena (2005). *Case and agreement: person hierarchy in Kadiwéu.* Estudos Lingüísticos, v. XXXIV, p. 44-58, 2005.

SCHADEN, Egon (1958) *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*. Coleção Vida Brasileira. São Paulo: Ministério de Educação e Cultura – Serviço de documentação, 61 – 72

SILVA, Aracy L. e GRUPIONI, Luís Donizete B.(Orgs.) (1995). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º. E 2º. Graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO.

SILVA, Giovani José e SOUZA, José Luís (2003). O despertar da fênix: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica kinikinau em MS. Sociedade e Cultura, v. 6, N. 2, julho/dezembro.

SOUTHEY, Robert. (1981 [1810]) *History of Brazil* . Trad.: Luís Joaquim de Oliveira e Castro. São Paulo: Editora da USP.

SPENCER, Andrew (1996) *Morphological Theory.* Cambridge: Blackwell Publishers Ltd.

STEINEN, Karl von den (1940) *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Departamento de Cultura.

STEWARD, J. H. (Editor) (1946 e 1963). *Handbook of South American Indians*. Washington: Government Printing Office.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle (1920 [1927]). *Dias de guerra e de sertão.* São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle (1931). *Entre nossos índios – Chanés, Terenas, Kinikinaus, Guanás, Laianas, Guatós, Guaycurus, Caingangs.* São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle (1960) *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora.

TOVAR, Antônio & TOVAR, C. L. (1984). *Catálogo de las lenguas de América del Sur:* con clasificaciones, indicaciones tipológicas, bibliografía y mapas (nueva edición refundida). Madrid: Editorial Gredos.

ZOLL, Cheryl (1998). *Parsing below the segment in a constraint-based framework*. CSLI Publications. Center for the Study of Language and Information. Stanford, California

ANEXOS

ANEXO 1

Neste anexo apresento uma lista de itens lexicais da língua kinikinau. A entrada é feita em escrita ortográfica, conforme tem sido adotada na escola da aldeia, seguida da transcrição fonética

A

ahakowoti	[a.ha.kɔ.wɔ.ti]	*correr*
ahaxikoati	[a.ha.ʃi.kwa.ti]	*acenar, chamar*
ahekexowoti	[a.hɛ.kɛ.ʃɔ.wɔ.ti]	*ler*
ahikapu	[a.hi.ka.pu	*perto*
ahikowoti	[a.hi.kɔ.wɔ.ti]	*banhar-se*
ahikoxowoti	[a.hi.kɔ.ʃɔ.wɔ.ti]	*afastar*
ahiku ahiku koe	[a.hi.ku a.hi.ku kɔɛ]	*movendo-se*
ahinoeti	[a.hi.nɔ.ɛ.ti]	*servo, peão*
aikoati	[a.i.kwa.ti]	*ralar*
aikowoti	[a.i.kɔ.wɔ.ti]	*vomitar*
akahai	[a.ka.ha.i]	*não dá fruto*
akaia	[a.ka.ja]	*fruta da região*
akakutipati	[a.ka.ku.ti.pa.ti]	*duvidar*
aké	[a.kɛ]	*semente, caroço de fruta*
akeneti	[a.kɛ.nɛ.ti]	*música*
akêti	[a.kɛː ti]	*munição*
ako	[a.kɔ]	*não, não tem*
ako aixoke	[a.ka a.i.ʃa.kɛ]	*feia*
ako aunati meum	[a.ka.u.na.ti mɛ.u)]	*temporal*
ako enja	[a.kɔ ɛ.nʒa]	*não sei*
ako ihi	[a.kɔ i.hɨ]	*cotó, sem cauda*
ako kâma	[a.kɔ kaː.ma]	*surdo, que não ouve*
ako peti	[a.ka.pɛ.ti]	*sem teto*
ako yuwâti	[a.kɔ ju.waː.ti]	*tudo bem*
alu'okoti	[a.lu.ʔɔ.kɔ.ti]	*subir*
ambupokope	[a.mbu.pɔ.kɔ.pɛ]	*meu nascimento*
amori	[a.mɔ.ɾi]	*neto*
amukaya	[a.mu.ka.ja]	*bocaiúva*
ana	[a.na]	*raiz*
anakehe	[a.na.kɛ.hɛ]	*cotia*
anane	[a.na.nɛ]	*inimigo*

anati	[a.na.ti]	*piolho, pulga*
aneeko	[a.nɛː.kɔ]	*está*
anêye	[a.nɛː.jɛ]	*está aqui*
anum anum	[a.nu)).a.nu)]	*raposa*
anuti	[a.nu.ti]	*pescoço*
anuwou	[a.nu.wɔ.u]	*pulso*
apahirikowoti	[a.pa.hi.ɾi.kɔ.wɔ.ti]	*escorregar*
apâka	[a.paː.ka]	*fígado*
apapuy	[a.pa.puy]	*caspa*
apayayna	[a.paj.aj).na]	*quando crescer*
ape	[a.pɛ]	*tem*
apene iwâti	[a.pɛ.nɛ i.waː.ti]	*acontecer*
apenowo	[a.pɛ.nɔ.wɔ]	*antigamente tinha*
apepe	[a.pɛ.pɛ]	*nascimento*
apeti keno	[a.pɛ.ti kɛː.nɔ]	*cera do ouvido*
apikoâti	[a.pi.kwaː.ti]	*soprar*
apiniku	[a.pi.ni.ku]	*ipê*
apuí'okowoti	[a.pu.i.ʔo.ko.wo.ti]	*rolar*
apurukoti	[a.pu.ɾu.kwa.'ti]	*cuspir*
apuykoati	[a.puy.kwa.ti]	*enganar*
aramapu ikoati	[a.ɾa.ma.pu i.kwa.ti]	*embrulhar*
aramuku	[a.ra.mu.ku]	*mosquito, mutuca*
araokoti	[a.ɾa.u.kɔ.ti]	*nadar*
araxaxakoati	[a.ɾa.ʃa.ʃa.kwa.ti]	*abraçar*
arine	[a.ɾi.nɛ]	*tumor, doença*
arumo	[a.ɾu.mo]	*piranha*
arunoy	[a.ɾu.nɔj]	*moça*
aruxukoati	[a.ɾu.ʃu.kwa.ti]	*morder, roer*
asisiko	[a.si.si.kɔ]	*nádega*
asurupi	[a.su.ɾu.pi]	*intestino, tripa*
ataporukowoti	[a.ta.pɔ.ɾu.kɔ.wɔ.ti]	*tropeçar*
atapurikoati	[a.ta.pu.ɾi.kwa.ti]	*dobrar*
ateeteti	[a.tɛː.tɛ.ti]	*ardido, azedo*
ati	[aː.ti]	*irmãozinho*
atu	[a.tu]	*leite, sumo, seiva*
atupirikowoti	[a.tu.pi.ɾi.kɔ.wɔ.ti]	*mexer*
au'okoti	[a.u.ʔɔ.kɔ.ti]	*moer*
auhixoati	[aw.hi.ʃwa.ti]	*torcer*
aukoti	[a.u.kɔ.ti]	*dar voltas*
aurixokokoti	[aw.ɾi.ʃɔ.kɔ.kɔ.ti]	*xingar*
âwa	[aː.wa]	*ficar*
awaina	[a.waj.na]	*talvez*

axaimo	[a.ʃaj.mɔ]	*vergonha*
axata	[a.ʃa.ta]	*enxada*
axiwanaka	[a.ʃi.na.wa.ka]	*dourado (peixe)*
axuina	[a.ʃuj.na]	*pouquinho*
axukoati	[a.ʃu.kwa.ti]	*esfregar*
ayahikowoti	[a.ja.hi.kɔ.wɔ.ti]	*acostumar*
ayakia	[a.ja.ki.a]	*testículo*
ayatokoti	[a.ja.tɔ.kɔ.ti]	*travesseiro*
aynowo	[aj.nɔ.wɔ]	*todos*
ayo	[a.jo]	*irmão dela*
ayuiti	[a.ju.i.ti]	*festa, comemoração*

E

ehakexowoti	[ɛ.ha.kɛ.ʃɔ.wɔ.ti]	*estudar*
ehehekoati	[ɛ.hɛ.hɛ.kwa.ti]	*raspar*
eherukoati	[ɛ.hɛ.ɾu.kwa.ti]	*erguer*
eherukoati	[ɛ.hɛ.ɾu.kwa.ti]	*carregar*
ehunôti une	[ɛ.hu.nɔː.ti ʔu.nɛ]	*enxurrada*
eiekou	[ɛ.jɛ.ko.u]	*notícia*
eiepu'exowoti	[e.je.pu.ʔɛ.ʃɔ.wɔ.ti]	*enrolar*
eiewoti	[ɛ.jɛ.wɔ.ti]	*alto, comprido*
eionoé	[ɛ.jɔ.nɔ.jɛ]	*formiga tocandira*
ekehokoti	[ɛ.kɛ.hɔ.kɔ.ti]	*quebrando*
ekewone	[ɛ.kɛ.wɔ.nɛ]	*acabou*
eko'okowoti	[ɛ.kɔ.ʔɔ.kɔ.wɔ.ti]	*machucar*
ekowoti	[ɛ.kɔ.wɔ.ti]	*rir, risada*
ekoxoâti	[ɛ.kɔ.ʃwaː.ti]	*enterrar*
eloketi okowo	[ɛ.lɔ.kɛ.ti ɔ.kɔ.wɔ]	*alegre, feliz*
em	[ɛ̃j̃	*sim*
emouti	[ɛ.mo.u.ti]	*fala, palavra*
emukaia	[ɛ.mu.ka.ja]	*coco*
emukaiakoxe	[ɛ.mu.ka.ja ko.ʃe]	*coqueiro*
eneati	[ɛ.nɛ.a.ti]	*miar, cacarejar*
enenexo' koyoy	[ɛ.nɛ.nɛ.ʃɔʔ kɔj. jɔj]	*do lado*
enepore	[ɛ.nɛ.po.ɾɛ]	*esta*
eno	[ɛ.nɔ]	*mãe*
êno	[ɛː.nɔ]	*bastante*
êno 'une	[ɛː.nɔ ʔu.nɛ]	*enchente*
êno uko	[ɛː.nɔ u.kɔ]	*chuvarada, dia chuvoso*

eno ya mômo	[ɛ̃.nɔ ȷ̃ɔ mõː.mɔ]	*barreiro*
enomea	[ɛ.nɔ.mɛ.a]	*talvez muito*
enomone	[ɛ.nɔ.mɔ.nɛ]	*isso mesmo*
enone	[ɛ.nɔ.nɛ]	*todas*
enoneti	[ɛ.nɔ.nɛ.ti]	*jardim, planta*
enowopeti	[ɛ.nɔ.wɔ.pɛ.ti]	*caneca, copo*
enowoti	[ɛ.nɔ.wɔ.ti]	*tomar, beber*
epe konutimone	[ɛ.pɛ.kɔ.nu.ti.mɔ.nɛ]	*com sede*
epekoati hemakati	[ɛ.pɛ.kwa.ti hɛ.ma.ka.ti]	*com fome*
epemoti	[ɛ.pɛ.mɔ.ti]	*esmolar, pedir, perguntar*
epeyokopeti	[ɛ.pɛ.wɔ.kɔ.pɛ.ti]	*sombra*
epo'e	[ɛ.pɔ.ʔɛ]	*bola*
esaí 'esaí ixokoko	ɛ.sa.i ʔɛ.sa.i ʔi.ʃɔ.kɔ.kɔ]	*permutar, trocar com*
esaikoati	[ɛ.sa.i.kwa.ti]	*trocar*
es'i	[ɛ.sa.ʔi]	*preço*
etakati	[ɛ.ta.ka.ti]	*bambu, taquara*
eteweti	[ɛ.tɛ.wɛ.ti]	*doce*
etiwa	[ɛ.ti.va]	*chaco*
etorukoró	[ɛ.tɔ.ɾu.ku.ɾɛ]	*caverna*
etoukwati	[ɛ.tow.kwa.ti]	*informar*
etoutikoti	[ɛ.θu.ti.kɔ.ti]	*floresta*
etuku	[ɛ.tu.ku]	*passageiro*
êuko	[eː u.kɔ]	*tio dele*
ewakaxu	[ɛ.wa.ka.ʃu]	*capivara*
ewêke	[ɛ.wɛː.ke]	*granizo*
ewerexe	[ɛ.wɛ.ɾɛ.ʃɛ]	*lontra, ariranha*
ewesekoti	[ɛ.wɛ.sɛ.kɔ.ti]	*descer, está descendo*
ewokowoti	[ɛ.wɔ.ko.wo.ti]	*perder*
exate	[ɛ.ʃa.tɛ]	*bacuri*
exetinati	[ɛ.ʃɛ.ti.naː.ti]	*história*
exeuke	[ɛ.ʃɛ uː.kɛ]	*pestana*
exoaimoti	[ɛ.ʃo.aj.mɔ.ti]	*obediente*
exoâti	[ɛ.ʃwaː.ti]	*descobrir, conhecer*
exoâti	[ɛ.ʃwaː.ti]	*fechar, trancar*
exoketi	[ɛ.ʃɔ.kɛ.ti]	*bonito*
exokwâti	[ɛ.ʃɔ.kwaː.ti]	*mostrar*
exone	[ɛ.ʃɔ.nɛ]	*conhecido*
exoti	[ɛ.ʃɔ.ti]	*manso*
eyekou	[ɛ.jɛ.ko.u]	*notícia que ele recebeu*
eyekowo	[ɛ.jɛ.kɔ.wɔ]	*alto (estatura)*
eyewoti	[ɛ.jɛ.wɔ.ti]	*comprido*

H

ha’ a	[ha.ʔa]	*pai*
ha’ i	[ha.ʔi]	*fruta*
hakêti	[ha.kɛː.ti]	*semente*
hama	[ha.ma]	*mancha*
hana ‘ iti	[ha.na.ʔi.ti]	*grande (aumentativo)*
hanavati	[ha.na.wa.ti]	*ventar*
handia	[ha.nde.a]	*melancia*
hapapa kiriti	[ha.pa.pa ki.ɾi.ti]	*nariz chato*
hapu’iti	[ha.pu.ʔi.ti]	*branco*
harakaka	[ha.ɾa.ka.ka]	*formiga boca- azeda*
harara’iti	[ha.ɾa.ɾa.ʔi.ti]	*vermelho*
hararake koe uune	[ha.ɾa.ɾa.kɛ kɔ.ɛ uu.nɛ]	*dor d’olho*
harumo	[ha.ɾu.mɔ]	*piranha*
hauveti	[haw.wɛ.ti]	*afiado*
haxa	[ha.ʃa]	*réstia*
haxakokoti	[ha.ʃa.kɔ.kɔ.ti]	*dividir*
haxakovoti	[ha.ʃa.kɔ.wɔ.ti]	*separar, repartir*
hay ‘o	[ɳαɸ./ɔ]	*ralador*
haytikoti	[haj.ti.kɔ.ti]	*arvore, mato*
he’ e	[hɛ.ʔɛ]	*capim*
he’ovane	[hɛ.ʔɔ.wa.nɛ]	*esconder*
heha’iti	[ha.ha.ʔi.ti]	*preto*
hehai	[hɛ.ha.i]	*ematoma*
hehaiine	[hɛ.ha.iː.nɛ]	*escurecer*
hehaketi	[hɛ.ha.kɛ.ti]	*pintar, abelha rainha,ruga*
hehekoti	[hɛ.hɛ.kɔ.ti]	*serrar*
heheti	[hɛ.hɛ.ti]	*feder, sentir cheiro*
heheti heve	[hɛ.hɛ.ti hɛ.wɛ]	*chulé*
heleketi	[hɛ.lɛ.kɛ.ti]	*preguiçoso*
hemomo	[hɛ.mɔː.mɔ]	*cipó*
heruketi	[hɛ.ɾu.kɛ.ti]	*carregar na mão*
heukoe ovoku	[hɛw.kɔɛ ɔ.wɔ.ku]	*em toda parte*
heukweti	[hɛw.kwɛ.ti]	*todo mundo*
heve	[hɛ.wɛ]	*pé*
heve tikoti	[hɛ.wɛ ti.kɔ.ti]	*pé de árvore*
heve uko	[hɛ.wɛ ʔu.ko]	*pé d’agua*
hevokovoti	[hɛ.wɔ.kɔ.wɔ.ti]	*raptar*
hîa’itina xe’exa tapi’i	[hi̦ː.a.ʔi.ti.na]	*clara do ovo*
hiaynukuti	[hi.aj.nu.ku.ti]	*ararinha*
hihaiti ‘ooti	[hi.ha.i.ti ʔɔː.ti]	*escuridão*
hihapiti	[hi.ha.pi.ti]	*rocha*

hihi	[hi,hi] ~ [hɨ.hɨ]	*bolo cozido, feito de mandioca*
hiipo	[hiː.pɔ]	*patas, esporas, unhas*
hikere	[hi.ke.ɾe]	*estrela*
hiko	[ŋɨ.ʁɔ]	*(indica plural)*
hikovoti	[hi.kɔ.wɔ.ti]	*rir*
hiokexoti	[hi.ɔ.kɛ.ʃɔ.ti]	*dançar*
hionono'iti	[hi.o.no.no.ʔi.ti]	*verde*
hipo	[hi.pɔ]	*cigarro*
hiporakwati	[hi.pɔ.ɾa.kwa.ti]	*semear*
hipoti	[hi.pɔ.ti]	*gavião*
hipoti hanana'iti	[hi.pɔ.ti ha.na.na.ʔi.ti]	*gavião grande*
hiriketi	[hi.ɾi.kɛ.ti]	*subida*
hirimititi	[hi.ɾi.mi.ti.ti]	*carrapato*
hiripipike	[hi.ri.pi.pi.ke]	*planta (a fruta era usada como sabonete)*
hiru	[hi.ɾu]	*cuspe, seiva, resina*
hitikiti	[hi.ti.ki.ti]	*moela*
hititikuti	[hi.ti.ti.ku.ti]	*afrouxar, estreito*
hiupakovo	[hiw.pa.kɔ.wɔ]	*saudade*
hîxo	[hiː.ʃɔ]	*vestido*
hixopâti	[hi.ʃɔ.paː.ti]	*experimentar*
hixopâti ûti	[hi.ʃɔ.paː.ti uː.ti]	*tentar (nos tentamos)*
hixopoti	[hi.ʃɔ.pɔ.ti]	*domar*
hiya'iti	[hi.ya.ʔi.ti]	*amarelo*
hiyo	[ŋɪ.ɸɔ]	*tampa, rolha*
ho'e	[hɔ.ɛ]	*peixe*
ho'e	[hɔː.ʔɛ]	*cinto*
ho'i	[hɔ.ʔi]	*mato*
ho'o	[hɔ.ʔɔ]	*caldo, sopa*
ho'o	[hɔ.ʔɔ]	*caldo*
ho'oopeno	[hɔ.ʔɔ.pɛ.nɔ]	*animal, bicho*
ho'openo	[hɔ.ʔɔ.pɛ,nɔ]	*animal*
hôe	[hɔ.ɛ]	*peixe*
hôí	[hɔː i]	*mato, escovar*
hokexo	[hɔ.kɛ.ʃɔ]	*barata*
hokexoti	[hɔ.kɛ.ʃo.ti]	*tossir*
hokokuti	[hɔ.kɔ.ku.ti]	*ponte, pinguela*
hokoti	[hɔ.kɔ.ti]	*trepadeira*
hokovoti	[hɔ.kɔ.wɔ.ti]	*correr*
hokuxoaati	[hɔ.ku.ʃwaː.ti]	*tocar*
hokuxoane	[hɔ.ku.ʃwãː.nɪ]	*espantou*
hokuxoti waka	[hɔ.ku.ʃɔ.ti wa.ka]	*borboleta*
homoehou	[hɔ.mɔ.hew]	*rapaz*
hono'e	[hɔ.nɔ.ĩ]	*tucano*
honokoku ôpe	[hɔ.nɔ.kɔ.ku ɔː.pɛ]	*junta dos dedos*

honokuati	[hɔ.nɔ.kwa.ti]	*bicar*
honono'iti	[hɔ.nɔ.nɔ.ʔi.ti]	*azul*
hononoi koiti	[hɔ.nɔ.nɔ.i kɔ.i.ti]	*ver*
hononokoti	[hɔ.nɔ.nɔ.kɔ.ti]	*tremer*
honowoti	[hɔ.nɔ.wɔ.ti	*vento*
hopêti	[hɔ.pɛː.ti]	*osso*
hopixoti	[hɔ.pi.ʃɔ.ti]	*convidar*
hopopowoti	[hɔ.pɔ.pɔ.wɔ.ti]	*jacutinga*
hoporo kexovoti	[hɔ.pɔ.ɾɔ kɛ.ʃɔ.wɔ.ti]	*torrado*
hopu'iti	[hɔ.pu.ʔi.ti]	*gema*
hopuxoti	[hɔ.pu.ʃɔ.ti]	*sonhar*
horikuati	[hɔ.ɾi.kwa.ti]	*estender*
hosa	[hɔ.sa]	*rosa*
hou	[hɔ.u]	*pluralizador*
houxo	[hɔw.ʃɔ]	*moita*
hoveneyna	[hɔ.wɛ.nɛ̃j̃.na]	*velha, idosa*
hovo	[hɔ.wɔ]	*bochecha*
howo'owo	[hɔ.wɔ.ʔɔ.wɔ]	*marimbondo*
howôti	[ɳo.ɯoː τɪ]	*machado*
hoyeno	[hɔ.jɛ̃.nɔ]	*homem, macho*
huaxuati	[hwa.ʃwaː.tɪ]	*ajudar, tomar conta*
huirikoati	[hwi.ɾi.kwa.ti]	*engolir*
hukôti	[hu.kɔː.ti]	*tecer*
huleketi	[hu.le.kɛ.ti]	*preguiça, espreguiçar*
hulou	[fu.luː.u]	*flor*
humikoti	[hu.mi.kɔ.ti]	*assoviar*
hunooti une	[hu.nɔː.ti]	*enxurrada*
hûrape	[huː ɾa.pɪ]	*mangueira*
hurepe	[hu.ɾɛ.pɛ]	*colher (nome)*
hurere	[hu.ɾɛ.ɾɛ]	*centopéia*
hurikoti	[hu.ɾi.kɔ.ti]	*sucuri*
huura	[huː.ɾa]	*barriga*
huveleleiti	[hu.we.le.lej.tɪ]	*liso*
huveó	[hu.wɛ.ʔɔ]	*rio*
hûxoe	[huːʃɔɛ] ~ [huː tʃɔ.e]	*música dele*
huyunae	[hu.yu.naɛ]	*anel*
herenopeti	[hɛ.ɾɛ.nɔ.pɛ.ti]	*laço*

I

iha	[i.ha]	*nome*
ihahokoti	[i.ha.hɔ.kɔ.ti]	*caçar*
ihaihoi tamuku	[i.haj.hɔj]	*cachorro do mato*

ihaikoti	[i.haj.kɔ.ti]	*grávida*
ihaivanuke	[i.haj.wa.nu.kɛ]	*Em cima*
ihakexovokuti	[i.ha.kɛ.ʃɔ.wɔ.ku.’ti]	*na escola*
ihakexuati	[i.ha.ke.ʃwaː.ti]	*explicar*
ihakoti	[i.ha.kɔ.ti]	*xingar*
ihaku ûne	[i.ha.ku]	*vasilha d’água*
ihaku ipaú hiko	[i.ha.ku i.pa.u hɨ.kɔ]	*coadeira*
ihakusene	[i.ha.ku.sẽ.nɪ]	*bexiga*
ihanakoti	[i.ha.na.kɔ.ti]	*quebrada*
ihapaho javau	[i.ha.pa.ho ja.wa.u]	*lesma*
ihapuxoti	[i.ha.pu.ʃɔ.ti]	*estufar*
iharôti	[i.ha.ɾɔː.ti]	*até amanhã*
iharôti	[i.ha.ɾɔː ti]	*amanhã*
ihawexawiti	[i.ha.wɛ.ʃa.wi.ti]	*visitar*
ihawexuaati	[i.ha.wɛ.ʃwaː.ti]	*afiar*
Ihaykati	[i.haj.ka.ti]	*infestar*
îhe	[iː.hɛ]	*seu nome*
ihewua’akapuku	[i.he.wu.a.ʔa.ka.pu.ku]	*apressar*
ihi	[ɨ.hɨ]	*rabo, cauda*
ihilakoti	[i.hi.la.kɔ.ti]	*riscar*
ihine	[i.hɨ.nɛ]	*filha dele*
ihinokoti	[i.hɨ.nɔ.kɔ.ti]	*furado*
ihitakoti omexione	[i.h.ta.kɔ.ti ɔ.mɛ.ʃiɔ.nɛ]	*suspirar*
ihixaykoati	[i.hɨ.ʃaj.kwa.ti	*ameaçar*
ihixoati	[i.hɨ.ʃwaː.ti]	*medindo, acender*
ihixoti	[i.hi.ʃɔ.ti]	*medir*
iho ‘o koe	[i.hɔ.ʔɔ kɔ.ɛ	*escorrer*
ihomujoti	[i.hu.mu.jo.ti]	*lixo, sujeira*
ihomuyo	[i.ho.mu.jɔ]	*corroer*
ihomuyo hoe	[i.ho.mu.jɔ hɔ.ɛ]	*escama do peixe*
ihumuioti hoxovo	[ho.ʃɔ.wɔ]	*moita*
iikakovoti	[i.ka.kɔ.wɔ.ti]	*amarrado*
iima	[iː.ma]	*marido*
iinati	[iː.na.ti]	*pesado*
ikakoati	[i.ka.kwaː.ti	*amar*
ikakowoti	[i.ka.kɔ.wɔ.ti]	*castigar*
ikapakoti waka	[i.ka.pa.kɔ.ti]	*mantear carne*
ikasaxowoti	[i.ka.sa.ʃɔ.wɔ.ti]	*esfriando*
ikaxa ‘iti	[i.ka.ʃa.ʔi.ti]	*fósforo*
ikehokoti	[i.kɛ.hɔ.kɔ.ti]	*perna (da cadeira)*
ikene	[i.kɛ.nɛ]	*atrás*

ikokowati	[i.kɔ.kɔ.wa.ti]	*balançar*
ikokuti	[i.kɔ.ku.ti]	*poço*
ikorokovoti	[i.kɔ.ɾɔ.kɔ.wɔ.ti]	*cair, escorregar*
ikorokuati	[i.kɔ.rɔ.ku.aː.ti]	*deixar cair, derrubar*
îma	[iː.ma]	*marido dela*
imâti xopowo	[i.maː.ti ʃo.po.wo]	*carregar nas costas*
imaxowoti	[i.ma.ʃo.wo.ti	*enjoar*
îmo xorono	[iː mɔ ʃɔ.ɾɔ.nɔ]	*alça da panela*
imokiatine	[i.mɔ.kja.ti.nɛ]	*dorminhoco*
imoko'oxoti	[i.mɔ.kɔ.ʔɔ.ʃɔ.ti]	*chocar*
imokokuti	[i.mɔ.kɔ.ku.ti]	*cama*
imokoti	[i.mɔ.kɔ.ti]	*dormir, deitar*
imokoti 'okovo	[i.mɔ.kɔ.ti ʔɔ.kɔ.wɔ]	*muito feliz*
imokovoti	[i.mɔ.kɔ.wɔ.ti]	*cantar*
imôum	[i.moː.ũ]	*barulho*
imoxuko	[i.mɔ.ʃu.kɔ]	*sogro dela*
imuyukoti	[i.mu.ju.kɔ.ti]	*apodrecer*
îna xapa	[iː.na ʃa.pa]	*amigo dela*
inamati	[i.na.ma.ti]	*novo*
inixope	[i.ni.ʃɔ.pɛ]	*íris*
inixuâti	[i.ni.ʃwaː.ti]	*enxergando*
inoma'ixoati	[i.nɔ.ma.ʔi.ʃwa.ti]	*topar*
îoti	[iː.ɔ.ti]	*choro*
ipehoati xopowo	[i.pe.hu.aː.ti ʃo.po.wo]	*carregar no ombro*
ipihopo nowokuti	[i.pi.hɔ.pɔ nɔ.wɔ.ku.ti]	*inferno*
ipikiriri	[i.pi.ki.ɾi.ɾi]	*cigarra*
ipikoâti	[i.pi.kwaː.ti]	*salvar*
ipikoti xâne	[i.pi.kɔ.ti ʃaː.nɛ]	*vulto, que dá medo*
ipikowoy	[i.pi.kɔ.wɔj]	*arco-íris*
ipixa koexoe	[i.pi.ʃa kɔj.ʃɔj]	*melão de são caetano (fruta)*
ipixaxowoti	[i.pi.ʃa.ʃo.wo.ti]	*curar*
ipixokone	[i.pi.ʃɔ.kɔ.nɛ]	*pétala*
ipoho koe kaxe	[i.pɔ.hɔ kɔ.ɛ ka.ʃe]	*jararaca*
ipohoane	[i.po.hu.a.ni]	*colocar*
ipohokowoti	[i.pɔ.hɔ.kɔ.wɔ.ti]	*irado*
ipohoti	[i.pɔ.hɔ.ti]	*pôr*
ipokowoti	[i.pɔ.kɔ.wɔ.ti]	*apagar, mudar*
iponukoti	[i.po.nu.kɔ.ti]	*socar*
iposi 'okowoti	[i.pɔ.si.ʔɔ.kɔ.wɔ.ti]	*procurar*

ipowoti	[i.pɔ.wɔ.ti]	*roupa*
ipuhokovoti	[i.pu.hɔ.kɔ.wɔ.ti]	*aparecer*
ipuhukoati	[i.pu.hu.kwa.ti]	*sair*
ipuhukoti	[i.pu.hu.ko.ti]	*nascer, parecer*
ipukoâti	[i.pu.kwaː.ti]	*pagar*
ipukope	[i.pu.kɔ.pɛ]	*borracha*
ipuxorone	[i.pu.ʃɔ.ɾɔ.nɛ]	*brotou*
ipuxowoti	[i.pu.ʃo.wo. ti]	*montado*
irikoati	[i.ɾi.ko.aː.ti]	*escapar*
irumekoti	[i.ru.mɛ.kɔ.ti]	*aceso*
iruti	[iː.ɾu.ti]	*cupim*
isa'i 'oxowoti	[i.sa.i ʔɔ.ʃɔ.wɔ.ti]	*atrevido*
isokoti	[i.sɔ.kɔ.ti]	*disputar*
isokovoti	[i.so.kɔ.wɔ.ti]	*bater*
isoneti	[i.so nɛ.ti]	*roça*
isoneum	[i.sɔ.nɛũ]	*pensamento*
isoneum 'okowoti	[i.sɔ.nɛũ ʔɔ.kɔ.wɔ.ti]	*triste*
isôti	[i.sɔː.ti]	*capinar*
isukenoti	[i.su.kɛ.nɔ.ti]	*valente*
isukokoti	[i.su.kɔ.kɔ.ti]	*brigar, guerrear*
Isukoti wo'u	[i.su.kɔ.ti wɔ.u]	*Bater palma*
itamikoti	[i.ta.mi.kɔ.ti]	*pingar*
itapa	[i.ta.pa]	*espinha*
itâvane	[i.taː.wa.nɛ]	*curva*
itavati	[i.ta.wa.ti]	*sarar*
itixo koyene	[i.ti.ʃɔ kɔ.jɛ.nɛ]	*no meio*
itixoâti	[i.ti.ʃwaː.ti]	*juntar, amontoar*
itomikexoti	[i.to.mi.ke.ʃɔ.ti]	*chuviscar*
itoreati	[i.tɔ.re.aː.ti]	*derreter*
itoti'okovoti	[i.tɔ.ti ʔɔ.kɔ.wɔ.ti]	*reclamar*
itowoti	[i.tɔ.wɔ.ti]	*maduro*
Ituko xexati isoneum	[i.tu.kɔ ʃɛ.ʃa.ti i.sɔ.nɛ.ũ]	*apaixonado*
itukoâti	[i.tu.kwaː.ti	*fazer, poder,reagir*
itukone'ipau	[i.tu.kɔ.nɛ.ʔi.pa.ˈu]	
itukopoti 'oe	[i.tu.kɔ.pɔ.ti ʔɔ.ɛ]	*dentadura*
itukoti	[i.tu.kɔ.ti]	*praticar*
Itukoti heve	[i.tu.kɔ.ti hɛ.wɛ]	*calçar*
itukoti ipowoti	[i.tu.kɔ.ti i.pɔ.wɔ.ti]	*fazendo roupa*
itukoti isoneum	[i.tu.kɔ.ti i.sɔ.nɛ.ũ]	*infeliz*

itukotimo ênoti takune	[i.tu.kɔ.ti.mɔ ɛ:.nɔ ta.ku.nɛ]	*canavial*
itukovoti kasatu	[i.tu.kɔ.wɔ.ti ka.sa.tu]	*casar*
itukuati xaynayna	[i.tu.kwa.ti ʃaj,naj.na]	*aniversariar*
itumutia xopeti	[i.tu.mu.tja.ʃɔ.pɛ.ti]	*cumeeira*
iuponiti	[ju.pɔ.ni.ti]	*de manhã*
iutokoti kêno	[ju.tɔ.kɔ.ti kɛ.nɔ]	*dor de ouvido*
iuwokowo koe	[ju.wɔ.kɔ.wɔ kɔ.ɛ]	*amortecido*
iuwokowoti	[ju.wɔ.kɔ.wɔ.ti]	*morrer*
ivirikoati	[i.wi.ɾi.kwa:.ti]	*remar*
iwahakowoti	[i.wa.ha.kɔ.wɔ.ti]	*coçar*
iwatakoati	[i.wa.ta.kwa.ti]	*sentar*
iwokopeti	[i.wɔ.kɔ.pɛ.ti]	*arco*
iwokowoti	[i.wɔ.kɔ.wɔ.ti]	*atirar*
iwope	[i.wɔ.pɛ]	*piranha*
iwoxoati	[i.wɔ.ʃwa:.ti]	*mirar*
ixate	[i.ʃa.tɛ]	*bacuri*
ixe ûke	[i.ʃɛ u:.kɛ]]	*cílio*
ixe'o su'uso	[i.ʃɛ.ʔɔ su.ʔu.sɔ	*lã do carneiro*
ixenoyo	[i.ʃɛ.nɔ.jɔ]	*barba*
ixikiri	[i.ʃi.ki.ɾi]	*bigode*
ixoati	[i.ʃwa:.ti]	*imitar, implicar,*
ixomone	[i.ʃɔ.mɔ.nɛ]	*estar/ estava*

K

ka'akoati	[ka.ʔa.kwa.ti]	prender
ka'i	[ka.ʔi]	macaco
kahakoati	[ka.ha.kwa.ti]	arrastar
kahâti	[ka.ha:.ti]	gostar, aceitar
kahawoti	[ka.ha.wɔ.ti]	cavalete
kahawoti nakûko	[ka.ha.wɔ.ti na.ku:.kɔ]	esteio da casa
kahikapu	[ka.hi.ka.pu]	próximo
kahikapu	[ka.hi.ka.pu]	espanto
kaimai iti	[kaj.ma. ʔi.ti]	perigoso, feio
kâke	[ka:.kɛ]	brinco
kali huti	[ka.li hu.ti]	pequeno (diminutivo)
kali huti hoe	[ka.li hu.ti ho.ɛ]	peixinho
kali keti yuku	[ka.li kɛ.ti u.ku]	graveto
kali nutawá	[ka.li nu.ta.wa]	garnisé (galo)

kali ovoi	[ka.li ɔ.wɔj]	joaninha
kalianini	[ka.li.a.ni.ni]	quase
kalihu koe	[ka.li.hu kɔ.ɛ]	menos, est'a pequeno
kalisoti	[ka.li.so.ti]	fino
kalivôno	[ka.li.wɔː.nɔ]	criança
kâme	[kː.mɛ]	abóbora
kamo	[ka.mɔ]	cavalo
kamokeno koyene	[kɔ.mɔ.kɛ.nɔ kɔ.jɛ.nɛ]	desconfiou
kamokoyne	[ka.mɔ.kɔj.nɛ	escutou
kané	[ka.nɛ]	bicho da goiaba, berne
kane vituka	[ka.nɛ.wi.tu.ka]	berne
kaneneti	[ka.nɛ.nɛ.ti]	mentiroso
kaneti	[ka.nɛ.ti]	verme, coró
kapasi	[ka.pa.si]	nuvem
kapasikoti	[ka.pa.si.kɔ.ti]	pisar
kapaxaka	[ka.pa.ʃa.ka]	abrir
kapehapati	[ka.pɛ.ha.pa.ti]	assombração, alma, espírito
kapehapati ngapehapatina	[ŋga.pɛ.ha.pa.ti.na]	minha alma
kapixekoane uke	[ka.pi.ʃɛ.kwa.nɛ uː.kɛ]	abriu os olhos
kapuhaikepeti	[ka.pu.haj.kɛ.pɛ.ti]	mirar
kapuhaikopeti	[ka.pu.haj.kɔ.pɛ.ti]	resolver
karahamuti	[ka.ɾa.ha.mu.ti]	rouco, sem voz
karakará	[ka.ɾa.ka.ɾa	baitaca
karamake 'eti	[ka.ɾa.ma.kɛ.ʔɛ.ti]	relho
karapê	[ka.ɾa.pɛː]	baixo
karineti	[ka.ɾi.nɛ.ti]	doente, adoecer
kasahɨ koe	[ka.sa.hɨ kɔɛ]	brisa
kasai 'ixokokone	[ka.sa.i.ʔi.ʃɔ.kɔ.kɔ.nɛ]	estranhar
kasamee koene meum	[ka.sa.mɛː kɔ.ɛ .ne mɛ.ũ]	inverno
kasasa 'ikoti pâho	[ka.sa.sa ʔikɔ.ti paː.hɔ	escovar os dentes
kásati	[ka.sa.ti]	frio, esfriar
kasaxo koe	[ka.sa.ʃɔ kɔ.ɛ	arrepiar
kasaxoti	[ka.sa.ʃɔ.ti]	sentir frio
kasayuxoane	[ka.sa.ju.ʃo.a.nɛ]	estragou
kasiana	[ka.si.a.na]	ter pena
katipakoati	[ka.ti.pa.kwa.ti]	despertar
katipakwâti	[ka.ti.pa.kwa.ti]	amassar, apertar, espremer
katipâti	[ka.ti.paː.ti]	acreditar
katipe	[ka.ti.pɛ]	cacos de tijolo
katirina	[ka.ti.ɾi.na]	ter nojo
katirinâ koye akokomoyke	[ka.ti.ɾi.na kɔ.jɛ a.kɔ.kɔ.m	aborrecer

	ɔj.kɛ]	
katiukoane	[ka.ti.u.kwa.nɛ]	endurecer
katoi’inakoati	[ka.tu.i .ʔi.na.kwa.ti]	introduzir
kauha’ixoti	[kaw.ha.ʔi.ʃɔ.ti]	varrer
kaunakopowoti	[kaw.na.kɔ.pɔ.wɔ.ti]	consertar
kaunakowoti	[kaw.na.kɔ.wɔ.ti]	arrumar
kaunakuati	[kaw.na.kwaː.ti]	guardar
kaunati meum	[kaw.na.’ti mɛ.ũm]	temporal
kaunati xokono	[kaw.na.’ti ʃɔ.kɔ.’nɔ]	enganado
kavaane	[ka.waa.nɛ]	roça, lavoura
kâvo	[kaː.wo]	sabão
kaxa koe	[ka.ʃa kɔ.ɛ]	separado
kaxakoati	[ka.ʃa.kwa.ti]	apartar
kaxe	[ka.’ʃɛ]	dia, sol
kaxu’ine	[ka.ʃu.ʔi.nɛ]	pouco caso
kaxuinakoati	[ka.ʃu.i.na.kwa.ti]	aumentar
kaxunakovoti	[ka.ʃu.na.kɔ.wɔ.ti]	fazer força
kayma’iti	[kaj.ma.ʔi.ti]	casado
kaymay ‘iti	[kaj.ma.ʔi.ti]	feio, perigoso
ke’ ixate	[kɛ.ʔi.ʃa.tɛ]	castanha
ke’exoane	[kɛ.ʔɛ.ʃwa.nɛ]	coube
ke’exuane	[kɛ.ʔi.ʃwa.nɛ]	terminar
ke’u	[kɛ.ʔu]	pênis
kehi	[kɛ.’hɨ]	mosquitinho, borrachudo
kehokoati	[kɛ.hɔ.kwa.ti]	quebrar
kehokoti	[kɛ.hɔ.kɔ.ti]	cavar
kêke	[kɛː.kɛ]	em baixo
kelemetete	[kɛ.lɛ.mɛ.tɛ.tɛ]	calango
keno ‘okoe	[kɛ̃.nɔ.ʔɔ.kɔ.ɛ]	talvez
keno murika	[kɛ̃.nɔ mu.ɾi.ka]	mula
keno’okone	[kɛ.nɔ.ʔɔ.kɔ.nɛ]	vir
kenôti	[kɛ.nɔː.ti]	orelha
keoweti	[kɛ.ɔ.wɛ.ti]	defecar
ketihe	[kɛ.ti.hɛ]	carrapatinho
keunaka	[kɛ.u.na.ka]	guardado
kevîti	[kɛ.wiː.ti]	abanico
kevôti ‘uko	[kɛ.wɔː.ti ʔuː.kɔ]	chover
kiakaxe	[ki.a.ka.ʃe]	tarde, ontem
kiakaxe	[ki.a.ka.ʃe]	pôr do sol
kiakaxe	[ki.a.ka.ʃe]	tarde
kiatiné kaxe	[kja.ti.’nɛ ka.ʃe]	à tarde

kihepakexo	[ki.he.pa.kɛ.tʃɔ]	perdiz
kihoâti	[ki.hwaː.ti	enxugar
kihokovoti uhoro	[ki.hɔ.kɔ.wɔ.ti u.hɔ.ɾɔ]	sepultar
kilikili	[ki.li.ki.li]	periquito
kimoum	[ki.mo.ũm]	queixada
kínati	[kii.na.ti]	gordo
kinoxowo kowowoku	[ki.nɔ.ʃɔ.wɔ kɔ.wɔ.wɔ.ku]	quintal
kionekaxe	[ki.ɔ.nɛ.ka.ʃe]	entardecer
kipa'e	[ki.pa.'ʔɛ]	ema
kipahy	[ki.pa.hɨ]	guarda-chuva
kipohane	[ki.pɔ.ha.nɛ]	escovou
kipohati	[ki.pɔ.haː.ti]	lavar
kipohati po'u	[ki.pɔ.haː.ti pɔ.ʔu]	lavar roupa
kipohati ûto	[ki.pɔ.haː.ti ʔuː.tɔ]	lavar os pratos
kipoho kinoti	[ki.pɔ.hɔ ki.nɔ.ti]	pássaro (cafezinho)
kipohowoti	[ki.pɔ.hɔ.wɔ.ti]	lavado
kipowo uxowoti	[ki.pɔ.wɔ ʔu.ʃɔ.wɔ.ti]	lavar as mãos
kiri	[ki.ɾi]	bico, focinho
kiriiu	[ki.ɾii.'u]	rolinha
kiripohu	[ki.ɾi.po.hu]	ponta
kiripuru	[ki.ɾi.pu.'ɾu]	demônio
kititihou	[ki.ti.ti.ho.u]	perdiz
ko 'ê	[ko.ʔeː]	batata-doce
ko'eru	[kɔ.ʔɛ.'ɾu]	papagaio
ko'ikoâti	[kɔ.ʔi.kwaː.ti]	debulhar
ko'oyene	[kɔ.ʔɔ.jɛ.nɛ	agora
koeio	[ko.'ɛj.jɔ]	caramujo da água
koekuti	[kɔj.ku.ti]	qualquer coisa - coisa
koepehápati	[kɔ.ɛ.pɛ.ha.pa.ti]	espírito, fantasma
koepekenoti	[kɔj.pɛ.ke.nɔ.ti]	'assassino'
koepekenoti	[[kɔɛ.pɛ.kɛ.nɔ.ti]	assassino
koexoena	[kɔj.ʃɔj.'na	cobra dele
koexoena 'uné	[kɔj.ʃɔj.'na ʔu.'ne]	cobra da água
kohamuyoti	[kɔ.ha.mu.jo.ti]	sujar
kohe'e	[kɔ.hɛ.'ʔɛ]	lua, mês
kohino exopeti kafé	[ko.hi.no ɛ.ʃɔ.pɛ.ti]	coador
kohinokexoti noneti	[kɔ.hi.nɔ.kɛ.ʃɔ.'ti nɔ.nɛ.'ti]	carancho
kohixoti	[kɔ.hi.ʃɔ.ti]	vestir
koho	[ko.ho]	tuiuiú
kohoa	[ko.ho.a]	batata do pé

kohoixuane	[kɔ.hɔ.ʔi.ʃwã.nɛ]	existir
kohokoati	[kɔ.hɔ.kwa.ti]	despejar
kohoneti eambone	[ko.ho.nɛ.ti ẽː mbo.nɛ]	‘minha dor’
kohote	[ko.hoː tɪ]	‘chapa de fazer beiju’
kohôxu	[ko.ho.tʃu]	chapa de fazer beiju, tacho
kohu kohiutine	[ko.hu kɔ.hi.ʔu.ti.nɛ]	florescer
kohui hiti	[kɔ.hu.i hɨ.ti]	‘bêbado’
kohuinokoati	[ko.hu.i.nɔ.kwa.ti]	furar
kohupikoti	[kɔ.hu.pi.kɔ.ti]	abanar, apalpar
koixehoti	[kɔj.ʃɛ.hɔ.’ti]	taturana
koixoi	[kɔj.’ʃɔj]	cobra
kokuati unako	[kɔ.kua.ti u.na.kɔ]	
kokuti	[kɔ.ku.ti]	qualquer
kokwati urako		
komititi	[kɔ.mi.ti.ti]	cego
komohiati	[kɔ.mɔ.hɨ.aː.ti]	judiar
komohikenoti	[kɔ.mɔ.hɨ.kɛ.nɔ.ti]	‘brincalhão’
komohiti	[kɔ.mɔ.hɨ.ti]	brincar, enganar-se, caçoar
komokeynoati	[kɔ.mɔ.kɛj.no.a.ti]	ouvir, escutar
komomati, komomoti	[kɔ.mɔ.ma.ti]	observer, olhar
komoro’iti nône	[kɔ.mɔ.ɾɔ.ʔi.ti nɔː.nɛ]	careta
konokwati	[kɔ.nɔ.kwa.ti]	precisar
kononuati	[ko.no.nu.a.ti]	trair
konoum	[ko.no.ũ]	coelho
konoxo xopone	[kɔ.nɔ.ʃɔ ʃɔ.pɔ.nɛ]	destampar
konoxuati	[kɔ.nɔ,ʃwa.ti]	fechar, entupir
konuxovoti	[kɔ.nu.ʃɔ.wɔ.’ti]	fechado
koperaxoti	[kɔ.pe.ra.ʃɔ.ti	cobrar
kopitokovone	[kɔ.pi.tɔ.kɔ.wɔ.nɛ]	pulou
kopiyé	[kɔ.pi.’jɛ]	tatu
kopooâti	[kɔ.pɔ.waː.ti]	vazia
kopororohiti	[kɔ.pɔ.ɾɔ.ɾɔ.hɨ.ti]	adoçado
kopororoiti	[kɔ.pɔ.ɾɔ.ɾɔ i.ti]	adoçado
kopoxokoati	[kɔ.pɔ.ʃɔ.kwaː.ti]	abrir
kopoxokopeti lata	[kɔ.pɔ.ʃɔ.kɔ.pɛ.ti]	abridor
kopuhixoane	[kɔ.pu.hɨ.ʃwa.nɛ]	encher
kopuinu koe	[kɔ.pu.i.nu kɔɛ]	misturado
koputukoati	[kɔ.pu.tu.kwa.ti]	abotoar
koputukoti	[kɔ.pu.tu.kɔ.ti]	botar ovo
kopuxoti	[kɔ.pu.ʃɔ.ti]	suado

koripo	[kɔ.ɾi.pɔ]	rápido
korokovoti	[kɔ.ɾɔ.kɔ.wɔ.ti]	‘caído’
korokowoti	[kɔ.ɾɔ.kɔ.wɔ.ti]	caído
koropokoti	[kɔ.ɾɔ.pɔ.kɔ.ti]	ferver
kosiu	[kɔ.si.u]	formiga
kotepaka	[kɔ.tɛ.pa.ka]	pacu
kotikoti	[kɔ.ti.kɔ.ti]	espremer
kotive heti	[kɔ.ti.wɛ hɛ.ti]	‘azedo’
kotiveti	[kɔ.ti.wɛ.ti]	doer
kotivone	[kɔ.ti.wɔ.nɛ]	agradeceu
kotiwe heti	[kɔ.ti.wɛ.hɛ.ti]	azedo
kotiwe pâti	[kɔ.ti.wɛ.paː.ti]	arder
kotixuâti	[kɔ.ti.ʃwaː.ti]	acudir
kotohinikoati	[kɔ.tɔ.hɨ.ni.kwa.ti]	desmanchar
kotôpi koyku	[kɔ.tɔː pi kɔj.ku]	‘complicado
kotopokoko	[kɔ.tɔ.pɔ.kɔ.kɔ]	coruja
kotukoti	[kɔ.tu.kɔ.ti]	tirar leite da vaca
koturi kovokenoti	[kɔ.tu.ɾi kɔ.wɔ.kɛ.nɔ.ti]	‘biguento’
koturikokoti	[kɔ.tu.ɾi.kɔ.kɔ.ti]	discutir
kotuti	[kɔ.tu.ti]	quente
Kotuti muyo	[kɔ.tu.ti mu.jɔ]	febril
kotuxoti	[kɔ.tu.ʃɔ.ti]	suar
koveko	[kɔ.wɛ.kɔ]	caititu
koxerekutiane	[kɔ.ʃɛ.ɾɛ.ku.ti.a.nɛ]	encostar
koxo’oketi	[kɔ.ʃɔ.ʔɔ.kɛ.ti]	barata
koxovo nekoti poke’e	[kɔ.ʃɔ.wɔ nɛ.kɔ.’ti po.kɛ.’ʔɛ]	fazer buraco
koxu’inakoati	[kɔ.ʃu.ʔi.na.kwa.ti]	possuir
koyene xeo koye	[kɔ.je.nɛ ʃɛ.ʔɔ kɔ.jɛ]	parado
koyku	[kɔj.ku]	jeito
koymayti	[kɔj.ma.i.ti]	feio
koyo nukovoti	[kɔ.jɔ nukɔ.wɔ.ti]	acalmar
koyonoati	[kɔ.jɔ.nwaː.ti]	cuidar, zelar
koypekoti	[kɔj.pɛ.kɔ.ti]	matar
koytuketi	[kɔj.tu.kɛ.ti]	trabalhar
koyu orixou	[kɔ.ju ɔ.ɾi.ʃɔ.u]	índio valente (terena)
koyuhopeti	[kɔ.ju.hɔ.pɛ.ti]	Papel, livro
koyuhoti	[kɔ.ju.hɔ.ti]	conversar, falar, mereer
koyxokwati	[kɔj.ʃɔ.kwa.ti]	amansar
koyxoneti	[kɔj.ʃɔ.nɛ.ti]	inteligente, sabido

kuatimon	[kwa.ti.mõ]	ter certeza
kueu	[kwɛu]	no meio, dentro
kuime koe meum	[kuj.mɛ kɔ.ɛ mɛ.ũ]	dia abafado
kukuke	[ku.ku.ke]	No meio
kumãa	[ku.mãː]	pinga (aguardente)
kûre	[kuːɾɛ]	porco
kurikoati	[ku.ɾi.kwa.ti]	deixar, jogar, larger, soltar
kurikopone maka	[ku.ɾi.kɔ.pɔ.nɛ ma.ka]	devolver
kurikovo ongovo	[ku.ɾi.ko.wo õ.ŋgo.wo]	lembrar
kurikuati ongonvo	[ku.ɾi.kwa.ti õ.ŋgo.wo	estou sentindo saudade
kuruhoi	[ku.ɾu.hɔj]	fumaça
kuruhu koe	[ku.ru.hu kɔ.ɛ]	curvado
kusôti	[ku.soː.ti]	nervo
kutapera	[ku.ta.pɛ.ɾa]	irara papa-mel
kuteane	[ku.te.ã.nɛ]	simples
kutepaka	[ku.tɛ.pa.ka]	pacu
kuti kokone	[ku.ti.kɔ.kɔ.nɛ]	igual
kutihi'e	[ku.ti hɨ.ʔɛ]	sapé
kutipâti	[ku.ti.paː.ti]	confiar
kutôpinika	[ku.tɔ.pi.ni.ka]	viciada
kuxuati	[ku.xwa.ti]	esperar
kwâti	[kwaː.ti]	verdade

L

lapa 'iti	[la.pa.ʔi.ti]	*fino*
lapahiti	[la.pa.hi.ti]	*transparente*
lapâpe	[la.paː.pe]	*beiju*
lavona	[la.wɔ.na]	*lagoa*
leele	[lɛɛ.le]	*irmão mais velho*
lêhu	[lɛː.hu]	*lenço*
loho voyokore	[lo.ho wo.jo.ko.re]	*bagre*
lomiti	[lo.mi.ti]	*vagalume*
loro	[lɔ.ɾɔ]	*caranguejo*
lumingu	[lu.mi.ngu]	*domingo*
luminguke	[lu.mi.ngu.ke]	*domingo que vem*
lupinone	[lu.pi.nɔ.nɛ]	*traíra*
luupi	[luː.pi]	*lagartixa*

M

manakoti	[ma.na.kɔ.ti]	*descascar,*
manakovoti	[ma.na.kɔ.wɔ.ti]	*descascado*
manapixovoti	[ma.ni.pi.ʃɔ.wɔ.ti]	*escandalosa*
mapikavati	[ma.pi.ka.wa.ti]	*evitar*
mara'o	[ma.ɾa.ʔɔ]	*para tudo (planta)*
marara'iti	[ma.ɾa.ɾa.ʔi.ti]	*vermelho*
marekuati	[ma.ɾe.kwa.ti]	*arrancar*
mareso	[ma.ɾe.so]	*corda*
mariipa	[ma.ɾii.pa]	*areia, terra*
maripixovoti	[ma.ri.pi.ʃo.wo.ti]	*depenado*
maripixuati 'ixe'o	[ma.ri.pi.ʃo.wo.ti i.ʃɛ.ʔo]	*depenar*
mataxowoti	[ma.ta.xo.wo.ti]	*está cheio*
maxatiti	[ma.ʃa.ti.ti]	*egoísta*
mayanekamo	[majanekamo]	*anta*
mayanetikua	[ma.ja.nɛ.ti.kwa]	*tamanduá-mirim*
mayapeno	[ma.ja.pɛ.nɔ]	*kadiwéu*
mekuke	[mɛ.ku.ke]	*no passado, antigamente*
mekune	[mɛ.ku.nɛ]	*faz horas*
metakiku	[mɛ.ta.ki.ku]	*anjico*
meum	[mɛ.ũ]	*campo,mundo,tempo*
meya koyne yooti	[me.ja kɔj.nɛ i.jɔː.ti]	*meia-noite*
mikika	[mi.ki.ka]	*puxe*
mikuheati	[mi.ku.he.aa.ti]	*relampejar*
mikukuane	[mi.ku.kwa.nɛ]	*agarrado*
mikukuati	[mi.ku.kwa.ti]	*puxar*
mitaketi	[mi.ta.ke.ti]	*grudento*
mixa'ixua	[mi.ʃa.ʔi.ʃwa]	*despedaçou*
mixakixoti	[mi.ʃa.ki.ʃɔ.ti]	*picar*
mixaxakuati	[mi.ʃa.ʃa.kwa.ti]	*beliscar*
mixexakovoti	[mi.ʃe.ʃa.ko.wo.ti]	*arranhar*
mohikwnoti	[mɔ.hi.kɛ.na.ti]	*brincadeira*
moim	[mɔ.ĩ]	*moranga*
mokere	[mɔ.kɛ.ɾɛ]	*bobo, mudo, surdo*
mokexa	[mɔ.kɛ.ʃa]	*irmã dele*
mokexa	[mɔ.kɛ.ʃa]	*irmã*
moko	[mɔ.kɔ]	*ninho*
moko kosiu	[mɔ.kɔ kɔ.si.u]	*formigueiro*
mokohoi	[mɔ.kɔ.hɔ.i]	*jaó*
mokoyne	[mɔ.kɔj.nɛ]	*mugir*
momiti	[mɔ.mi.ti]	*cansado*

momo'o	[mɔ.mɔ.ʔɔ̃]	*palmito*
momokoti	[mɔ.mɔ.kɔ.ti]	*latir*
momoteye	[mɔ.mɔ.tɛ.jɛ]	*sujo embarreado*
mõnguexa	[mə̃.nge.ʃa]	*minha irmã*
monike	[mɔ.ni.kɛ]	*brasa (carvão???)*
mopo'e	[mɔ.pɔ.ʔɛ]	*pedra*
mopo'u	[mɔ.pɔ.ʔu]	*paineira*
mopoyene	[mɔ.pɔ.jɛ.nɛ]	*serra*
mopoyna parukoti	[mɔ.pɔj.na pɔ.ɾu.kɔ.ti]	*raio*
mopoyna vanuke	[mɔ.pɔj.na wa.nu.kɛ]	*raio*
mopo	[mɔ.pɔ]	*mel*
mopu'ati /mopoaxo	[mɔ.pu.ʔa.ʃɔ]	*três*
morekoati	[mɔ.ɾɛ.kwa.ti]	*arrancar*
mote	[mɔ.tɛ]	*argila*
motoke	[mɔ.tɔ.kɛ]	*casca, couro, pele*
motoke heve	[mɔ.tɔ.kɛ hɛ.wɛ]	*sola do pé*
motoru	[mɔ.tɔ.ɾu]	*casca de anjico*
motoru puiti	[mɔ.tɔ.ɾu.pu.ʔi.ti]	*toco*
motoyne	[mɔ.tɔj.nɛ]	*lábios*
mou'iti	[mu.wu.ʔi.ti]	*seco*
moveuti	[mɔ.wɛ.u.ti]	*pente*
movo'iti	[mɔ.wɔ.ʔi.ti]	*secar*
mowoiti motoke	[mɔ.wɔ.ti mɔ.tɔ.kɛ]	*couro seco*
mukooti	[mu.kɔɔ.ti]	*inchar*
mukooti	[mu.kɔɔ.ti]	*furúnculo*
mukoti heve	[mu.kɔ.ti he.wɛ]	*pé inchado*
mumukiati	[mu.mu.ki.â.ti]	*mosquitinho de olho*
munsun	[mũ.sũ]	*cobra do barro*
murika	[mu.ri.ka]	*burro, asno*
múxone	[mu.ʃɔ.nɛ]	*amigo, esposa*
muya 'iti	[mu.ja.hɨ.ti]	*macio, liso*
muyo	[mu.jɔ]	*corpo, colo*

N

nakaku	[na.ka.ku]	*arroz*
nakati	[na.ka.ti]	*colar*
nakeyeye	[na.kɛ.jɛ.jɛ]	*como vai?*
nakoytie	[na.kɔj.ti:.ɛ]	*quando*
nâku	[na:.ku]	*onde esta?*
namuhixoane	[na.mu.hi.ʃwa.ti]	*apalpar*

namukɔne yuku	[na.mu.ka.nɛ ju.ku]	*deixa pegar fogo*
namukoati	[na.mu.kwa.ti]	*pegar*
namukone yuku	[na.mu.kɔ.nɛ ju.ku]	*incendiar*
namukoti	[na.mu.kɔ.ti]	*ganhar*
namukoti hurâti	[na.mu.kɔ.ti hu.ɾaː.ti]	*parteira*
namukurikoxe	[na.mu.ku.ɾi.kɔ.ʃe]	*tronco do coqueiro*
namukurite	[na.mu.ku.ɾi.tɪ]	*coqueiro*
naranga	[na.ɾã.ŋga]	*laranja*
natakai	[na.ta.kaj]	*minhoca*
nâti	[naː.ti]	*cacique*
nâti varututu	[naː.ti wa.ɾu.tu.tu]	*urubu-rei*
natiti	[na.ti.ti]	*telhado*
naum	[na.ũ]	*carne*
naum oe	[na.ũ ʔɔ.ɛ]	*gengiva*
nawoutiti	[na.wɔ u.ti.ti]	
nawowo	[na.wɔ.wɔ]	*onde*
neiuhoiekuri	[nɛ.ju.hɔ.jɛ.ku.ɾi]	*perdão*
nekexoâti	[nɛ.kɛ.ˈʃwaa.ti]	*pegar, catar*
nekexoti	[nɛ.kɛ.ʃɔ.ti]	*catar, colher, escolher*
nêne	[nɛː.nɛ]	*língua*
neneti	[nɛ.nɛ.ti]	*mentiroso*
newoi	[nɛ.wɔj]	*algodão*
nexapu	[nɛ.ʃa.pu]	*cuidado*
nexewokoti	[nɛ.ʃɛ.wɔ.kɔ.ti]	*espelho*
nexinawaka	[nɛ.ʃi.na.wa.ka]	*dourado*
nika waka	[ni.ka wa.ka]	*pasto*
nikaxoati	[ni.ka.ʃwa.ti]	*dar de comer*
nikooti	[ni.koː.ti]	*comer, almoçar*
nimorukoati	[ni.mɔ.ɾu.kwa.ti]	*lamber*
niôti ipixoti	[ni.oː.ti]	*planta medicinal*
nipati	[ni.pa.ti]	*guloso*
nium	[ni.ˈũm]	*mosquito, pernilongo*
nîye	[niː.jɛ]	*urucu*
niyerere	[ni.jɛ.rɛ.ɾɛ]	*lodo*
no’e	[nɔ.ʔɛ]	*cintura*
no’e koe	[nɔ.ʔɛ kɔɛ]	*sumiu*
noieno	[no.jɛ̃.nɔ]	*aonde vai?*
nomukoati	[nɔ.mu.kwa.ti]	*receber*
non non	[ɲõ .ɲõ]	*crista*
noneku	[nɔ.nɛ.ku]	*na frente*
noneku	[nɔ.nɛ.ku]	*santo*
noneti	[nɔ.nɛ.ti]	*planta*

nonêti	[nɔ.neː.ti]	*rosto*
nono koye	[nɔ.nɔ kɔ.jɛ]	*agachado*
nonokoeti	[nɔ.nɔ.kɔ.ɛ.ti]	*abaixar*
nopowɔti maka	[nɔ.pɔ.wɔ.ti ma.ka]	*replantar*
notawa okovo	[no.ta.wa ɔ.kɔ.wɔ]	*esquecer*
notiti	[nɔ.ti.ti]	*sempre*
novoti	[nɔ.wɔ.ti]	*plantar*
noxoati	[nɔ.ʃwa.ti]	*ver; enxergar*
noxoti warututu	[nɔ.ʃɔ.ti wa.ɾu.tu.tu]	*agourento (enxergou o urubu)*
nôyo	[nɔː.jɔ]	*mandíbula, queixo*
num num	[ɲũm ɲũm]	*pombo*
numikoxoti	[nu.mi.ku.ʃɔ.ti]	*pescar*
numiku	[nu.mi.ku]	*anzol*
nutawa	[nu.ta.wa]	*galo*
nuwâke	[nu.waː.ke]	*mastigando*

O

ôe	[ɔj.ti]	*dente*
ôhikopeti	[ɔ.hi.kɔ.pɛ.ti]	*mamadeira dele*
ôho	[ɔː.hɔ]	*rato*
ohokexoti	[ɔ.hɔ.kɛ.ʃɔ.ti]	*toucinho*
ohokexoti	[ɔ.hɔ.ke.ʃɔ.ti]	*tosse*
ohonoeti	[ɔ.hɔ.nɔ.ɛ.ti]	*foi picado*
ohopu'iti	[ɔ.hɔ.pu.ʔi.ti]	*claridade, branco*
okono noneti	[ɔ.kɔ.nɔ nɔ.nɛ.ti]	*rama*
omâti	[ɔ.maː.ti]	*levar*
omehuati	[ɔ.mɛ.hwaː.ti]	*faro*
omewoti	[ɔ.mɛwɔ.ti]	*ladrão (xingamento)*
omexione	[ɔ.mɛ.ʃɔ.nɛ]	*coração, abdômem*
omexioti	[ɔ.mɛ.ʃɔ.ti]	*roubar, respirar*
omexoti	[ɔ.mɛ.ʃɔ.ti]	*ladrão*
omexovoti	[ɔ.mɛ.ʃo.wɔ.ti]	*fugir*
omomikoti	[ɔ.mɔ.mi.kɔ.ti]	*descansar*
omopati	[ɔ.mɔ.pa.ti]	*já levou*

onea	[ɔ.nɛ.a]	*cunhado*
onengoeku	[ɔ.nɛ.ngoj.ku]	*pedir um favor*
onomekovoti	[ɔ.nɔ.mɛ.kɔ.wɔ.ti]	*já sumiu*
onomikovoti	[ɔ.nɔ.mi.ko.wo.ti]	*sumir*
oope	[ɔː.pɛ]	*crâneo, osso*
ope heve	[ɔ.pɛ hɛ.wɛ]	*tornozelo*
opehokoti	[ɔ.pɛ.hɔ.kɔ.ti]	*penhasco*
opekeiko	[ɔ.pɛ.kej .ku	*axiala*
opeku	[ɔ.pɛ.ku]	*por baixo, no fundo*
openoti	[ɔ.pɛ.nɔ.ti]	*no fundo*
opetere	[ɔ.pɛ.tɛ.ɾɛ]	*coluna vertebral, cadeira*
opexerere	[ɔ.pɛ.ʃɛ.ɾɛ.ɾɛ]	*costela*
opoinevo xâne	[ɔ.pɔj.nɛ.wɔ ʃaː.nɛ]	*tribo*
oposikovoti	[ɔ.pɔ.si.kɔ.wɔ.ti]	*resolver*
oraxoti	[ɔ.ɾa.ʃɔ.ti]	*orar, rezar*
oreho	[ɔ.ɾɛ.hɔ]	*formiga quem-quem*
orekoti	[ɔ.ɾɛ.kɔ.ti]	*tomar, beber*
orikwati	[ɔ.ɾi.kwa.ti]	*estender*
oriti	[ɔ.ɾi.ti]	*demorar*
ôriti	[ɔː.ɾi.ti]	*demorado*
orixua	[ɔ.ɾi.ʃwa]	*xingar*
oro'okwati	[ɔ.ɾɔ.ʔɔ.kwa.ti]	*queimar*
orokoti	[ɔ.ɾɔ.kɔ.ti]	*roncar*
orokoti	[ɔ.ɾɔ.kɔ.ti]	*atear fogo, roncar*
orokovoti	[ɔ.ɾɔ.kɔ.wɔ.ti]	*queimada*
oropa	[ɔ.ɾɔ.pa]	*abelha*
oropeuti	[ɔ.ɾɔ.pew.ti]	*assado*
ôse	[ɔː.sɛ]	*avó*
ôti	[ɔː.ti]	*voar*
otokovo'iti	[ɔ.tɔ.kɔ.wɔ.ʔi.ti]	*ciumento*
ovati	[ɔ.wa.ti]	*ficar*
owoe	[ɔ.wɔj]	*jaboti*
owokoati	[ɔ.wɔ.kwa.ti]	*derramar*
owoku	[ɔ.wɔ.ku]	*casa*
owoku	[ɔ.wɔ.ku]	*morar*
owokuti	[ɔ.wɔ.ku.ti]	*casa*
owonukoati	[ɔ.wɔ.nu.kwa.ti]	*pisar*
oxene	[ɔ.ʃɛ.nɛ]	*caminho, estrada*
oxoâti	[ɔ.ʃwa.ti]	*tocando*
oxowone	[ɔ.ʃɔ.wɔ.ti]	*assar*
ôxu	[ɔː.ʃu]	*dedo*
ôxu	[ɔː.ʃu]	*avô dele*

ôxu hewe	[ɔː.ʃu hɛ.wɛ]	*dedão do pé*
ôxu vo'u	[ɔː.ʃu wɔ.ʔu]	*dedão da mão*
oye 'ekovone	[ɔ.jɛ ʔɔ.kɔ.wɔ.nɛ]	*cozido*
oyekoti	[ɔ.jɛ.kɔ.ti]	*cozinhar*
oyokore	[ɔ.jɔ kɔ.ɾɛ]	*girino*
oyonokuti	[ɔ.jɔ.nɔ.ku.ti]	*fazenda*

P

pa'axuati	[pa.ʔa.ʃwa.ne]	*enconendar*
pahapeti	[pa.ha.pɛ.ti]	*porta*
pâho	[paː.ho]	*boca*
pahokowoti	[pa.ho.ko.wo.ti]	*errado*
pana tikoti	[pa.na ti.kɔ.ti]	*raiz de pau*
pango	[pa.ngu]	*banco*
parâne	[pa.raː.nɛ]	*mosca*
parâti	[pa.ɾaː.ti]	*abrir*
parawa	[pa.ɾa.wa]	*arara*
parukoti	[pa.ɾu.kɔ.ti]	*relampejar*
pawau	[pa.wa.ũ]	*pavão*
pawkowoti	[paw.kɔ.wɔ.ti]	*errado*
paxixi	[pa.ʃi.ʃi]	*cesto*
paxovoti	[pɔ.ʃɔ.wɔ.ti]	*consultar*
paya iti	[pa.ja.ʔi.ti]	*grande, crescer*
payahiti	[pa.ja.hi.ti]	*grande, crescido*
payakuti	[pa.ja.ku.ti]	*largo*
payasoti	[pa.ja.sɔ.ti]	*grosso*
payu koe	[pa.ju kɔɛ]	*amassado*
peeno	[pɛː.nɔ]	*casa dele*
pehepaki	[pɛ.hɛ.pa.ki]	*codorna*
pehohi'ixuane yuho	[pɛ.hɔ.hi.ʔi.ʃwa.nɛ ju.ho]	*espalhar*
pehohui koine	[pɛ.hɔ.hu.i kɔj.nɛ]	*trair*
pehopoti	[pe.hɔ.pɔ.ti]	*ir embora, partir*
pepoke koe okovo	[pɛ.pɔ.ke kɔɛ ɔ.kɔ.wɔ]	*apavorado*
peu vou	[pe.u wo.ʔu]	*palma da mão*
peyo	[pɛ.jɔ]	*animal de estimação*

peyo kamo	[pɛ.jɔ ka.mɔ]	*cavalo dele*
peyo kaxe	[pe.jɔ.ka.ʃɛ]	*gavião grande, vermelho*
peyokope	[pɛ.jɔ.kɔ.pɛ]	*bagual*
piâti	[pi.aː.ti]	*2 (dois)*
pihe	[pi.hɛ]	*vá*
pihoti	[pi.hɔ.ti]	*ir*
pikokenoti	[pi.kɔ.kɛ.nɔ.ti]	*medroso*
pikoti	[pi.kɔ.ti]	*medo*
piritau	[pi.ɾi.taw]	*faca*
pîru	[piː.ɾu]	*peru*
pitiwoko	[pi.ti.wɔ.kɔ]	*cidade*
piwixu	[pi.wi.ʃu]	*gato*
piwixu ho'i	[pi.wi.ʃu hɔ.ʔi]	*gato do mato*
po'i	[pɔ.ʔi]	*outro*
po'i kaxe	[po.ʔi.ka.ʃe]	*no outro dia, depois*
po'u	[po.ʔu]	*cinza da brasa*
poehane	[pɔ.ɛ.ha.nɛ]	*é so*
pohi	[pɔ.hi]	*pato*
poho ndomune	[pɔ.hɔ ndu.mu.nɛ]	*adiante*
pohohu koyne	[pɔ.ho.hu kɔj.nɛ]	*que vive por aí*
pohokovoti	[pɔ.hɔ.kɔ.wɔ.ti]	*bravo*
pohone	[pɔ.hɔ.nɛ]	*passou*
pohopone	[pɔ.hɔ.pɔ.nɛ]	*já foi embora*
pohukovoti	[pɔ.hu.ko.wo.ti]	*nervoso*
pohukovoti	[po.hu.kɔ.wɔ.ti]	*atrasar*
pohukwati	[pɔ.hu.kɔ.ti]	*mandar*
pohuti	[pɔ.hu.ti]	*1 (um)*
pohuxovoti	[pɔ.hu.ʃɔ.wɔ.ti]	*solteiro, sozinho*
poiharoti	[pɔj.ha.ɾɔ.ti]	*depois de amanhã*
poikaxe	[pɔj.ka.ʃɛ]	*no outro dia*
poinum	[pɔj.nũ]	*outro, irmão, aquele*
poke'e	[pɔ.kɛ.ʔɛ]	*pedaço de terra, terreno*
poke'exa	[pɔ.kɛ.ʔɛ.ʃa]	*abaixo*
pôku	[pɔː.ku]	*cotia*
pone (inamati pone)	[pɔ.nɛ]	*broto (da árvore)*
ponojakwe	[pɔ.nɔ.ja.kwe]	*reto*
ponokoiti	[pɔj.nu.kɔ.i.ti]	*vá reto*

ponowoti	[pɔ.nɔ.vɔ.ti]	*reto*
porexoti	[pɔ.ɾɛ.ʃɔ.ti]	*dar, entregar, oferecer*
porukoti	[po.ɾu.kɔ.ti]	*relâmpago*
posikwati	[pɔ.si.kwa.ti]	*procurar*
pou koe	[pɔ.u kɔɛ]	*rachado*
powo	[pɔ.wɔ]	*ombro*
powoti	[pɔ.wɔ.ti]	*machado*
poxo koe	[pɔ.ʃɔ kɔɛ]	*aberto*
poxoko	[pɔ.ʃɔ.kɔ]	*outro lado*
pu'iti	[pu.ʔi.ti	*grosso*
pu'iti	[pu.ʔi.ti]	*grosso*
pu'iti hûra	[pu.ʔi.ti huː.ra]	*barrigudo*
puhi'ikoti	[pu.hi.ʔi kɔ.ti]	*cheio*
Puleu	[pu.lɛw]	*tipo de planta medicional*
pululu'iti	[pu.lu.lu.ʔi.ti]	*areia solta*
puoxokoko	[pu.ɔ.ʃɔ.kɔ.kɔ]	*magoar*
pupu'ina	[pu.pu.ʔi.na]	*moringa*
purapuxati	[pa.ɾa.pu.ʃa.ti]	*ter raiva*
purupu'iti	[pu.ɾu.pu.ʔi.ti]	*redondo*
purupu'iti	[pu.ɾu.pu.ʔi.ti]	*embolado*
putao	[pu.taw]	*botão*
puuyu	[puː.ju]	*joelho*
puyokoti	[pu.jɔ.kɔ.ti]	*fumar*
puyokovoti	[pɔ.si.kɔ.wɔ.ti]	*lembrar, provocar*

R

ramapu'ikwati	[ɾa.ma.pu.ʔi.kwa.ti	*forrar*
ramapui peti	[ɾa.ma.pu.i pet.i]	*coberura, forro (da casa)*
ramapui koe	[ɾa.ma.pu.i kɔɛ]	*está tampado*
ramapui kowoti	[[ɾa.ma.pu.i kɔ.wo.ti]	*veu da noiva*
ramoko	[ɾa.mɔ.kɔ]	*farinha de mandioca*
rapitaka	[ɾa.pi.ta.ka]	*castanha*
repenoti	[ɾɛ.pɛ.nɔ.ˈti]	*camisa*
ropokoti	[ɾɔ.pɔ.kɔ.ti]	*atacar*
ropokoti	[ɾɔ.pɔ.kɔ.ˈti]	*ferver*

S

saire'okowoti	[saj.ɾɛ.ʔɔ.kɔ.wɔ.ti]	*esta virando*
saire koti	[saj.ɾɛ.kɔ.ti]	*atravessado*
saire 'okoe	[saj.ɾɛ.ʔɔ.kɔɛ]	*virado*
sa'ire okovone	[sa.ʔi.ɾɛ ɔ.kɔ.wɔ.nɛ]	*do lado de lá*
sasa'iti	[sa.sa.ʔi.ti]	*limpo*
sairio 'iakae	[saj.ɾi.ʔɔ ja.kaɛ]	*virar*
severenon	[sɛ.vɛ.ɾɛ̃.nɔ]	*chifre*
sene	[sɛ.nɛ]	*urina*
seno	[sɛ̃ː.nɔ]	*fêmea, mulher*
seno kamɔ	[sɛ̃.nɔ ka.mɔ]	*égua*
sêrati	[sɛː.ɾa.ti]	*chorona, manhosa*
serenuâti	[se.ɾɛ̃.nu.aː.ti]	*laçar*
se'ere 'akapu	[se.ʔe.ɾe a.ka.pu]	*vire à esquerda*
sikuli	[si.ku.li]	*lacraia*
sii'a	[siː.ʔa]	*pica-pau*
se'ere 'akapu	[sɛ.ʔɛ.rɛ ʔa.ka.pu]	*vire à esquerda*
sikuli	[si.ku.li]	*lacraia*
sikikoxe	[si.ki.kɔ.ʃɛ]	*aroeira*
sionone isyukokoy	[si.ɔ.nɔ.nɛ i.su.kɔ.kɔj]	*beijo*
simone	[si.mɔ.nɛ]	*chegou*
siopoti	[si.ɔ.pɔ.ti]	*chegar*
siukoati	[si.u ko.aː.ti	*chupar*
siunoneti	[si.u.nɔ.nɛ.aː.ti]	*beijar no rosto*
soporo	[sɔ.pɔ.rɔ]	*milho*
su'uso	[su.ʔu.so]	*carneiro*
suenena	[su.ɛ.nɛ.na]	*pouco*
susoporo	[su.sɔ.pɔ.rɔ]	*palha de milho*
sîke	[siːke]	*fezes*
su'uso	[su.ʔu.sɔ]	*carneiro*
susoporo	[su.sɔ.pɔ.ɾɔ]	*palha de milho*

T

ta'am	[ta.ʔãm]	*anhuma, pavão (?)*
tâ'e	[taː.ʔe]	*papa-sebo*
takovoti	[ta.kɔ.wɔ.ti]	*arrotar*
takune	[ta.ku.nɛ	*cana de açúcar*
tamaxoti	[ta.ma.ʃɔ.ti]	*urtiga*

tamuku	[ta.mu.ku]	*cachorro*
tapi'i	[ta.pi.ʔi]	*galinha*
tapu'a	[ta.pu.a]	*tábua*
tarapixi	[ta.ɾa.pi.ʃi]	*moenda de cana*
tarauxwati	[ta.ɾa.u.ʃwa.ti]	*atravessar*
tau 'iti	[ta.u ʔi.ti]	*salgado*
taukopaati	[taw.kɔ.paa.ɪti]	*encontrar*
taukoti	[taw.kɔ.ti]	*vagina*
taukoeti	[taw.kɔ.ɛ.ti]	*salobra (água)*
teeno	[tɛː.nɔ]	*moça*
teeti	[tɛː.ti]	*pimenta*
teetu	[tɛː.tu]	*verruga*
teiapanoti	[tɛ.ja.pa nɔ.ti]	*dormideira (planta)*
teiooti	[tɛ.jɔː.ti	*envergonhar-se*
teiooti	[tɛ.jɔː.ti]	*orgulhar*
teioti	[tɛ.jɔ.ti	*envergonhar-se*
tetu koe kohe'e	[tɛ.tu kɔɛ kɔ.hɛ.ʔɛ]	*lua crescente*
tetukoti	[tɛ.tu.kɔ.ti]	*cortar*
teyuati xane	[te.ju.a.ti]	*sentir vergonha*
tiaapo	[[tʃi.aː.pu]	*diabo*
tiipe	[tiː.pɛ]	*veado*
tiiye	[tiː.jɛ]	*muçum*
tiketi	[ti.kɛ.ti]	*feijão andu*
tikoti	[ti.kɔ.ti]	*árvore, madeira*
tikua	[ti.kwa]	*tamanduá*
tilipoke	[ti.li.pɔ.kɛ	*cotovelo, tronco*
timorokoati	[ti.mɔ.ɾu.kwa.ti]	*lamber*
timuiu'iti [	ti.mu.ju.ʔi.ti]	*úmido, molhado*
tineru	[tʃi.ne.ru]	*dinheiro*
tipakoiti	[ti.pa. kɔ.i.ti]	*apertado*
tipuiuke koe	[ti.pu.ju.kɛ kɔ.jɛ]	*ajoelhar, ajoelhado*
tipuuke	[ti.puː.kɛ]	*jaguatirica*
tiuti motoke hoe	[ti.u.ti mɔ.tɔ.kɛ]	*cascudo (peixe)*
tiuviti	[ti.u wi.ti]	*está doce*
tiviti	[ti.wi.ti]	*duro, durar (?)*
tivo'okovoti	[ti.wɔ ʔɔ.kɔ.wɔ.ti]	*lamentar, ficar triste*
tôhe	[tɔː.hɛ]	*sino*
tokenowoti	[tɔ.kɛ.nɔ.wɔ.ti]	*engasgar*
tokeorexoti	[to.kɛ.ɔ.ɾɛ.ʃɔ.ti]	*esquentar no fogo*
tokerehi	[tɔ.kɛ.ɾɛ.hɨ]	*capim*
tokoe	[tɔ.kɔ.ʔɛ]	*sereno*

tokoe	[tɔ.kɔj]	*galinha d'angola*
tokoro	[tɔ.kɔ.ɾɔ]	*bugio (macaco)*
tono'iti	[tɔ.nɔ.ʔi.ti]	*cru*
tonoiti	[to.nɔ.ʔi.ti]	*dizer*
tonokoxovoti	[tɔ.nɔ.ku.ʃo.wɔ.ti]	*deitado*
tonono'iti	[tɔ.nɔ.nɔ.ʔi.ti]	*verde*
tononoiti	[tɔ.nɔ.nɔ.ʔi.ti]	*de vez, verde*
tôhe	[tɔː.hɛ]	*nambu*
tôko	[tɔː.kɔ]	*nuca*
tôpe	[tɔː.pɛ]	*espinho, agulha,carrapicho*
tôri	[toː.ɾi]	*calcanhar*
toremo	[tɔ.ɾɛ.mu]	*torresmo*
tororo	[tɔ.ɾɔ.ɾɔ]	*cabaça*
tororo kaxe	[tɔ.ɾɔ.ɾɔ ka.ʃɛ]	*timbó*
toukoe	[tow.kɔ.ɛ]	*rachado*
tovôti	[tɔ.wɔː.ti]	*urinar*
tu'iiti	[tu.ʔiː.ti]	*rede*
tuketi ehe'u	[tu.kɛ.ti ɛ.hɛ.ʔu]	*cobrir*
tukone 'ipa'u	[tu.kɔ.nɛ ʔi.pa.u]	
tukone ipou	[tu.kɔ.nɛ.ʔi.po.ˈu]	*agasalhar*
tukopone isoneum	[tu.kɔ.po.nɛ i.sɔ.nɛ.ũm]	*arrepender*
tukovoti	[tu.kɔ.wɔ.ti]	*soluço*
tumune	[tu.mu.nɛ]	*frente*
tunukuxovoti	[tu.nu.ku.ʃɔ.wɔ.ti]	*deitar*
tupiri'okoviti	[tu.pi.ɾi.ʔɔ.kɔ.wɔ.ti]	*dobrar*
turixeati	[tu.ɾi.ʃɛ.a.ti]	*começar*
tuti 'ixaté	[tuː.ti ʔi.ʃa.tɛ]	*palha de bacuri*
tutikoti	[tu.ti.kɔ.ti]	*folha*
tûtu pindó	[tuː.ti pi.ndɔ]	*folha de pindo*
tutunaka	[tu.tu.na.ka]	*ferro*
tûti	[tuː.ti]	*cabeça*
tûti yié	[tuː.ti ji.jɛ]	*fio de cabelo*
tûtu	[tuː.tu]	*mão de pilão*
tayaponoti	[ta.jɛ.pɔ.nɔ.ti]	*vergonhoso*

U

uha'iti	[u.ha.ʔi.ti]	*iluminar*
uha'iti	[u.ha.ʔi.ti]	*brilhar*
uhaaxo	[u.ha.ʃɔ]	*real*
uhakoeti	[u.ha.kɔ.ɛ.ti]	*tudo*
uhapu'iti	[u.ha.pu.ʔi.ti]	*clarear*
uhe ekoti	[u.hɛ ʔɛ.kɔ.ti]	*enfeitado, elegante*
uhe'ekoti	[u.hɛ.ʔɛ.kɔ.ti]	*beleza, colorido*
uhêne	[u.hɛː.nɛ]	*já estou com sono*
uheti	[u.hɛ.ti]	*paladar, gostoso*
uhiti	[u.hi.ti]	*mato*
uhokovoti	[u.ho.kɔ.wɔ.ti]	*bravo*
uhoro	[u.hɔ.ɾɔ]	*buraco*
ûke	[uː.kɛ]	*olho*
uke'eti	[u.kɛ.ʔɛ.ti]	*acabar*
ukekaxe	[u.kɛ.ka.ʃɛ]	*pôr do sol*
uko	[u.kɔ]	*chuva*
ukore	[u.kɔ.ɾɛ]	*pilão*
ukoy	[u.kɔj]	*lobinho*
ukukoti	[u.ku.kɔ.ti]	*casca*
uhe'ekoti	[u.hɛ ʔɛ.kɔ.ti]	*bonito*
ukwoâti	[u.kwaː.ti]	*cabeça de prego*
ulalapuiti	[u.la.la.pu.ʔi.ti]	*careca*
umoti	[u.mɔ.ti]	*demorado*
unai	[u.naj]	*dono, proprietário*
unati	[u.na.ti]	*bom*
unati koyku	[u.na.ti koj.ku]	*importante*
unatiti	[u.na.ti.ti]	*amoroso, atencioso, comportado*
undi	[uː.ndʒi]	*eu*
une	[u.nɛ]	*água*
uhiti	[u.hi.ti]	*guanchuma*
unena	[u.nɛ.na]	*mina d' água*
ukuti	[u.ku.ti]	*gripe*
uoykone	[u.ɔj.kɔ.ne]	*espumar*
upenoti	[u.pɛ.nɔ.ti]	*fundo*
upooriti	[u.pɔː.ɾi.ti]	*magro, outra pessoa*
urakukwa paho	[u.ɾa.ku.kwa]	*desdentado*
urapiti	[u.ɾa.pi.ti]	*nu*
urukuvoti	[u.ɾu.ku.wɔ.ti]	*entrar*
useu	[u.sɛ.u]	*que*
ûto	[ʔuː tɔ]	*prato*
uuke	[uː.kɛ]	*olho*

uuro	[uː.ɾɔ]	*umbigo*
uuti	[uː.ti]	*nós*
uuto	[uː.tɔ]	*prato*
uvoykoti	u.wɔj.kɔ.ti]	*espumado*
uyaka	[u.ja.ka]	*sucuri*
uyakoti	[u.ja.kɔ.ti]	*fumar*
uyoponoati	[u.jɔ.pɔ.no.a.ti]	*buscar*
ukuti	[u.ku.ti]	*gripe*
uhaketi	[u.ha.kɛ.ti]	*brilhoso*
ûsi	[uː. si]	*vagina*
ulalano	[u.la.la.nɔ]	*pescoço pelado*
unhun	[u.ɲũ]	*mutum*

W

wahakixoti	[wa.ha.ki.ʃɔ.ti]	*micose*
wvahaxoti hewe	[wa.ha.ʃɔ.ti hɛ.wɛ]	*bicho de pé*
waheha	[wa.hɛ.ha]	*aranha*
wahere	[wa.hɛ.ɾɛ]	*azarado,esquisito, ruim*
wahere	[wa.hɛ.ɾɛ]	*feio*
wahere koe	[wa.hɛ.rɛ kɔ.ɛ]	*que não presta*
wahere koyne koyku	[wa.hɛ.ɾɛ kɔj.nɛ kɔj.ku]	*incomodar*
wahere muyo karineti	[wa.hɛ.ɾɛ mu.jɔ ka.ɾi.nɛ.ti]	*catapora*
waka	[wa.ka]	*vaca, gado*
waka vaka	[wa.ka wa.ka]	*borboleta*
wakaxu	[wa.ka.ʃu]	*capivara*
wakoku	[wa.ko.ku]	*couro*
wakuti	[wa.ku.ti]	*largo*
wanexuati	[wa.nɛ.ʃwa.ti]	*comprar*
wanuke	[wa.nu.kɛ]	*céu, em cima*
wanuke'exoti	[wa.nu.kɛ.ʔɛ.ʃɔ.ti]	*subida*
warâpa	[wa.raː.pa]	*garapa*
waraka	[wa.ɾa.ka]	*saracura*
waratakaka	[wa.ɾa.ta.ka.ka]	*jacu*
warekovoti	[wa.ɾɛ.kɔ.wɔ.ti]	*pentear-se*
warereati	[wa.ɾɛ.ɾɛ.a.ti]	*Rasgar, arranhar*
waruti	[wa.ɾu.ti]	*largo*
warututu	[wa.ɾu.tu.tu]	*urubu*
wateke ivirikopeti	[va.tɛ.kɛ i.vi.ɾi.kɔ.pɛ.ti]	*remo*
watutu	[wa.tu.tu]	*seriema*
waukoti	[wɔ.u.kɔ.ti]	*grito*

waviira	[wa.wiː.ɾa]	*guavira*
waxikita	[wa.ʃi.ki.ta]	*bode, cabrito*
wayâu	[wa.jaː.u]	*lesma*
wayaho	[wa.ja.hu]	*cervo*
wayaho	[wa.ja.ho]	*servo*
wayuy	[waj.uj]	*nossa festa*
weiuati yuku	[wej.ua.ti ju.ku]	*ir tirar lenha*
werekeke	[wɛ.ɾɛ.kɛ.kɛ]	*perereca*
wetekeke	[wɛ.tɛ.kɛ.kɛ]	*jacaré*
wetekeke	[we.tɛ.kɛ.kɛ]	*jacaré*
weya ayakea	[wɛ.ja a.ja.kɛ.a]	*castrar*
weyati iko yuku	[we.ja.ti i.kɔ ju.ku]	*buscar lenha*
weywane ipovo	[wɛj.wa.nɛ i.pɔ.wɔ]	*despir-se*
wikoku	[wi.kɔ.ku]	*poço*
wimokoti	[wi.mo.ko.ti]	*vamos dormir*
winikone	[wi.ni.kɔ.nɛ]	*nosso amigo*
wipuxovoko	[wi.pu.ʃɔ.wɔ.kɔ]	*nossa aldeia*
wirivoto	[wi.ɾi.wɔ.tɔ]	*socó*
wisi	[wi.si]	*gafanhoto, grilinho*
witête	[wi.tɛː.tɛ]	*morcego*
witixoati	[wi.ti.ʃwa.ti]	*juntar*
wituka	[wi.tu.ka]	*bem-te-vi*
wituke	[wi.tu.kɛ]	*nosso trabalho*
wixonexuâti	[wi.ʃɔ.nɛ.ʃwaː.ti]	*temperar*
wo'u	[wɔ.ʔu]	*braço*
wôma	[wɔː.ma]	*jatobá*
wonoyu owokuti	[wɔ.nɔ.ju ɔ.wɔ.ku]	*piso da casa*
wopo	[wɔ.pɔ]	*sapo*
woreho	[wɔ.ɾɛ.hɔ]	*formigão*
worekoti	[wɔ.ɾɛ.kɔ.ti]	*beber chimarrão (tereré)*
worîri	[wɔ.ɾiː.ɾi]	*chuvisco*
woriri	[wɔ.ɾi.ɾi]	*granizo, neblina*
woykone	[wɔj.kɔ.nɛ]	*ensaboou*
woykone paho	[wɔj.kɔ.nɛ]	*babar*
woykoti	[wɔj.kɔ.ti]	*ensaboar*
woyokore	[wɔ.jɔ.kɔ.ɾɛ]	*bagre*
woyôre	[wɔ.jɔː.ɾɛ]	*inhame*
weyati	[we.ja.ti]	*descascar*
vateke	[wa.tɛ.kɛ]	*canoa*

X

xari	[ʃa.ɾi]	*jandaia*
xa'i	[ʃa.ʔi]	*fumo*
xaane	[ʃaː.nɛ]	*gente, pessoa*
xaneati	[ʃa.nɛ.a.ti]	*acompanhar*
xanena	[ʃa.nɛ.na]	*mistura*
xapâu	[ʃa.paː.u]	*mamão*
xe'exa	[ʃɛ.ʔɛ.ʃa]	*bebê, nenem, filhote,ovo*
xe'o koe	[ʃɛ.ʔɔ kɔ.ɛ]	*em pé*
xe'o koyene	[ʃɛ.ʔɔ kɔ.jɛ.nɛ]	*parou*
xene	[tʃɛ.nɛ]	*caminho*
xenê	[ʃɛ.nɛː]	*seio, peito*
xepelopenoti	[ʃɛ.pɛ.lɔ.pɛ.nɔ.ti]	*escorpião*
xerereko	[ʃɛ.ɾɛ ɾɛ.ku]	*à margem, à beira de*
xexa vaka	[ʃɛ.ʃa wa.ka]	*bezerro*
xeyaxoti kohe'e	[ʃɛ.ja.ʃɔ.ti ko.he.ʔe]	*lua cheia*
xî koye	[ʃiː.kɔ.jɛ]	*chiar*
xikixiki	[ʃi.ki.ʃi.ki]	*gafanhoto grande*
xirixina	[ʃi.ɾi.ʃi.na]	*gordura, sebo*
xirixiri	[ʃi.ɾi.ʃi.ɾi]	*beija-flor*
xiuxiu	[ʃiw.ʃiw]	*gralha, fura-ovo (pássaro)*
xo'opeti	[ʃɔ.ʔɔ.pɛ.ti]	*passear*
xoenoem	[ʃɔ̃j̃.ñɔ̃j]	*ano*
xokexoati	[ʃɔ.kɛ.ʃwa.ti]	*debulhar*
xorexo	[ʃɔ.ɾɛ.ʃɔ]	*canário*
xoreyxo	[ʃɔ.ɾɛj.ʃɔ]	*sabiá, tico-tico*
xorono	[ʃɔ.ɾɔ.nɔ]	*pomo-de-adão*
xovoku koe	[ʃɔ.wɔ.ku kɔ.ɛ]	*de bruços*
xowo'iti	[ʃɔ.wɔ.ʔi.ti]	*chapéu*
xowoxowo	[ʃɔ.wɔ.ʃɔ.wɔ]	*caboré*
xuaneye	[ʃwa.nɛ.jɛ]	*faça isso*
xuku'oy	[tʃu.ku.ʔɔj]	*onça*
xukupiti	[tʃu.ku.pi.ti]	*andorinha*
xukûyo	[ʃu.kuː.jɔ] ~ [tʃu.kuː.jɔ]	*joão-de-barro*
xulixuli	[ʃu.li.ʃu.li]	*abelha jati*
xuluuke	[ʃu.luː.kɛ] ~ [tʃu.luu.kɛ]	*tatu peludo*
xunako	[ʃu.na.kɔ]	*força*
xupão	[ʃu.pãw]	*bicho barbeiro*
xupu	[tʃu.pu]	*mandioca*
xupunu	[ʃu.pu.nu] ~ [tʃu.pu.nu]	*costas*

xurokuno	[ʃu.ɾɔ.ku.nɔ]	*coxa*
xuronum	[ʃu.ɾɔ.nũ]	*papada*
xurotoko	[ʃu.ɾɔ.tɔ.kɔ]	*cupim*
xuruno	[ʃu.ɾu.nɔ]	*panela*
xururukoti	[tʃu.ɾu.ɾu.kɔ.ti]	*trovão*
xutoxopeti	[ʃu.tɔ.ʃɔ.pɛ.ti]	*lousa, quadro negro*
xuyukeku	[ʃu.ju.kɛ.ku]	*rim*
xunati	[ʃu.na.ti]	*corajoso, forte*
xunati muyo	[ʃu.na.ti mu.jɔ]	*forte*
xuxu koe	[ʃu.ʃu koɛ]	*agachar*

Y

ya	[ja]	*em, no*
Yahyka	[ja.hɨ.ka]	*Amamentar*
yakaye	[ja.ka.jɛ]	*quieto*
yakono	[jɛ.kɔ.nɔ]	*lá*
yamati hoe	[ja.ma.ti hɔ.ɛ]	*socó*
yamati koyuyeti	[ja.ma.ti kɔ.ju.jɛ.ti]	*festeiro*
yamatiike	[ja.ma.ti.kɛ]	*mamangava*
yapahiti	[ja.pa.hɨ.ti]	*leve, boiar*
yapahyti	[ja.pa.hɨ.ti]	*pulmão*
yapu'ixatisike	[ja.pu.ʔi.ʃa.ti.si.kɛ]	*besouro*
yatikeneye	[ja.ti.kɛ.nɛ.jɛ]	*antigamente*
yatikotine	[ja.ti.kɔ.ti.nɛ]	*com o pau, graveto*
yavau	[ja.wa.u]	*caracol*
yeeno	[jɛː.nɔ]	*sua esposa, seu esposo*
yehi	[jɛ.hi]	*dez*
yekoteno	[jɛ.kɔ.tɛ.nɔ]	*velho, idoso*
yetore	[jɛ.tɔ.ɾɛ]	*louco, brincalhão*
yie	[ji.ɛ]	*fio*
yioti	[ji.ɔ.ti]	*noite*
yokone	[jɔ.kɔ.nɛ]	*venha*
yomo tapi'i	[jɔ.mɔ ta.pi.ʔi]	*gavião*
yomoti	[jɔ.mɔ.ti]	*baile*
yoni'ikwaati	[jɔ.ni.ʔi.kwaː.ti]	*agradar*
yonooti	[jɔ.nɔː.ti]	*andar, viajar*
yonotiniko	[jɔ.nɔ.ti. ni. kɔ]	*vigiar*
yôti xowoti	[jɔɔː.ti.]	*chorão*
yoporoxuati	[jɔ.pɔ.ɾɔ.ʃwa.ti]	*costurar*

yora'ikoti	[jɔ.ɾa.ʔi.kɔ.ti]	*namorar*
yôti	[jɔː.ti]	*noite*
yowire	[jɔ.wi.ɾɛ]	*lobo*
yoyoti	[jɔ.jɔ.ti]	*trovão*
yuho'ikoti	[ju.hɔ.ʔi.kɔ.ti]	*ler, está lendo*
Yuho'iâti	[ju.hɔ.ʔi.aː.ti]	*fofoqueira*
yuho'ixoti	[ju.hɔ.ʔi.ʃɔ.ti]	*namorar*
yuhoykwati	[ju.hɔj.kwa.ti]	*orientar*
yuhoyutia ngoyku	[ju.ho.ju.ti.a ngoj.ku]	*Deus*
yukâke	[ju.kaː.ke]	*pulgão*
yuki	[ju.ki]	*sal*
Yukilu	[ju.ki.lu]	*tararuga*
yuku	[ju.ku]	*lenha, fogo, luz*
yukui	[ju.ku.i]	*pamonha*
yukurea	[ju.ku.ɾɛ.a]	*sombra*
yûma	[juː.ma]	*polvilho*
yumataxowoti	[ju.ma.ta.ʃɔ.wɔ.ti]	*cheio*
yumoomo	[ju.mɔɔ.mɔ]	*lama*
yumopoati	[ju.mɔ.po.a.ti]	*responder*
yunae	[ju.na.ɛ]	*lagarta*
yunukoti	[ju.nu.kɔ.ti]	*contar*
yuparirikowoti	[ju.pa.ɾi.ɾi.ko.wo.ti]	*afundar*
yupaxowoti	[ju.pa.ʃɔ.wɔ.ti]	*assustar*
yupô'iti	[ju.pɔ.ʔi.ti]	*pálido*
yuponine	[ju.pɔ.ni.nɛ]	*amanhecer*
yuponiti	[ju.pɔ.ni.ti]	*cedo*
yurokoke	[ju.ɾɔ.kɔ.kɛ]	*espora do galo*
yurokokonoti	[ju.ɾɔ.kɔ.kɔ.nɔ.ti]	*assassinar*
yusiko koe	[ju.si.kɔ kɔ.ɛ	*desbotado*
yutapa	[ju.taː.pa]	*tesoura*
yutoeti	[ju.to.ɛ.ti]	*letra*
yutokenoti	[ju.tɔ.kɛ.nɔ.ti]	*picada de peçonhentos*
yutoxoti	[ju.tɔ.ʃɔ.ti]	*pintar*
yutoxoti	[ju.tɔ.ʃɔ.ti]	*copiar, escrever*
yuxuxukowoti	[ju.ʃu.ʃu.kɔ.vɔ.ti	*agachar*
yusake	[ju.sa.kɛ]	*gafanhoto*

ANEXO 2

Lista de palavras de João Severiano da Fonseca (1899: 110-14)

Esta é a lista de palavras citada por Fonseca (1899), acreditando ter coletado os dados de um falante da língua kinikinau.

Segunda coluna: língua Kadiwéu[27]
Terceira coluna: língua kinikinau – pesquisa atual, de campo.

Kinikinau (João Severiano)	Guaicuru Kadiwéu	Kinikinau Ilda	Glossa
hiaxirátake	aciga	opekeyku	axila
jenipreónighi			aleitar (amamentar)
nibeighi		asisiko	ânus
uakilikêpa			ara
cutivina		waraka	aracuã
ivôco	niyale / ninhab	tikôte	árvore
nátigde		ko'oyene	hoje
enê		apeynoati	ter
adive-codenta		kasiana (ter pena)	tenha piedade de mim
sokirá	apiko	siukiri	beijo
coke-heikighe		ixenoyo	barba
jaháca	atipa	enowoti	beber
goniládge		tikoti	madeira (árvore)
lebinikéne		unati - exoketi	bom, beleza
coghuei-kékighi		kâke (t)	brinco
hinióIake	wlla-di	pâho	boca
bahá-hárade		wo'u	braço
niórxei		wetekeke	jacaré
caitxira		koweko	cateto (caitetu)
niguedaigue		kimoum	queixada
nipeh; naáila		takune	cana-de açúcar
caliocán		wayahu	cervo
apolican keuáladje	apolikGanGa	kamo	cavalo
hianiôde		tutîye	cabelo
cotámo		newoy	algodão
hiotóti-hénadge		anu	pescoço
romôke		tilipoke	cotovelo
oána, oxupána-oána		hititikuti	curto, estreito
nudadjo	lodajo	piritau	faca
aguir-caháurate		koyxoneti	curiosos (sabido)
natínigoi		harôti	amanhã
enianigodjigode		kiripuru	demônio
onuenatágode		yuhoyutia koyku	deus (ituko'owiti)
codohê	owe	ôe	dentes
hibáha-hárate		oxu wo'u	dedos das mãos
hibáha lodo			polegar
hielácadge			indicador
hibicôdge			médio
hibáha - hárate-			anelar

[27] Consulta feita a textos de Sandalo (2002) e (1997), Ver bibliografia.

oána			
hicocona-oana		oxu hewe	dedos do pé
edediánote		porexoti	dar
hiehóte	yo:te	imokoti	dormir
adohonái		ipowo	roupa, pano
nógodi (h); niógo (m)[28]		ûne	água
nodáki		kumâ	aguardente
noléghipa		porukoti	relâmpago
apá-cainighy		kipâe	ema
nighah-ani	Niganigi	kaliwôno	criança - sexo msc.
nighah-oána	Nigana	kaliwôno	criança - sexo fem.
hio-tôde	yote-di / hotêdí	kikere	estrela
jaôtro		Itukwati / indukwati	fazer, faço
helôde	iwa:lo	Kayma'iti sêno	mulher - casada
napiléke		tutunaka	ferro
hiáuvio	awiGo	sisiko	nádegas
hiónaghy		iye	fio
hiôna		ihîne	filha (menina)
nolédi	olle-di	yuku	fogo
hietôle		yetore	louco
hinioxoâte	noguíno	ayo	irmão
lebeiháke	weamm	kasati	frio
hiocode		pûyu	joelho
elérode		Hoyeno (homem)	gênero masculino
oliána		Seno (mulher)	gênero feminino
dabiléke		ikorokowoti	deslizar
jahá			garganta
helióde		hana'iti	grande
ediauha		karaoke	feijão
joti-hinôko		kiakaxe	ontem
helióde	elle:gi-wa	hoyeno	homem
cotivi-nhoar		waratakaka	jacu
nigdiôgo	geddyogo	xuku'oy	jaguar
cutxío	gôxilo	tipûke	jaguatirica
natínigoi		poyhewe	perna
hio; heiho		Undi,	eu, meu, minha
hiokélegui		nêne	língua
helióde		payakuti	vasto, largo, grande
ocráta		payahiti	longo
adjuáte			ele
hepenái	epenay / epenoim	kohê	lua
hiohôde	aqad	noyo	queixo, maxilar
honigha-xiuva	libaagadi	Wo'u	mão
cudeine	di:m:igi	owokuti	casa
hehelête			Memelles*
hio-ehene;hio-		nikôti	comer

[28] O autor distingue a palavra quando falada pelo homem (h) e pela mulher (m)

heneôde			
jaotra diónigue; diohe chacas		kaima'iti	casamento, casado
agopêlo		wahere	ruim, mau
metadnuâno	dotoegui	ipixaxoti	médico
hiedêde	edde:de / eniodo	êno	mãe
hio, nio	e:mm	Undi - induke	meu
hueh-tirah		mopoê	montanha
naginikin-hoar			mutum
himigo	migo	kiri	nariz
hiteixéque	-y:o		sobrinha do homem
hilédode			sobrinha da mulher
páhrate		kêno	orelhas
ódodae		ûhoro	umbigo
caátepa	Gatepa	kotepaka	pacu
jothah		koyuhoti	falar
hotráhe-xerah			paricur*
áte		kali xe'exa hoyeno	filhinho
álode		kali xe'exa sêno	filhinha
atáda	ata:	há'a	pai
naxacôna		ko'eru	papagaio
hibiháde	wyadi	hewe	pé
hueh-tirah		mopoe	pedra
hebike		uko	chuva
cáio		aynovó	veneno
cupi		Xûme aynowo	veneno p/ flecha
norogueghi	nogogegi	hôe	peixe
niaticógode	ateqoGod	xenêti	peito
nidjiéni		ipixaxoti	padre, xamã
idoleáu		oroko	ronco
nacah-diuah		nakaku	arroz
oya	laqae:di	koyxoy	serpente
oya-kehoá		uyâka	sucuri
oya-ojoi		Koexoe mote	espécie de cobra
niohálode	niwalo	peinun	irmã
allighêra	aliguegue	kaxe	sol
hioehéladge	aw:el:a	heweti	sapato
txihoh		wahere	tacanho ,esquisito
keuáladge		Mayane kamo	tapir, anta
otúareh			tatou *
álolah		ayakia	testículos
hiaquilo	akilo	tûti	cabeça
txinôho			tonnerre*
héuque		lupinône	traíra (peixe)
anhami	(aqa:mmi)	Îti - itike	tu, teu
ioéhe	(waqqomm)	hûrati	ventre
anadhéghere		natakay	minhoca
hiatôhe	atobi	nône	rosto

kekerehê	(gekko:Ge)	ûke	olho

ANEXO 3

Este anexo apresenta um trabalho realizado por jovens kinikinau, empenhados em colaborar com esta pesquisa. Por não terem conhecimento sobre uma possível literatura ancestral, traduziram, com a ajuda de falantes (pais, avós), alguns textos da literatura infantil brasileira. O trabalho de tradução não foi orientado tecnicamente, porque resultou de uma sugestão para que os jovens fossem colocados em contato com a língua kinikinau, e que os falantes pudessem usá-la, ainda que não num diálogo com outro falante, coisa que já está se tornando rara na aldeia.

TEXTO 1

A NUVEM
Lúcia Pimentel Goes
Tradução: Cleonice Roberto

Kapasi

Wanuke owo kapâsi
A nuvem estava no céu

Eyewoti, eyewoti
Era comprida, comprida

Keno'okohonowoti itipuíkawo kapasi
Veio o vento e enrolou a nuvem.
Itukowo epo'e
Ela virou uma bola

Yómoti komoheá itukowoti ho'openo kapasi
Gostou de brincar de virar e virou nuvem-bicho

Itukowo piwixu kapasi, konoum-kapasi, girafa-kapasi.
Foi nuvem-gato, nuvem coelho, nuvem girafa

kahatine kewea kapasi
Mas a nuvem gostava mesmo era de chover.

heha'itine mêum
Hehai koe. Hehai, hehai koe
Então escureceu. Ficou bem escura

hokowo énoti itamikexoti
Aí se transformou em milhares de gotinhas.
itomikexea torixeowo tomikexoti:
As gotinhas começaram a pingar:
he'o koe ihuxoti itukopowo xunati
Primeiro devagar, depois com força.
itukopowo êno ûko
Caiu uma chuvarada.

Tomikexoti ikorokowoti poke'e, nonêti xo flûu
e as gotas caíram na terra, nas plantas e nas flores.

enowoti eloketi une poke'e
A terra bebeu feliz a água .

nôneti xo flûu kawane sasa'iti hiko koepekoti mône
As plantas e as flores ficaram limpinhas e mataram a sede.

Haxati ûko itukowo êno ûne
e o que sobrou da chuva formou enxurrada.

Ahakowoti okoti kali huwe'o
Elas correram para os riachos

Kali huwe'o ahakowoti okoti huwe'o
Dos riachos correram para os rios

Namom pihone éno une
E depois para o mar

Keno'okone kaxe
E veio o sol

Kotuxotine énoti
Esquentou bastante

Tomikexoti uko ilukoti wanuke kuruho
As gotinhas da chuva subiram ao céu como vapor

Kuruhoti
Evaporaram.

Ipuhuko po'i kali kapâsi
Nasceu outra nuvenzinha

Pihó payá'itine, payá'itine
E foi crescendo, crescendo

Itukowo kapâsi po'í
Virou nuvem outra vez

Turixeowone komohiti kali kapasi :
A nuvenzinha recomeçou a brincadeira:

kapasi-ho'openo, kapasi epo'e, kapasi – TUMIKEXOTI ûko
de nuvem-bicho, nuvem-bola, nuvem-gota-de-chuva

TEXTO 2

ARARA! ARARA! ARARA!
Terezinha Casassanta

Traduzido por Genilson Roberto Flores
PARAWA!
PARAWA!
PARAWA!

Akomalika yonoti
hononо'iti parawa. uke'ene wanuke amukaya,
A longa viagem da arara azul terminou num coqueiro alto,
kukuke hoi koe parawa.
bem no meio da floresta.

-ako akainoye koyku owongu, konoxoa hanaiti kiwi
- não há nada como o cantinho da gente, murmurou a arara, fechando as enormes asas.
nepoka imokia
Pouco depois, estava dormindo.

Poinumaka koyé
Ipohuka yuponikoiti
Na manhã seguinte, saiu bem cedo.

Piho ikeneke peinu tikoti enoti fulûu
Ia atrás do companheiro,
Das árvores floridas.
Hiya'iti kali amukaya
Dos coquinhos amarelos,
Kasati ûne na huweo
da água fresca do rio.

Hanaiti kiwi honono'iti hiko
Uhai koye kaxé

Suas grandes asas azuis reluziam à luz do sol.

Ôti koekuti mêum
Depois de voar algum tempo,

Hononoiti Parawa nexoa
Heo koiti tikoti, hoi tikoti, fulûu ya poke'e
Arara Azul avisou árvores caídas por toda a parte.

Iôti kemomuane, poha owoku
Kemomuane po'i owoku
Galhos, frutas e flores pelo chão.
Aflita, olhava de um lado, olhava de outro ...

Piho yako ehewekeowo omixoné
Foi nesse instante que seu coração

kaliane xo koya
Ako ahikapu yako noxoa
quase parou. Perto dali, ela viu

Moxone ako aunati poke'e
o companheiro imóvel, tombado no chão.

keowo poxokoe kiwi
Suas asas abertas,

Kuti koe hehaiti yoti
eram escuras como a noite.

Koati honono'iti 'ixe omixone
Na plumagem azul do peito

Ape hana'iti harara'iti owin íti
havia uma grande mancha vermelha.

Ako akotipa noxea
Arara Azul mal acreditava no que via.

komomo'ixua xererekiu
heo koye exea
Olhou com atenção à sua volta.

kukuke fulûu kukuke tûtikoti

Pé ante pé, foi descobrindo, entre folhas e flores,
animais sem vida.

kapehapati! wauko koe honono'iti parawa
hî ay kai muyo, hononokoti

- Que covardia ! gritou Arara Azul,
arrepiada de horror.

iwata koye tikoti koxe
Agarrada num tronco,

nono koye tûti
baixou a cabeça,

ako ita onone omixone.
o coração estalando de dor.

Hehame koenua mêum
Xerereku
De repente, tudo escureceu à sua volta.
koiyene ika'a koye
No momento seguinte estava presa.

Exoa omokono
Sentiu que era carregada.

Komo yuhoti
Ouviu vozes:

- injopi keno okia ikeneke muxone ?
- *eu não disse que ela vinha*
Atrás do companheiro?

Unati koya pihe hôi
- É, foi bom ficar de tocaia no mato.
Kali ho'openo ako enoti
É uma ave muito rara.
Êno esai
Vale uma fortuna
Enotimo tinêru
Vai render um dinheirão!

Koyuhukono ipoheowo Parawa
Ikokowokuti kuweo kaminhão

Assim dizendo, colocaram a arara
numa jaula. E a jaula, dentro do caminhão.

Ako malika yonoku iyoti uké.
Depois, viajaram para bem longe.
Com os olhos marejados,

honono'iti parawa noxoa wekia
kukuke tikoti ehewekeowo
ehewekeowo …

Arara Azul via passar
As árvores da floresta
Depressa
Depressa
Cada vez mais depressa ...

Kawane owoné honono'iti
Parawa esaí ôro.
na cidade, Arara Azul foi vendida
a preço de ouro.

ko'yene he'ekoti utâna owoku
pohane exoketi owoku
Hoje ela vive no belo jardim
De uma bela mansão.
Tem um viveiro de luxo só para ela.

niko enowo unati nikokonoti
Come e bebe do bom e do melhor.

heo koya exokeya
Todos elogiam sua beleza rara.

hanaiti exowoku
É a grande atração da casa.

Heo koyti kaxe uturu koye,
ho'yeno kaliwone ikowoti
todos os dias
aparece um menino
sorrindo

ominuati wo'u soporo ake girassol
trazendo nas mãos

grãos de milho
e sementes de girassol.

Ma indukoa inzoneu
akomaka induka inzoneu
akomaka aunati
"ah! Se eu pudesse!", pensa o menino,
Mas não pode.

Ako xikoa xunati hoyeno kaliwono
o menino chama com força:

Parawa! Parawa! Parawa!
Arara! Arara! Arara!
honono ' iti Parawa wauko
Então Arara Azul grita,

wau wau koiti kahati
Grita o mais alto que pode,

komokinia xané pohuti kaxe
Na esperança de ser ouvida um dia:

Parawa! Parawa! Parawa!
-Arara! Arara! Arara!
Pohone komopowo
Mas só o eco responde:

Parawa! Parawa! Parawa!
Arara! Arara! Arara!

ACORDA ! BICHO HOMEM!

Imoko ho ' openo hoyeno?
Por que dorme tanto, bicho homem ?

Îti enomone maka ho ' openo
Se você também é um animal

wenoa heo koiti hôi teyuate koiyunuati
E sabe, como todos, que a natureza
tem de ser respeitada e protegida?

kutiyuwo hanaiti imokia
Por que nesse sono profundo,

Itukiati koykune koati koyxoneti
você se considera o único dotado de razão?

Kuti yuwa kahati uke'eya
Por que insiste em desmatar ,

oro'okia hôi
Incendiar matas e florestas,

Ipihia ihamuyoti huweo
em poluir rios e lagos comesgotos e detritos.

Koipekopowoti xuku'oy, yowire
Matando ou expulsando onças, lobos-guarás,

Huleketi-ho'openo, hô'e –wui, ka'i
Bichos-preguiças, peixes-bois, mico-leões

Tikua, sucuarana, kopiye, tope-kuré
Tamanduás, suçuaranas, tatus, ouriços,

Wetekeke, keno, parawa hiko?
Jacarés, falcões e araras ?

Yikapu ho'openo-hoyéno !
Acorde, bicho homem!

TEXTO 3

O bichinho da maçã
ZIRALDO

Kaneti maçã
Tradução: Cleosmar Roberto

Pohuti maçã eno harara iti
Era uma vez uma maçã muito vermelha

Pohuti kaneti kuweoko maçã
Era um bichinho que morava dentro dela

Eloketi okowo na imongowo
Ele era o bichinho mais alegre do mundo e adorava contar anedotas.

Yomoti koyuhohitineá exêti koemaiti mêum
Ee adorava inventar as histórias mais incríveis do mundo

Heu koiti etokoá eloketi exetina
E toda vez que ele contava seus casos alegres
yawane xane (unatiti ho ´openo) poke ´e macieira
ficava assim de gente (ou melhor, de bichos) debaixo da macieira
komoinoâti koyuhoati ekowoti
ouvindo ele falar e dando gargalhadas.

Uhe ´ekoti opé tikoti ongowo
O mundo era um paraíso em volta da sua árvore

Pohuti kaxe, uturukoiné pohuti ho´openo ako iteikuati
Um dia, apareceu um bicho que ele não tinha convidado

itike exetina yawane yuhaxowoti
para a sua sessão de histórias.

noixoá nône kali kaneti ituko isonêum:
E ficou olhando esquisito pro bichinho prestando atenção, assuntando.
O bichinho viu logo a cara dele e pensou:
"ape anékoti"
"aí tem coisa!"

po´inu hononoku ongowo yukuweu onwongu.
Poucos dias depois ele sentiu sua casa tremer,

Logo em seguida ouviu um estalinho e percebeu tudo:
Noxo enyoné ihanakoti
Ako motowa
Não deu outra!

ngaiparati maçã ihaixo hewe.
Sua maçã e ele acabavam de ser colhidos do pé.

omokonone (ako akaha yoneun) anêko witukoti xeti.
logo depois ele percebeu que estava sendo levado dali
(fazendo uma viagem que não queria fazer).
"tamos aqui, tamos no papo !"
isoneum koye
Ele pensou

yokomoma urukowone piaho pohuti ho´openo ako nonyeá.
E de fato:
Minutos depois, olha ele quase entrando pela boca a dentro de um bicho que ele nunca tinha isto antes...

ituko ixoné isoné: " ako ne etokaâti xane hiko hapaka xo tuti tikoti'
Aí ele pensou: "será que este pessoal não viu o aviso pregado no tronco da macieira ?"

"puweikono nikea maçã"
"é proibido comer a maçã"

ako inixa, ahiku koyanini te´akoti akotipo.
Por certo, não havia visto e, se havia, não estava muito a fim de obedecer

ewokeowo ewo ho´i eto´okewotimo:
koputukune uturukone xo janela kaxunakowoti:
Então ele percebeu que estava quase perdido e tomou suas providências:
Botou sua carinha para fora da janela e gritou com toda a força:

"ape xane!"
"tem gente!"

"ape ho´openo"
"tem bicho !"

apé eto´okoati waukoti :
"chiiii … ape ho´openo" kurikowoti maçã akomalika
Em resposta ele ouviu uma voz gritar:
"chiiii ... tem bicho !"
E a maçã foi jogada para o alto

apeti kali ho´openo kuweuke maçã ape hoyeno ako nika
E por causa do bichinho o homem não comeu a maçã.

elokene okowo
e todos foram felizes para sempre

neporé yuhoti kali ho´openo etó´okono ako angutipa awaina koyuhu hutinea.

esta história foi o próprio bichinho quem me contou. E eu estou desconfiado que foi ele que a inventou.

TEXTO 4

O menino

Kali hoyeno
Traduzido por : Cleosmar Roberto

Pohuti kaxe kali hoyeno yonoâti trem.
Era a primeira vez que o menino andava de trem.

Eloketi noekoâti locomotiva urukowo poke ' e,
Maravilhado ele vê a locomotiva entrar num túnel.

hehamiti uke ' ene eto ' okoa êno:
Quando a escuridão chega ao fim ele comenta com a mãe:

- yuponitineá?
- *Já é amanhã ?*

TEXTO 4

O burro
Traduzido por Cleosmar Roberto

MURIKA

ika ' akoâti kali murika
Amarraste o burrinho

xo koyoke arâme onwongu
bem na cerca de minha casa.

kerekia kali ho ' openo
Solte o bichinho,

epekoatimone ...
ele tem sede ...

epekoati hemakati ...
ele tem fome ...

apé kiwi ...
ele tem asa ...

TEXTO 5

A cidade

PITIWOKO
Traduzido por Cleosmar Roberto

Kali huti pitiwoko,
Era uma vez uma cidadezinha,
ênо yekoteno kali huti,
Dessas muito antigas, pequena,

apêti hiko cingu rua xama'iti hiko ako tukumonoxoa.
Mal tinha umas cinco ruas meio tortas e desencontradas.

Owokuti hiko xokoyoke rua heu koyti kali huti hiko xapakuke hiko
As casas nessas ruas eram quase todas baixinhas

Pohuti hiko piâti sobrado hanaiti owokuti ihakexowokuti po'i hana'iti owokuti ene koemaiti owone
No meio delas, uns dois sobrados, o casarão da escola e outro
Casarão muito feio,

Ikewoti ênо etunowo
com janelas gradeadas, onde ficava a cadeia.

Xokoyoke kalihuti pitiwoko ingele owone payaìti momâti heu koiti hapu'iti
A mior graça daquela cidadezinha era a igreja, que a gente até poderia chamar de igrejinha.
pahapiti honono'iti kutia yapati eno uhe'ekoti. Kali huti itukoáne ixone kali huti ingele xoko momâti

Pitiwoko ipara ihâ momâti exoketi.;
Talvez, por causa da igrejinha no morro, a cidade ganhou o nome de Morro Lindo.

Kali huti inguele uhe'ekoti momâti owone xoko ituneowo ako xoko ingele aunati,
A igrejinha que era linda, mas o morro ficou com a fama .

muyopeti mopo'e torre kemomoati wanuke aoeti muyopeti .
E não era dessas igrejas importantes, paredes de pedras com as torres apontando para o céu.
Kehokoti ênо únati. poke'e xo owoku torre ukea sino.

Tinha as paredes caiadas, eram muito simples, quadradinha, com uma torre também quadrada e bem debaixo do telhado da torre ficava o sino.

TEXTO 6

Infância
Carlos Drummond de Andrade

Traduzido por : Cleosmar Roberto

INDUKOWO KALIWÔNO

Nza'a ewe'exuâti kamon pihomeûm
Meu pai montava a cavalo, ia para o campo

ênо owone oyekoti
Minha mãe ficava cosendo.
Mboynu kali huti imokiá
Meu irmão pequeno dormia.

Undi mbohuxowoti hamoheu
Eu, sozinho, menino entre mangueiras

Xapaku kurapi komomo'ati
Xêti Robinson Crusoé
Lia a história de Robson Crusoé,
ewoti exetina ako uke'ene
comprida história que não acabava mais.

Xapaku kaxe hapu'iti luz póhuti imoum exôati emokoati xoko akomalika senzala.
No meio dia branco de luz uma voz que aprendeu a ninar nos longes das senzalas

ako'inutapa ahaxikua orekoa café
e nunca se esqueceu, chamava para o café.

café hehaiti kutiâti howenaina heha'iti
Café preto, que nem a preta velha,

uheti kafé, unati kafé.
Café gostoso , café bom.

Ênо owone oyekoti komomonoti
Minha mãe ficava cosendo, olhando para mim

- psiu ... ako keyukia kaliwôno
- psiu ... não acorde o menino.
Xoko berço na'owo imokua pohuti nium
Para o berço onde pousou um mosquito
xoko upenoti
e dava um suspiro ... que fundo!

Ako malika nza'a yonoti xoko hôi ako unzexo xoko fazenda

Lá longe meu pai campeava no mato sem fim da fazenda.

Ako undi wxotine exetina uhe ' ekoti xo Robenson Crusoé
E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusoé

TEXTO 7

Canto

IMOKOWOTI
Traduzido por : Cleosmar Roberto

Na minha janela
Induke janela

Imokoti kali tuxopati
pousou rapidinho
Kali ho ' openo
um passarinho
Induke pahôeti
Da sua passagem

Ikorokowo exe ' o
Caiu uma pena

Yutoxoa xêti
Escrevi com ela
Este poema

TEXTO 8

Negócio da roça
Traduzido por : Cleosmar Roberto

ITUKOWO KAWANE

- Wanenjua kamon 700 cruzeiros,
- ***Comprei um cavalo por 700 cruzeiros***
ngawaneina 900. ako imbara, ako enwone
Vendi por 900. Não ganhei nem perdi

- iti wanexuati 700 ngawaneina 900 nakotiye ako imbará, ako enwoné?

-***Mas como ? se você comprou por 700 e vendeu por 900, como é que você não ganhou nem perdeu ?***

- ako imbara, ako emnwone
- ***Não ganhei nem perdi***

- iti yukoyuha wanexo 700 ?
- ***você não disse que comprou por 700 ?***
- wanexoa
- ***Comprei.***
- ako ngawane 900?
- ***E não vendeu por 900 ?***
- ngawaneina
- ***Vendi***
- Keipara 200
- ***então, você ganhou 200.***
- ako imbara, ako enwone
- ***Não ganhei nem perdi.***
- ***Mas como ?***
- wanenjua kamon 700 ako morexopa,
- ***Comprei o cavalo por 700 contos e não paguei.***
-ngawoneina 900, ako mborexopina
Vendi por 900 e não me pagaram. Não ganhei nem perdi,
-ako imbora ako enwone.

TEXTO 9

Canção do vento e da minha vida
Traduzido por Cleosmar Roberto

Honowoti kahaixo tûti tikoti hiko

O vento varria as folhas,

Honowoti kahaixo ha'i hiko
O vento varria os frutos
Honowoti kahaixo fuluu hiko
O vento varria as flores ...

Induke vida owone eno
E a minha vida ficava cada vez mais cheia
ha'i hiko, fulu'u hiko, tutikoti hiko
de frutos, de flores de folhas

Imoum honowoti induke vida

TEXTO 10

O galo

Traduzido por : Cleosmar Roberto
NUTAWA

Êno mêum oronjokoa
Motoke ngeho'okoa. Enoti xunako ipuhukoti xexá tapi'i ûndi kali eherukoti
Induke kute hewe pohuti akoti xunako , induke exe'o timuyu'iti, mowo'iti.
Ûndi kutiâne pohuti kali epo'e hiya'iti ningoti ahakowoti, paya'iti
ko'oyene pohuti exoketi nutawa
O galo

Já faz muito tempo
Eu biquei a casca até ela se quebrar. Com muito esforço saí do ovo. Eu estava formadinho
Minhas pernas estavam um pouco fracas, minhas pernas estavam molhadas mas logo secaram
Eu parecia uma bolinha amarela. Fui comendo correndo e crescendo.
Hoje sou um belo galo

TEXTO 11
Galinha d´angola

TOKOE
Tradução de : Lindomar Ribeiro Fernandes

Mikuneke itukoane hoyeno kaliwôno honoti isone'exowoti yôxene
Um menino que andava pensativo em seu caminho

kali huti ho'openo poiti

um estranho bichinho

inamati ho'openo
uma ave diferente

po'iti kutia ixuane yuho
parecia dizer algo

kutimaka yuho?
O que ela está dizendo ?

Kexunaka yuho. Komomiti kaliwôno
Fale um pouquinho mais alto,

TEXTO 12

ÁGUAS
Manoel de Barros
Traduzido por: Elivelton Roberto

ûne

Desde o começo dos tempos águas e chão se amam.
Inuxuati to'ixowo meum ûne poke'e ngahapi

Eles se entram amorosamente e se fecundam
Enomone yu'ukapu omesone oko ahikapu

Nascem formas rudimentares de seres e de plantas, filhos dessa fecundação.
Ohono indukuá xuinati eweseko noneti xexa ewesekone

Nascem peixes para habitar os rios
E nascem pássaros para habitar as árvores
Ohono ho'e koko'iti xuikinu
Ohono ho'openo xuikinu tikoti

Águas ainda ajudam na formação das conchas e dos caranguejos
Ûne enomone dua'axa apéne eyone enone indukowo êno lo'o

As águas são a epifania da natureza.
Ûne ihomuyone ûne exone

Agora penso nas águas do Pantanal
Nos nossos rios infantes
Que ainda procuram declives para correr.
Indoko isoneum ûne huwe'o wituke
Wexone wopoxikuati heu ko'iti ahakowoti

Porque as águas deste lugar ainda são espraiadas para o alvoroço dos pássaros.
Êno ûne poke'e oke'ekone ho'openo xeoko'oko ho'openo

Prezo os espraiados destas águas com as suas beijadas garças
Konuxowoti ûne ohe'ekoti ho'openo

Nossos rios precisam de idade ainda para formar os seus barrancos
Para pousar em seus leitos

Wituke huweo apéne yiaku xainano inati itukowo inati
Ixowoko imokuane tukuane isone

Penso com humildade que fui convidado para o banquete esta água.
Insoneum kaliketi anzaxikokomo êno kokonoti na ûne

Porque sou de bugre
Porque sou de brejo
Itukenowo xane
Itukenowo yomono

Acho que as águas iniciam os pássaros
Acho que as águas iniciam as árvores e os peixes
Acho que as águas iniciam os homens. Nos iniciam
Eno ûne enone ho'openo
Eno ûne enone tikoti, ho'e
Eno ûne enone hoyeno

E nos alimentam e nos dessedentam
Nika ûti oiti

Louvo esta fonte de todos os seres, de todas as plantas, de todas as pedras.
Inamati openoti hiko heukoiti enoneti

Louvo as natências do homem do pantanal
Inamati notências hoyeno huweó

Todos somos devedores destas águas
Somos todos começos de brejos e de rãs.
Heuko hiko ûne heuko yomono

E a fala de nossos vaqueiros carrega murmúrios des águas
Enowakana wakeiro eherukuati murmurio ûne

Parece que a fala de nossos vaqueiros tem consoantes líquidas
E carrega de umidez as suas palavras
Koyuhone wakeiro apé enoyoka aimá unepá yupoxowo

Penso que os homens deste lugar são a continuação destas águas
Itukoti insoneum hoyeno omopora owongu korikoowati okowo ûne

TEXTO 13

A borboleta e a minhoca

Traduzido por: Marinalva de Albuquerque

WAKA-WAKA
KANÉ POKE'E

Enekopo heukoiti kaxe hiko
Era uma vez, todos os dias
Heu koiti owoku, pohuti waka-waka enoti totoro'iti
Em qualquer lugar, uma borboleta muito colorida
Kane poke'e marîpa akone ekono koexowoti
E uma minhoca da terra que viviam a reclamar.
Akone kinokoku hôi
Viviam pelos cantos da mata
Iyowoiti, hewe hiko
Choramingando, de patas
Kiwi kuruhuxowoti hiko
E de asas cruzadas,
Iyokomomá wokowo pehôti
Observavam a vida passar.

Kirôti owoku hiko
Va verdade é que viviam
Isunu'okowoti, hiko Kutia kaha hiko
Descontentes com o que eram

Komoti, hopune hiko yetohe hiko,
E sonhando com o que queriam ser

Eweakowoti imôkea.

Indukapu waka-waka,
Se eu fosse borboleta
Mani ondi ondi,
Voaria sempre e sempre
Xô fulûu fulûu heu koiti noxuati
De flor em flor
Hêu koiti oxoti,
Para tudo ver, e tudo tocar
Mani Ohêèkoti,
Seria mais que bonita
Insukoti ngiwi !
Seria esvoaçante
kotohô'iti, hiokexonati !
mais que colorida, seria dançante!
koe kaneti kanetina poke'e
dizia a minhoca da terra.

indukapu kaneti, haina maningoiti xo xene kotuti, poke'e xo ongowo
se eu fosse uma minhoca, rastejaria pelos caminhos e sempre a terra quentinha sob a minha barriga sentiria

eamba. kutiati karineti ako asuxapa komomonuti ako motowá komomiano
Seria mais que paciente e tão lenta ao me mover, que os que me vissem não poderiam me ver andar.

... aukopu waka-waka.
... repetia a borboleta

Enemone aha itukeowo,
Assim elas desejavam ser e
Ako aha ako itukeowo hopuxua
Embora desejassem, nada faziam, sonhavam
Pohuti itukeowo, itukeowo, ako exakaka
Ser uma a outra, mesmo sem se conhecerem
Eno exoneukiowo, ipekowo pohuti fada uhiti ainowoti itukoa zuá axo.

Enepone yôti ... kutiati poynun eno imokia. Pohuti ne pohuti
Itukene fada malikoane ehewokowoti itukeawo oxia koyuhoya:

- kutia itukowo kaxe
Yusakia kaxe,
Kane poke'e enemone waka-waka kutiane

Hopune, îti, waka-waka ne kane poke'e enoti
Uhîti

Yuponi kaxe sasa'iti exua esaí,
Torixowoké namukia,
Itokowone hanaiti huleketi
Isoneum pikokenoti

Koroyene waka-waka ako axuina ne kanepoke'e ipuhikia owoku
Pohuti poú kutiá isone okowoti hiko

Nakoiti yê akoya exa, pîho hiko
Epêmia kutia yuwa hopune ipokowo

Ne kane poke'e akohê ipuhikia yakô, akoti exa yuho yxia, ne hiko
Kiwi hiko ôya, ako exua nowokoxia
Fulûu nikia.
Ako itukiawo pohuti waka-waka.
Kutiati koiku ne waka-waka, koikune ayhikowati wanuke,
ko'oyene xerereku marîpa
ako enja yonjea onjene ako axuina nikokonoti

enemone etokopia

ndukoti inzoneum
izei kuati heru koiti kaxe
ako ûti exua itukia
fada ituke aukopiawo. Hixôpa ako apeya kaymahiti apeya koekuti yuho:

-ako ohikô itukia îti
Enepokô yuâti kuati itukoati motowane ne waka-waka.

Kutia vetokoati ako exa itukia
Awa xo'owo ku poinu, kuati
Konukuati, ûti okowexa
Koeku muyo ûti, koiti kanepoke'e.
Enepara kaxe ohîko yono hiko
Eloketi okowo hiko eno hiko kanepoke'e.
Hiko waka-waka hiko

Ohono karã yoporiowo
Exua enomone koe.